

Luiz Cláudio São Thiago de Melo Altenburg

**TRAJETÓRIA DE OSVALDO MELO NO SUBCAMPO
ESPÍRITA CATARINENSE NA PRIMEIRA METADE DO
SÉCULO XX**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito final para a obtenção do grau de Mestre em História Cultural.

Orientador: Prof. Dr. Rogério Luiz de Souza.

Florianópolis
2018

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do
Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Altenburg, Luiz Cláudio São Thiago de Melo

Trajetória de Osvaldo Melo no subcampo espírita
catarinense na primeira metade do século XX / Luiz
Cláudio São Thiago de Melo Altenburg ; orientador,
Rogério Luiz de Souza, coorientador, Norberto
Dallabrida, coorientador, Pedro Paulo Amorim, 2018.
133 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de
Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências
Humanas, Programa de Pós-Graduação em História,
Florianópolis, 2018.

Inclui referências.

1. História. 2. espiritismo . 3. trajetória. 4.
subcampo espírita . I. Souza, Rogério Luiz de. II.
Dallabrida, Norberto . III. Amorim, Pedro Paulo
IV. Universidade Federal de Santa Catarina.
Programa de Pós-Graduação em História. V. Título.

(Folha de Aprovação)

*Para meus pais Neda e Dieter, tia
Marina, Luciane, Tamara, Maria
Eduarda, Fernando e Thiago.*

AGRADECIMENTOS

Esta etapa foi concluída. Mas ela não foi concluída sozinha. Muitas pessoas estiveram envolvidas neste processo e por isso é necessário agradecer. Porque sozinho eu não conseguiria.

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em História (PPGHST) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), pelo acolhimento, apoio e pelas informações recebidas nesse período. Também um agradecimento aos professores e professoras do quadro.

Agradeço também a alguns lugares onde realizei as pesquisas para a dissertação: a Federação Espírita Catarinense (FEC), a Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina e ao Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina.

Um agradecimento especial ao meu orientador, Prof. Dr. Rogério Luiz de Souza. Pelas conversas, reuniões, apontamentos de leitura e correções enquanto a dissertação ia tomando forma. E também pelos e-mails de apoio e encorajamento quando eu me encontrava nervoso ou pensava que não daria conta.

Aos meus co-orientadores: Prof. Dr. Norberto Dallabrida, da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), e Prof. Dr. Pedro Paulo Amorim, da UNILASALLE. Pelas sugestões de melhoria para a minha dissertação e correções, tanto na Banca de Qualificação quanto na Banca de Defesa.

Ao querido amigo Thiago Rodrigo da Silva. Eu o conheci por acaso em 2014 e, um ano depois, estávamos estudando juntos para o processo seletivo de história da UFSC: ele para o doutorado e eu para o mestrado. Foram muitas conversas sobre a dissertação e sobre a História, muitas caronas de carro até Florianópolis, muitos almoços juntos. Sem dúvida, um dos grandes ganhos em minha vida foi ter a sua amizade.

Aos demais colegas que estudaram comigo durante as disciplinas do mestrado, pelas discussões durante as disciplinas, pelos cafés nos intervalos, almoços no RU, por saber que estávamos todos nesse mesmo barco.

Minha irmã Luciane, meu cunhado Cau e meus sobrinhos Maria Eduarda e João Augusto. A ajuda de vocês foi imprescindível e não teria conseguido sem ela. Obrigado por terem aberto sua casa e por me receber uma vez por semana durante um ano. Assim, pudemos nos aproximar e estreitar os laços. Um agradecimento ao meu outro sobrinho, Fernando, pelos almoços no RU e pelas conversas.

Aos meus pais, Neda e Dieter, minha admiração e carinho, dedico esta dissertação. Ao meu saudoso avô Orlando Ferreira de Melo, pelas conversas que permanecem comigo em minha memória. Minha inesquecível avó Branca Flor, dedico também este trabalho.

Durante o período do mestrado, tive uma perda: minha cachorra Cuca faleceu em agosto de 2017. Era nossa companhia e quando eu estava em Florianópolis nas aulas, ela estava com minha esposa em Blumenau. Dedico também a essa linda e saudosa cachorrinha o meu trabalho.

Quero agradecer para a pessoa que merece todos os agradecimentos, por estar comigo todos esses anos, por me incentivar, me dar umas “brincas” de vez em quando, por sempre apoiar o meu crescimento, tanto pessoal quanto profissional. Sem ela, eu também não teria conseguido. Ela viu meu lado ruim e o meu lado bom, ficou impaciente com minhas dúvidas e dificuldades durante o processo da escrita. A você, Tamara, meu muito obrigado. Esta dissertação também é sua.

Finalmente, agradeço a oportunidade de escrever sobre Osvaldo Melo. Foi um desafio fazer este trabalho, uma vez que somos parentes (ele é meu bisavô) e somos espíritas. Senti uma vontade muito grande de analisar sua trajetória usando conceitos acadêmicos e contribuindo para a história do espiritismo em Florianópolis.

RESUMO

Esta dissertação analisa a trajetória do jornalista Osvaldo Ferreira de Melo (1893-1970) dentro do subcampo religioso espírita de Florianópolis e Santa Catarina na primeira metade do século XX. Tendo como base os conceitos teóricos de campo, capitais e trajetória de Pierre Bourdieu, o trabalho analisa o contexto da cidade de Florianópolis nesse período, que recém havia deixado de ser uma capital de província e tinha desejos de civilidade e progresso; além disso, pesquisa a influência do catolicismo na cidade e de como esse fator contribuiu para a trajetória do pesquisado. Analisa também os livros espíritas escritos por Osvaldo Melo e como os referidos livros contribuíram para ele se tornar um intelectual dentro do subcampo religioso espírita; a atuação de Osvaldo Melo, representante dos espíritas em questões internas e em questões envolvendo o Estado; a fundação da Federação Espírita Catarinense; a relação de Osvaldo Melo com espíritas de outros estados e também com a Federação Espírita Brasileira, fatores que o tornaram um porta-voz autorizado do espiritismo.

Palavras-chave: espiritismo; subcampo espírita; trajetória.

ABSTRACT

This dissertation analyzes the trajectory of the journalist Osvaldo Ferreira de Melo (1893-1970) within the spiritist religious subfield of Florianópolis and Santa Catarina in the first half of the 20th century. Based on the theoretical concepts of field, capital and trajectory of Pierre Bourdieu, this work analyzes the context of the city of Florianópolis in that period, which had recently ceased to be a provincial capital and had desires for civility and progress; in addition, it investigates the influence of Catholicism in the city and how this factor contributed to the trajectory of the subject. It also analyzes the spiritist books written by Osvaldo Melo and how the mentioned books helped him become an intellectual within the spiritist religious subfield; the performance of Osvaldo Melo, representative of the Spiritists in internal affairs and issues involving the State; the foundation of Santa Catarina Spiritist Federation; the relationship of Osvaldo Melo with spiritists from other states and also with the Brazilian Spiritist Federation, aspects that made him an authorized spokesperson of Spiritism.

Keywords: spiritism; spiritist subfield; trajectory.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
2	OSVALDO MELO NO SEU CONTEXTO: A FORÇA DO CATOLICISMO E O SURGIMENTO DO ESPIRITISMO	27
2.1	UM ALUNO DO GINÁSIO CATARINENSE.....	27
2.1.1	Trajetória e vida familiar	27
2.1.2	Ginásio Catarinense como um marco da força do catolicismo no campo religioso	31
2.1.3	A criação da Diocese de Florianópolis	37
2.1.4	O poder político estava nas mãos de uma elite católica, mas o campo religioso era formado por luteranos, presbiterianos, ortodoxos e espíritas	43
2.1	UM ESPÍRITA NA SANTA CATHARINA DA PRIMEIRA REPÚBLICA.....	44
2.2.1	Espiritismo (França, Brasil, Santa Catarina) como doutrina da modernidade	44
2.2.2	Uma capital que se quer moderna	52
2.2.3	A atuação de Osvaldo como espírita na Primeira República	56
2.2.4	1926/1927 – Presidente do CEAHA, publica o primeiro livro, entra para a ALESC	68
3.	OSVALDO MELO NO SUBCAMPO ESPÍRITA CATARINENSE.....	71
3.1	OSVALDO MELO COMO INTELECTUAL ESPÍRITA....	72
3.1.1	O Heroísmo da Humildade, primeiro livro publicado	72
3.1.2	Sobrevivência e Comunicação dos Espíritos – a ênfase entre ciência e espiritismo.....	79
3.1.3	Epístolas aos Espíritas	94
3.2	OSVALDO MELO COMO PORTA-VOZ AUTORIZADO DO SUBCAMPO RELIGIOSO ESPÍRITA.....	106

3.2.1	A Homeopatia e o atendimento às famílias do CEAHA	106
3.2.2	Liga Catarinense Pró-Estado Leigo	107
3.2.3	Dois momentos de Osvaldo Melo em Blumenau (1934 e 1952)	110
3.2.4	A FEC.....	116
3.2.5	O Pacto Áureo de 1949	121
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	125
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	129

1 INTRODUÇÃO

Esta dissertação procura estudar Luiz Osvaldo Ferreira de Melo (1893-1970)¹, mais conhecido como Osvaldo Melo. Nascido em Florianópolis, foi jornalista, escritor, orador; esteve envolvido na política, foi funcionário da Assembleia Legislativa do Estado de Santa Catarina (Alesc), membro da Academia Catarinense de Letras (ACL) e do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina (IHGSC), além de maçom. Dentro das diversas facetas de sua trajetória², será analisada aquela em que obteve maior destaque: a de representante do movimento espírita do estado de Santa Catarina.

Osvaldo Melo foi espírita desde criança. Seu pai, Adolpho Melo, ajudou a fundar um dos grupos que formaram o Centro Espírita Amor e Humildade do Apóstolo (CEAHA) em 1910, primeiro Centro Espírita da cidade. Na década de 1910, Osvaldo Melo envolveu-se diretamente com as atividades do CEAHA e chegou a ser presidente em períodos alternados nas décadas de 1920, 1930 e 1940. Em 1945, participou da fundação da Federação Espírita Catarinense (FEC) juntamente com outros espíritas da capital e de Santa Catarina e se tornou o primeiro presidente da instituição, presidência essa que durou um período de 23 anos. Teve um envolvimento em âmbito nacional com o espiritismo e contribuiu com a Federação Espírita Brasileira (FEB). Como jornalista, escreveu durante décadas nos jornais *O Estado* e *A República*, periódicos nos quais tinha colunas semanais.

A motivação para fazer uma pesquisa ocorreu pelo fato de não haver estudos acadêmicos na área da História sobre Osvaldo Melo e o desenvolvimento do espiritismo³ em Florianópolis na primeira metade

¹ Aqui importa fazer uma diferenciação. Existe o Osvaldo Melo e o Osvaldo Melo Filho (1929-2011), filho de Osvaldo Melo. Osvaldo Melo Filho foi escritor, músico, pesquisador e professor universitário no curso de Direito da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Fez parte do Grupo Sul na década de 1950 e escreveu livros sobre cultura açoriana, folclore e Direito. Para esta dissertação, o objeto de pesquisa é o seu pai.

² Trajetória é um conceito usado por Pierre Bourdieu que alia os conceitos de capitais (simbólicos, culturais, sociais), dentro dos campos (exemplo: artístico, político, literário, religioso). A soma dos capitais determinará a posição do agente dentro de um determinado campo ou subcampo. Mais para a frente, o conceito de trajetória será abordado novamente.

³ Ao longo desta dissertação, a palavra “espiritismo” por vezes aparecerá com letra maiúscula, em outros momentos, com letra minúscula. Quando estiver com letra maiúscula, é porque fazia parte dos textos escritos por Osvaldo

do século XX. Os históricos que existem a seu respeito estão contidos nas reedições dos livros *Sobrevivência e Comunicação dos Espíritos* — publicado em conjunto entre a Federação Espírita Catarinense (FEC) e a Federação Espírita Brasileira (FEB) em 2009 — e *Epístolas aos Espíritos* — publicado pela FEC em 2013. Ambos foram produzidos pela FEC, órgão oficial do espiritismo catarinense. Esses históricos mostram Osvaldo Melo como uma pessoa predestinada, um líder inquestionável que levou a bandeira do espiritismo para Florianópolis e Santa Catarina e que nunca teve dúvidas ou receios durante sua trajetória de vida.

Esta dissertação objetiva questionar os históricos da FEC e se propõe a analisar Osvaldo Melo à luz das teorias de Pierre Bourdieu, procurando inseri-lo dentro de campos de relações com outras pessoas e outras instituições. Procura entender o seu *habitus* ou capital cultural incorporado, os investimentos familiares com que contou e a sua educação. Ao mesmo tempo, a dissertação analisa Osvaldo Melo, propondo entender o movimento espírita em Florianópolis na primeira metade do século XX, a implicação que esse fato teve para Osvaldo Melo, entender que atuação era essa, quais as características que possuía para ser reconhecido como liderança pelos seus pares, suas ideias defendidas, seu papel na imprensa, suas ações na política.

Analisando seus campos de relação, podemos refletir sobre o campo religioso de Florianópolis, campo majoritariamente católico. Assim sendo, busca-se analisar Osvaldo Melo dentro do subcampo religioso espírita na Florianópolis da primeira metade do século XX. Além do conceito de campo e de subcampo de Bourdieu, será também utilizado o conceito de trajetória do mesmo autor. Com a república recém-estabelecida no Brasil, o catolicismo também vai operar uma série de mudanças dentro de suas diretrizes, como estabelecer uma relação com o governo do estado e as elites locais para gerenciar o Ginásio Catarinense. Por ocasião da fundação desse Ginásio, Osvaldo Melo contava 12 ou 13 anos de idade. Era um jovem ainda e nascido na cidade. Adolpho Melo era de São José, e certamente viu nesse Ginásio uma grande oportunidade de matricular seu filho, com o objetivo de ele receber uma educação aprimorada e também de fazer relacionamentos, de se entrosar. O capital social da família Melo, além da família Caldeira de Andrade por parte da mãe, permitiu a Osvaldo Melo

Melo, a maneira como ele se referia à palavra. E, quando for apresentada com letra minúscula, trata-se da maneira como o espiritismo é tratado nesta dissertação.

ingressar em um colégio mantido por católicos e para um público majoritariamente católico⁴.

O Ginásio fazia parte dos novos rumos tomados pelo catolicismo romanizado – com representantes vindos da Europa, como no caso dos jesuítas alemães – desejoso de inculcar novos valores e que buscava na educação uma forma de centralizar sua influência, educando os filhos das elites locais. Também nessa mesma década é criada a Diocese de Florianópolis, trazendo outro desejo da população, do clero e das elites, que queriam uma cidade mais consoante com o progresso defendido pelos novos ideais republicanos e, também, a modernidade, com o intuito de a cidade deixar de ser atrasada, pequena, provinciana⁵.

Oswaldo Melo viveu esse tempo. Nascido em 1893, pegou as transformações urbanas e estéticas da cidade e também sentiu a forte presença do catolicismo. O espiritismo surgiu dentro do campo religioso de Florianópolis quando ele era criança. A doutrina espírita já existia desde o século XIX no Brasil e em Santa Catarina. Beneficiou-se, dessa forma, com os novos ideais republicanos de ordem e progresso e a laicidade do Estado.

⁴ Além do conceito de capital social de Pierre Bourdieu, que seria a convivência entre os colegas, os relacionamentos adquiridos ao longo do seu tempo no Ginásio Catarinense, há outros conceitos de capitais que convém colocar nesta dissertação. Há o conceito de capital cultural, que pode ser entendido como de três tipos: capital cultural incorporado, que seriam as disposições internas, os hábitos, os gestos, mesmo uma postura física, adquiridos pela educação familiar e escolar; capital cultural objetificado, que seriam os objetos, utensílios, obras de arte de propriedade do detentor deste tipo de capital, que ao mesmo tempo em que teria essas obras, deteria os meios para decodificá-las, apreciá-las, valorizá-las; e o capital cultural institucionalizado, que seriam os diplomas e títulos adquiridos ao longo de uma vida, diplomas que permitiriam buscar uma profissão especializada e exercer funções de destaque, mediante é claro, da qualidade e do valor intrínseco do diploma e da instituição que o emitiu. Neste sentido, ao ingressar no Ginásio Catarinense, Oswaldo Melo estava tanto adquirindo um capital social como um capital cultural institucionalizado, contribuindo assim para o seu capital simbólico. O capital simbólico seria a relação com os demais capitais (cultural, social, econômico), aquilo que permitiria identificar os agentes no espaço social.

⁵ SOUZA, Rogério Luiz de. **Uma história inacabada: Cem anos do Colégio Catarinense**. São Leopoldo: Editora UNISINOS, 2005; DALLABRIDA, Norberto. **A Fabricação Escolar das Elites**. O Ginásio Catarinense na Primeira República. Florianópolis: Cidade Futura, 2001.

No começo do século XX, surgem os primeiros grupos espíritas e o primeiro centro espírita. Como o campo religioso de Florianópolis era predominantemente católico, os espíritas buscaram na caridade uma forma de se posicionar e ocupar o seu espaço. Outras religiões, como a dos presbiterianos e dos luteranos, por exemplo, faziam parte desse mesmo campo religioso. Analisando discursos e textos produzidos por Osvaldo Melo ou que falam dele, percebe-se como o próprio espiritismo foi modificando-se dentro desse campo, fortalecendo-se e adquirindo características para o seu surgimento e sua tomada de espaço, como ocorreu sua institucionalização. Os diversos meios em que Osvaldo Melo transitou — os jornais, o meio literário, depois o político, cargos públicos, atuação como orador e maçom — demonstram os seus diversos capitais (sociais, econômicos e culturais) e que contribuíram para a sua atuação dentro do movimento espírita de Florianópolis e Santa Catarina, ajudando a institucionalizar o espiritismo no campo religioso, pois, dentro do espiritismo, exerceu funções de palestrante, médium, escritor de livros e receitista⁶ de homeopatias.

O primeiro capítulo da dissertação, com o título “A Força do Catolicismo e o surgimento do Espiritismo”, começa com Osvaldo Melo e sua inserção nos Campos de Relação social, mostrando primeiramente sua vida em família, mapeando o capital familiar incorporado, o capital simbólico e cultural e sua relação com Florianópolis, procurando conjecturar como o espiritismo se iniciou nessa família. Em seguida, apresenta o Ginásio Catarinense, criado por jesuítas alemães, com o intuito de instruir os filhos das elites locais e frações de classes médias e também de consolidar a força do catolicismo em Florianópolis, que passou por uma reorganização após o fim do Império e o fim do padroado. Essa reorganização deu mais força para o catolicismo na cidade com a criação da Diocese em 1908. O catolicismo esteve ligado com as elites locais e com o governo. E essas elites eram católicas. Entretanto, dentro do campo religioso de Florianópolis existiam outras religiões, como a dos luteranos, dos presbiterianos, dos ortodoxos e dos espíritas, que queriam seu espaço dentro do campo.

⁶ O termo receitista encontra-se no livro *Epístolas aos Espíritas*. Nesse livro, o termo receitista se refere ao fato de ele usar a mediunidade para receber receitas de homeopatia e fornecê-las para famílias de Florianópolis. Da mesma maneira, para esta dissertação, quando houve referências ao uso da homeopatia por Osvaldo Melo, fica implícita a ideia dele se utilizar da mediunidade, ou a ação dos espíritos para elaborar as receitas homeopáticas.

O espiritismo foi criado na França na década de 1850, chegou ao Brasil na década de 1860 e adquiriu seu espaço no Rio de Janeiro na década de 1890. Em Santa Catarina, o primeiro Centro Espírita foi criado em 1895 na cidade de São Francisco do Sul. Suas ideias modernizantes, evolucionistas e progressistas surgiram em Florianópolis na Primeira República, chegaram a uma cidade que queria ser moderna e civilizada. Predominantemente católica, a capital passava por um reordenamento dentro dessa religião, que combatia as antigas relações oriundas do padroado e que agora era romanizada e se voltava para novos direcionamentos com o Ginásio Catarinense e a Diocese, ambos da primeira década do século XX. A vontade de Florianópolis era de se tornar esteticamente e urbanamente moderna e civilizada, por isso, diversas mudanças aconteceram e a cidade se transformou, deixando de ser isolada e atrasada para adquirir uma modernidade⁷. Florianópolis detinha os elementos para o surgimento do espiritismo, que passou a ocupar seu espaço no campo religioso. Nesse sentido, começa a despontar Osvaldo Melo, jornalista, membro da recém-criada ACL. Egresso do Ginásio Catarinense, recebeu todo um investimento familiar. Esse período de sua vida foi o mesmo em que houve uma gradativa institucionalização do espiritismo na cidade, principalmente na década de 1920, ocasião em que publica seu primeiro livro espírita, ingressa na Alesc e torna-se presidente do CEAHA, ou seja, do ponto de vista da vida pública, profissional e espírita, assume uma projeção. Essa atuação em diferentes campos contribuiu para o surgimento da liderança de Osvaldo Melo entre os espíritas de Florianópolis e, posteriormente, de Santa Catarina. O fim do primeiro capítulo aponta o término de um ciclo na vida de Osvaldo Melo, no qual ele deixa de ser um personagem ligado à vida privada e familiar, assumindo postos na esfera pública.

O segundo capítulo enfocará o período de 1926/1927 e pretende abordar alguns eventos: quando Osvaldo Melo desponta como liderança espírita em Florianópolis, sua participação na criação de centros espíritas em outras cidades de Santa Catarina (o caso de um centro espírita fundado em Blumenau no ano de 1934); outras vezes, quando foi novamente presidente do CEAHA; o *habitus* de Osvaldo Melo

⁷ SOUZA, Rogério Luiz de. Desejos de Civilidade e Ser Moderno: Uma História sobre o nascimento da Diocese de Florianópolis. In: SOUZA, Rogério Luiz de; OTTO, Clarícia. **Faces do Catolicismo**. Florianópolis: Insular, 2008.

dentro do campo religioso, como representante e porta-voz autorizado⁸ do espiritismo; sua relação com a Federação Espírita do Paraná (FEP) e a criação da FEC, em abril de 1945. Nesse capítulo, será discutida sua atuação dentro do espiritismo. Será feita a análise dos seus três livros espíritas (a novela Heroísmo da Humildade, de 1926, e os livros Sobrevivência e Comunicação dos Espíritos e Epístola aos Espíritas, da década de 1930). O capítulo analisará a sua atuação em outras esferas, como a sua participação na política de Florianópolis, a relação com outros escritores e jornalistas, as pessoas com as quais ele partilhava os mesmos ambientes na esfera pública; sua atuação na imprensa da cidade; a Liga Catarinense Pró-Estado Leigo da década de 1930; os partidos políticos que tomou parte; e sua posição como secretário em diversas associações.

Para esta dissertação atingir seus objetivos, optou-se em usar a teoria de campo religioso do sociólogo francês Pierre Bourdieu. Todavia, para entender a ideia de campo religioso, é preciso entender o conceito de campo, também do referido sociólogo francês.

Conforme o livro “Questões de Sociologia”⁹, os campos são espaços relativamente autônomos, onde os agentes, com os seus respectivos capitais, movem-se dentro desse espaço. Os campos podem ser de vários tipos (literário, artístico, alta costura, religioso, dentre outros) e cada um deles tem suas próprias regras específicas. Os agentes, com os seus capitais, vão disputando com outros agentes que também estão no mesmo campo, com o intuito de ganhar posições. É por isso que o campo é um espaço de tensões e embates. Há, dentro de cada um dos campos, aqueles que têm posições maiores mediante a soma dos seus capitais e, portanto, definem as especificidades dele. Pelo fato de o campo ser um espaço de lutas e tensões, as posições vão modificando-se entre os agentes.

⁸ O conceito de porta-voz autorizado foi extraído do livro *A Economia das Trocas Simbólicas*, de Pierre Bourdieu. Dentro do campo religioso, existe o corpo de especialistas ou sacerdotes. E há aqueles dentro desse corpo que detêm uma soma maior de capital simbólico e que são autorizados pelos demais pares a se manifestar e a agir dentro do campo; são reconhecidos tanto pelos demais especialistas como pelos leigos como detentores de capitais e, portanto, aptos a agir. No caso do subcampo espírita, ao invés dos sacerdotes, seriam os trabalhadores espíritas. E, dentre eles, Osvaldo Melo se sobressaiu o subcampo religioso espírita, sendo autorizado pelos demais trabalhadores. No decorrer do segundo capítulo, esse conceito será melhor abordado.

⁹ BOURDIEU, Pierre. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero. 1983.

Fala-se aqui do campo porque o assunto desta dissertação se insere dentro do campo religioso e, mais detidamente, no subcampo religioso espírita. E, por isso, a escolha de Pierre Bourdieu como teórico deste trabalho. Justifica-se essa escolha com apoio em algumas questões: em primeiro lugar, Bourdieu realizou reflexões sobre a sociologia da religião tendo por base um país de maioria católica com presença minoritária protestante e espírita, assim como o Brasil e especificamente a Florianópolis da primeira metade do século XX, o período cronológico que será analisado. Desse modo, pode-se pensar que Bourdieu está realizando uma reflexão sobre um país em que o catolicismo foi questionado enquanto doutrina religiosa. Porém, enquanto na França houve um processo de laicização, no Brasil ocorreu um aumento da pluralidade religiosa¹⁰, pluralidade da qual o espiritismo faz parte. Além desse fato, pode-se pensar que a reinterpretação de Bourdieu dos clássicos da sociologia que pensaram a sociedade do século XX, “Durkheim, Marx e Weber”, possibilitam uma visão ampla e não dogmática sobre a vida do personagem que está sendo analisado e do espiritismo catarinense em seu período de formação. Conforme Pierre Bourdieu em seu livro *A Economia das Trocas Simbólicas*, pode-se entender o campo religioso como espaço onde “(...) diferentes instâncias religiosas, indivíduos ou instituições” estão em disputa e concorrência

(...) pelo monopólio da gestão dos bens de salvação e do exercício legítimo do poder religioso enquanto poder de modificar em bases duradouras as representações e as práticas dos leigos, inculcando-lhes um habitus religioso – princípio gerador de todos os pensamentos, percepções e ações.¹¹

Segundo esse autor, e ainda de acordo com a explicação do que é o campo religioso, cada religião, ou cada instância ou instituição religiosa, seria detentora de um capital religioso. O capital de cada religião dependeria “(...) da estrutura das relações objetivas entre a

¹⁰ ISAIA, Artur César. O Campo Religioso Brasileiro e suas Transformações Históricas. **Revista Brasileira de História das Religiões**, Ano I, n. 3, Jan. 2009, p. 95-105.

¹¹ BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2013, p. 57.

demanda religiosa (interesse dos diferentes grupos ou classe de leigos) e a oferta religiosa (os serviços religiosos de tendência ortodoxa ou herética)”¹². E ainda, “(...) as diferentes instâncias são compelidas a produzir e a oferecer em virtude de sua posição na estrutura das relações de força religiosa (ou seja, em função do seu capital religioso)”¹³.

Bourdieu coloca que o grau de autoridade de uma instância religiosa depende da relação entre os grupos ou classes mobilizadas por ela e as respectivas forças materiais e simbólicas deles e os bens e serviços que essa instância religiosa poderá mobilizar para satisfazer os interesses religiosos desses grupos. Sendo que a qualidade (ou natureza) desses bens e serviços ofertados dependerá do capital de autoridade religiosa da respectiva instância e sua posição dentro do campo religioso.

Esta relação circular, ou melhor, dialética (...), é a base de harmonia que se observa entre os produtos religiosos oferecidos pelo campo e as demandas dos leigos, e ao mesmo tempo, constitui a base da homologia entre as posições dos produtores na estrutura do campo e as posições dos consumidores de seus produtos na estrutura das relações de classe.¹⁴

A posição das instâncias, instituições ou indivíduos na estrutura da distribuição do capital religioso determina suas estratégias, a luta pelo monopólio do exercício legítimo do poder religioso sobre os leigos e da gestão dos bens de salvação. Percebe-se, com isso, através da teoria de Pierre Bourdieu, que os campos são espaços complexos. Pode-se colocar que o campo religioso se divide em vários subcampos, em que cada um deles seria ocupado por uma das instâncias religiosas. Ou seja, os subcampos agem entre si, quando uma religião tenta exercer um monopólio sobre a outra, como internamente, regulando a relação entre produtores e consumidores de bens de salvação. Os subcampos também possuem uma posição dentro do campo religioso. Nesse sentido, entende-se que o espiritismo é um subcampo dentro do campo religioso. Bourdieu auxilia a entender o funcionamento de um subcampo:

¹²BOURDIEU, 2013. p. 57.

¹³Ibidem, p.57.

¹⁴Ibidem, p. 58.

(...) as instâncias religiosas visam conquistar ou preservar um monopólio mais ou menos total de um capital de graça institucional ou sacramental (do qual é depositária por delegação e que constitui um objeto de troca com os leigos e um instrumento de poder sobre os mesmos) pelo controle de acesso aos meios de produção, reprodução e de distribuição dos bens de salvação (ou seja, assegurando a manutenção da ordem no corpo de especialistas), e pela delegação ao corpo de sacerdotes do monopólio da distribuição institucional e sacramental e, ao mesmo tempo, de uma autoridade de função.¹⁵

O campo espírita ao qual o autor se refere pode ser entendido como um subcampo dentro do campo religioso. Em suma, pode-se afirmar que a problematização do trabalho está envolta na compreensão de como temos a emergência de uma liderança no interior do campo religioso de Florianópolis na Primeira República. Finalmente, o uso do conceito de trajetória alia-se bem com os demais conceitos de Pierre Bourdieu, como capital cultural, capital social e campo. Assim, a trajetória de uma pessoa aliará os seus montantes de capitais em relação ao campo ou aos campos que ela transitará. Para citar um exemplo, quando os historiadores Maristela da Rosa e Norberto Dallabrida pesquisaram sobre a trajetória social da escritora Eglê Malheiros, usaram o conceito de trajetória.

(...) procurando estabelecer inter-relações entre a origem sociofamiliar, os percursos escolares – levando em consideração as instituições de ensino frequentadas, os cursos escolhidos e as formas de investimento pedagógico –, e a carreira profissional desenvolvida.¹⁶

Dessa maneira, foram buscadas inspirações nas reflexões do sociólogo francês para evitar uma visão ingênua sobre a relação de Osvaldo Melo com o campo religioso de Florianópolis ao longo da metade do século XX. Por ser um espaço de tensão, pode-se crer que

¹⁵BOURDIEU, 2013, p. 58.

¹⁶ ROSA, Maristela da. DALLABRIDA, Norberto. Uma mulher de vanguarda: trajetória social de Eglê Malheiros. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 22, n 2, p. 429-447, maio-agosto/2014, p. 431.

Oswaldo Melo encontraria concorrência e competição dentro do próprio subcampo espírita. Entretanto, este não será o enfoque deste trabalho, pois o foco é a trajetória de Oswaldo Melo dentro deste subcampo. Nesse sentido, pode-se observar as reflexões apontadas por Pedro Paulo Amorim em sua dissertação “Renovação Cristã: de Kardec a Lutero”, que diz o seguinte:

Para Bourdieu, a noção de campo é um espaço social de dominação e de conflitos, dotado de certa autonomia, definida pela sua própria capacidade de estabelecer as normas de sua produção e reprodução, possuindo também suas próprias regras de organização e de hierarquia. Em virtude dessa concepção, encaramos o Espiritismo como integrante do campo religioso. Além disso, as tensões internas a ele revelam a existência de um campo espírita, entendido por nós como o local onde competem, pela hegemonia e pelo poder de produção e reprodução das normas que configuram a existência deste, instituições como a FEB, possuidora do maior capital simbólico do campo, as federações estaduais, os centros espíritas, na figura de seus representantes e, por fim, os espíritas, sendo estes compostos por aqueles que buscam inovar e/ou revolucionar as práticas e representações do campo e os que buscam a manutenção do status quo.¹⁷

Além do conceito de campo religioso, foram utilizadas as reflexões de Bourdieu sobre trajetória¹⁸, optando-se por esse termo em detrimento do termo biografia. Bourdieu, em seu texto *A Ilusão Biográfica*, faz uma crítica perspicaz sobre a tendência que os biógrafos

¹⁷AMORIM, Pedro Paulo. **Renovação Cristã: de Kardec a Lutero**. O papel do livro na cisão do Movimento Espírita Brasileiro (1949-2010). Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Florianópolis, UFSC, 2011. p. 14.

¹⁸Para esta dissertação, optou-se por usar o conceito de trajetória de Pierre Bourdieu com o objetivo de analisar a vida de Oswaldo Melo. O termo biografia surgirá quando se tratar do texto *A Ilusão Biográfica*, também de Bourdieu, como forma da crítica que o autor faz sobre a visão que as pessoas têm de biografia.

têm em pontuar a vida humana nos cânones dos romances literários. Assim, personagens históricos possuem vida com introdução, clímax e desfecho. Todavia, difícil precisar qual é o ponto alto de uma vida. Muitas vezes, ações que podem ser consideradas banais no que tange à esfera pública — como uma lágrima, uma dor, um amor, uma realização pequena — podem ter maior significado e importância na vida do sujeito biografado do que as realizações por ele desempenhadas na esfera pública.

Já o sociólogo Miguel Ângelo Montagner, ao fazer um trabalho de análise entre a biografia e a trajetória, coloca que esta última é mais abrangente, no sentido de que ajuda a situar “(...) os agentes sociais em seu grupo social, procurando narrar e delinear claramente a construção diacrônica da trajetória dos grupos nos diversos campos”¹⁹. Ou seja, com o conceito de trajetória, o autor sugere que é possível perceber as relações de influência e subordinação/ dominação “(...) traçando um mapa preciso da localização do campo intelectual no arcabouço do poder (...) mostrando as linhas de força que delineiam as demarcações de autonomia relativa do campo intelectual”²⁰. Depois disso, dentro do campo, é possível “(...) delinear as relações entre as posições ocupadas, alocadas, deslocadas pelos agentes e pelos grupos”, percebendo com isso as tensões, as lutas e os conflitos entre os agentes. Com a análise do campo e a relação entre os agentes, é possível observar “(...) a característica fortemente coletiva das carreiras individuais dos agentes”²¹.

Ao mesmo tempo em que se percebem todas as características envolvendo a vida de Osvaldo Melo durante a primeira metade do século XX, levantadas por esta pesquisa da dissertação, de como sua vida esteve relacionada com o desenvolvimento do espiritismo na capital e em Santa Catarina, mas também como esteve envolvida em outros meios (literários, jornalísticos, políticos) e esses meios contribuindo para sua atuação no espiritismo, e de como sua postura enquanto espírita (médium, orador, autor de livros, receitista) contribuiu para o seu capital incorporado e para a institucionalização do espiritismo no campo religioso, percebe-se por parte das tentativas de biografia escritas após sua morte (1970), seja através do IHGSC, em colunas de

¹⁹ MONTAGNER, Miguel Ângelo. Trajetórias e biografias: notas para uma análise Bourdieusiana. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 9, n° 17, jan./jun. 2007, p. 253.

²⁰ MONTAGNER, loc. cit.

²¹ Ibidem, p. 253.

jornais, mas, sobretudo, pela FEC, uma forma elogiosa de escrita para inseri-lo no “panteão” dos grandes espíritas, senão do Brasil pelo menos de Santa Catarina e, principalmente, Florianópolis. Foram muitos os esforços empreendidos pela FEC no sentido de criar um espírita ideal, com uma trajetória impecável dedicada ao espiritismo e na sua defesa de escritos, de palestras e da mediunidade. No entanto — e sobre isso o texto A “Ilusão Biográfica”, de Pierre Bourdieu, aponta direcionamentos para a pesquisa —, não é possível mostrar uma vida, mapear uma existência livre de percalços, de dúvidas, de desvios, ou como se o projeto de vida de Osvaldo Melo fosse somente uma institucionalização ou a criação da FEC, como esses construtos biográficos da FEC tentam mostrar. Nesse sentido, esta pesquisa de dissertação analisará também textos da FEC que falam sobre Osvaldo Melo, especialmente os que fazem parte das reedições de seus livros, procurando investigar quais pontos foram realçados na sua vida, os silêncios, os endeusamentos e os investimentos por parte dessa Federação no sentido de se apoderar da memória de Osvaldo Melo. O sujeito Osvaldo Melo elaborado pela FEC posteriormente à sua morte é ele próprio uma ilusão biográfica de características hagiográficas.

2 OSVALDO MELO NO SEU CONTEXTO: A FORÇA DO CATOLICISMO E O SURGIMENTO DO ESPIRITISMO

2.1 UM ALUNO DO GINÁSIO CATARINENSE

O presente capítulo destacará o período de formação de Osvaldo Melo, espírita da cidade de Florianópolis, nos primeiros anos do século XX até 1926/1927. Durante esses anos, Osvaldo Melo recebeu diversos investimentos familiares, crescendo na Florianópolis que há pouco havia abraçado os ideais republicanos e que desejava ser moderna e civilizada. Entrou em contato com a doutrina espírita de ideias de progresso e evolução na primeira década do século XX. O objetivo deste primeiro capítulo é mostrar quais investimentos Osvaldo Melo recebeu por parte de sua família, os ambientes que frequentou nesse período de formação e como esses fatores contribuíram para desenvolver o seu *habitus*. E termina no ano de 1926/1927, quando Osvaldo Melo escreve o seu primeiro livro espírita, torna-se presidente do CEAHA e ingressa na Alesc como funcionário público. Passa a ocupar uma posição no subcampo religioso espírita de Florianópolis e também na esfera pública da capital.

2.1.1 Trajetória e vida familiar

Luiz Osvaldo Ferreira de Melo nasceu no dia 21 de junho de 1893 na cidade de Desterro (Florianópolis). Foi filho de João Adolpho Ferreira de Melo e Zélia Caldeira de Andrada Souto de Melo. Para melhor compreender a sua trajetória, antes devemos contemplar seus vínculos familiares, que apontam o grupo social ao qual ele pertenceu.

A família Ferreira de Melo era natural de São José (SC). Adolpho Melo, seu pai, foi maestro, violinista, compositor e exerceu cargos públicos na capital, como o de diretor do Conselho Municipal de Florianópolis e de tesoureiro-geral do Estado de Santa Catarina. Luiz Osvaldo Ferreira de Melo, ou simplesmente Osvaldo Melo, como era mais conhecido, foi o filho mais velho de uma família de quatro irmãos: ele, Antonio, Renato e Antonieta.

Antonio Ferreira de Melo, nascido em 1897, ficou conhecido como médium de cura na localidade de Passa Vinte, na região da Palhoça, onde residia. Ele e Osvaldo Melo trabalharam juntos no espiritismo, pois há menção dos trabalhos dos dois no livro *Sobrevivência e Comunicação dos Espíritos*, de autoria de Osvaldo

Melo, livro publicado originalmente na década de 1930. Faleceu em 1948, na cidade de Palhoça.

Renato Ferreira de Melo, nascido em 1904, foi um farmacêutico e trabalhou durante muitos anos na cidade de Indaial, no interior de Santa Catarina, onde constituiu família, casou e teve dois filhos. Em Indaial, por muitos anos, foi dono de uma farmácia chamada Cruzeiro. Também tinha uma intensa vida social, participando de clubes de bolão e sociedade de atiradores naquela cidade. Faleceu em 1977, em Indaial.

Antonieta Ferreira de Melo era a única irmã. Algumas fontes consultadas sugerem que ela foi irmã gêmea de Antonio, casou e teve um filho, mas nada além. Esse silêncio pode ser pensado como indício de uma estrutura patriarcal nas relações sociais a qual a família Melo estava relacionada. Isso também pode ser comprovado quando se busca informações sobre a sua mãe, Zélia Caldeira de Andrade Souto. Há informações sobre o seu pai, o avô materno de Osvaldo Melo, de nome Hermogenes Miranda Ferreira Souto. Ele foi médico da marinha e faleceu em Desterro, em fevereiro de 1867, com a idade de 34 anos. Já sobre Zélia não há escrito algum.

Osvaldo Melo estudou no Ginásio Catarinense, que era dirigido por jesuítas alemães e foi um educandário frequentado pelos filhos de uma fração de classe média com aspirações de ascensão social, e também os herdeiros de famílias mais ricas. O Ginásio foi responsável por formar membros da elite dirigente estadual ao longo do século XX. Sobre o termo fração de classe média, Geraldo Romanelli coloca que “(...) as camadas médias não constituem um universo social homogêneo, havendo segmentos diversos em seu interior, seja em função de condições sócio-econômicas, seja devido ao capital cultural de que dispõem”²². O autor destaca ainda que cada segmento das camadas médias desenvolve práticas específicas.

A família de Adolpho Melo era tradicional de São José, mas Osvaldo Melo, seu filho mais velho, nasceu em Desterro, assim como os demais filhos. É provável que o próprio Osvaldo Melo se tenha tornado espírita ainda criança. Outro fato que não pode ser desconsiderado é que o seu pai foi conselheiro municipal da cidade, mesmo cargo exercido por Pedro Bosco, um dos membros fundadores do grupo espírita

²²ROMANELLI, Geraldo. Famílias de camadas médias e escolarização superior dos filhos. In: NOGUEIRA, Maria Alice; ROMANELLI, Geraldo; ZAGO, Nadir (orgs.). **Família e Escola**: trajetórias de escolarização em camadas médias e populares. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

chamado Humildade, no ano de 1903²³, no qual Adolpho Melo foi um dos fundadores. Em 1910, esse grupo espírita foi, junto com outros espíritas, o grupo que deu origem ao Centro Espírita Amor e Humildade do Apóstolo (CEAHA).

Quando o CEAHA foi fundado, em 1910, Osvaldo Melo contava com 16 anos. Nas décadas seguintes, ele ingressou no jornalismo, no campo literário através da ACL, ocupou cargos públicos (principalmente na Alesc), participou da maçonaria e do IHGSC, foi orador, jornalista com colunas semanais e, dentro do meio espírita, atuou como palestrante, escritor de artigos, médium receitista, integrante da diretoria do CEAHA e presidente durante mandatos nas décadas de 1920, 1930 e 1940. Segundo a FEC, órgão oficial do espiritismo em Santa Catarina, Osvaldo Melo seria uma liderança natural, o homem certo para dirigir o espiritismo em Florianópolis e em Santa Catarina. A própria FEC seria um processo lógico no desenvolvimento da doutrina espírita e aconteceu porque Osvaldo Melo era o homem certo para esse fim²⁴.

Entretanto, o que os históricos da FEC não dão conta é de que maneira Osvaldo Melo teve a sua liderança considerada legítima pelos seguidores do espiritismo catarinense. Qual era o contexto da Florianópolis em que ele vivia. Quais as relações ele tinha com outras pessoas, espíritas e não espíritas, nesse caso, o seu capital social, que seriam os grupos na esfera pública ao qual fazia parte. Com esse conhecimento, será possível levantar informações que mostrem Osvaldo Melo complexo, aprofundado. Osvaldo Melo que dialoga com o seu tempo, que influencia e se deixa influenciar.

Bourdieu, em “A Ilusão Biográfica”, critica a noção de a vida ser como uma biografia, um curso, um caminho, uma corrida.

(...)Essa vida organizada como uma história transcorre segundo uma ordem cronológica que

²³De acordo com o livro “CEAHA 100 Anos 1910 – 2010”, o Grupo Humildade foi criado em 1903 na cidade de Florianópolis. Ele seria uma espécie de núcleo que formou o Centro Espírita Amor e Humildade do Apóstolo (CEAHA), em 1910, pois os membros, em 1903, também estavam na criação do CEAHA. Além do Grupo Humildade, até o ano de 1905 outros dois grupos espíritas foram criados: o Grupo Espírita Paz, Amor e Caridade e o Grupo Espírita Luz Divina. Os três se tornaram um só no ano de 1909.

²⁴Essas informações constam nos livros *Epístolas aos Espíritas e Comunicação e Sobrevivência dos Espíritos*, ambos de Osvaldo Melo. Foram publicados originalmente na década de 1930 e depois novamente no ano 2000 pela editora da Federação Espírita Catarinense (FEC).

também é uma ordem lógica, desde um começo, uma origem, no duplo sentido de ponto de partida, de início, mas também de princípio, de razão de ser, de causa primária, até seu término, que também é um objetivo.²⁵

Nesse pequeno texto de Bourdieu, é possível perceber uma visão diferente sobre as biografias. Mais adiante, ele escreve:

(...) produzir uma história de vida, tratar a vida como uma história, isto é, como o relato coerente de uma sequência de acontecimentos com significado e direção, talvez seja conformar-se com uma ilusão retórica, uma representação comum da existência que toda uma tradição literária não deixou e não deixa de reforçar.²⁶

O que esse tipo de história contada pela FEC não dá conta de explicar é que Osvaldo Melo enquanto liderança do espiritismo precisa ser analisada através de diversos fatores que não foram levados em consideração nesses históricos: os ideais da Primeira República; a modernização de Florianópolis; os fundamentos da doutrina espírita que combinaram com essa conjuntura que a capital de Santa Catarina passava; o surgimento do espiritismo dentro do campo religioso, então majoritariamente católico; a adequação do espiritismo perante uma realidade catarinense; a força do catolicismo, pois ele também se readequou com o fim do Império; e, dentre diversas ações movidas pelos católicos, está a criação do Ginásio Catarinense. Osvaldo Melo frequentou esse Ginásio. Esse ato teve uma importância grande em sua existência, pois foi ali que ele conheceu diversas pessoas, filhos da elite de Florianópolis, recebeu uma educação formal, mas também e, principalmente, um capital simbólico e cultural que viriam a acompanhá-lo durante toda sua vida, tornando-se um capital incorporado. Dessa forma, não se corre o risco de vê-lo como um predestinado, alguém que “simplesmente ocupou o seu lugar na história”, ou alguém que teve como projeto de vida desde a infância tornar-se líder espírita de Santa Catarina.

²⁵BOURDIEU, Pierre. A Ilusão Biográfica. In. FERREIRA, Marieta de Moraes. AMADO, Janaína. **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1996, p. 183-184.

²⁶ Ibidem, p. 185.

Portanto, os anos da infância e juventude de Osvaldo Melo lhe trouxeram uma soma de capitais simbólicos e culturais na forma de investimentos e relações com outras pessoas. Esses investimentos e capitais o ajudaram a acessar cargos públicos e a esfera literária e jornalística de Florianópolis. Por isso, não será possível compreender a “ascensão” do espiritismo dentro do campo religioso de Florianópolis na Primeira República, a atuação e projeção de Osvaldo Melo dentro desse campo ou a posterior fundação da FEC em 1945, além de toda a atuação que Osvaldo Melo teve em várias áreas (literária, política, cargos públicos, jornalística) se não se perceber a influência do Ginásio Catarinense em sua vida.

2.1.2 Ginásio Catarinense como um marco da força do catolicismo no campo religioso

Desde o início da República, e durante os primeiros anos do século XX, Florianópolis passou por mudanças administrativas e políticas envolvendo a saúde, a higiene das pessoas, questões de embelezamento arquitetônico da cidade, mudanças das vias, dentre outros²⁷. O Brasil havia deixado o Padroado com a Proclamação da República em 1889, marcando a separação entre a Igreja e o Estado. Essa ruptura trouxe consequências para o catolicismo brasileiro. A cidade havia passado por períodos de turbulência, conforme atesta o historiador Carlos Humberto Pederneiras Corrêa:

A República estava proclamada e aceita incontestavelmente pela maioria dos políticos atuantes no Estado. Entretanto, seu implantador em Santa Catarina, o tenente Lauro Müller, não demonstrara muita experiência política para fazer ver ao povo e aos agrupamentos políticos formados, que a nova forma de governo não era realmente aquela panacéia para todos os males, tão anunciada anteriormente. Em consequência, após sucessivas e graves pressões da oposição, teve que renunciar ao governo nos últimos dias de 1891 e entregá-lo a seus adversários (...) Os federalistas, agora no governo, sem ninguém para

²⁷ O historiador Hermes dos Reis Araújo, em sua tese *A Invenção do Litoral*, analisa as transformações que Florianópolis passou durante a Primeira República, tanto de ordem estética quanto sanitária.

atrapalhar seus objetivos políticos, acabaram com os poderes constituídos, declararam Santa Catarina independente do resto da nação (...) e, com o apoio da Armada revoltosa e dos federalistas do Rio Grande do Sul, instituíram um Governo Provisório da República em Desterro, tudo num curto período de janeiro de 1892 a abril de 1894.²⁸

Havia também um projeto educacional para a cidade. Educar os indivíduos. Principalmente os filhos das elites locais, que viajavam para outras cidades, como Rio de Janeiro e São Leopoldo. Essas cidades possuíam escolas que satisfaziam os interesses dessas classes, pois Florianópolis estava deficitária nessa questão.

Tentativas de escolas secundaristas aconteceram anteriormente, quando a cidade ainda era uma província, sem, no entanto, terem continuidade ou por não preencherem os requisitos de uma educação diferenciada.

(...) O primeiro colégio de ensino secundário na Província de Santa Catarina foi instituído em 1845, por padres jesuítas espanhóis, conhecido como “Colégio do Desterro”, que depois de oito anos teve suas portas fechadas devido a um surto de febre amarela que se alastrou pela cidade e vitimou três alunos e seis membros da Companhia de Jesus. (...) Em 1857, o governo provincial instituiu o “Liceu Provincial” (...) e os padres lazaristas abriram um curso secundário no Hospital de Caridade, que teve vida curtíssima. O Liceu Provincial seria substituído pelo Colégio Santíssimo Salvador, dirigido por padres jesuítas italianos. (...) Em 1870, devido a interferências políticas, o colégio dos loiolanos suspendeu o curso secundário, que somente quatro anos depois passou a ser ministrado pelo “Ateneu Provincial”. Por fim, o Ateneu Provincial foi suprimido e o ensino secundário passou a ser ministrado pelo “Instituto Literário e Normal”, que visava

²⁸CORREIA, Carlos Humberto Pederneiras. **História da Cultura Catarinense.** O Estado e as Ideias. 1996, p. 72.

precipualemente formar professores para as escolas primárias.²⁹

O Ginásio Catarinense, fundado em 1905, mas vindo a funcionar no começo de 1906, atendia aos interesses dessas elites e, também, aos de Florianópolis de se tornar uma cidade moderna e de ter um ensino secundário forte a fim de preparar os jovens para futuros cargos de liderança nas esferas do governo ou, então, em profissões de prestígio. Ainda, um Colégio que permitiria uma boa preparação para os que desejassem ingressar no ensino superior.

No início do século XX, a educação escolar transformou-se no principal alvo de investimento político de vários grupos sociais, especialmente das instituições religiosas, que concebiam a escola como estratégia moderna de conversão e manutenção de seus fiéis.³⁰

E o Ginásio Catarinense mostrou a força do catolicismo, pois ele se firmava forte nos preceitos educacionais e disciplinares. Sob os auspícios dos jesuítas alemães, esse Colégio recebia tanto alunos internos quanto alunos externos, não apenas de Florianópolis, como de outras cidades de Santa Catarina³¹. A educação secundarista de Florianópolis fazia parte do projeto do clero romanizado que atuava na cidade. Para isso, os padres e o governo municipal fizeram acordos, fato que estava relacionado com a educação dos filhos das elites. Conforme coloca Dallabrida,

(...) pode-se afirmar que a população escolar do Ginásio Catarinense, na Primeira República, era formada por estudantes oriundos da elite catarinense de ascendência européia, do sexo masculino e de maioria católica. A constatação é quase unânime entre os observadores atuais, desde

²⁹DALLABRIDA, Norberto. **A Fabricação Escolar das Elites**. O Ginásio Catarinense na Primeira República. Florianópolis: Cidade Futura, 2001, p. 40-41.

³⁰Ibidem, p. 44.

³¹O livro do historiador Rogério Luiz de Souza também analisa o Ginásio Catarinense, seu surgimento e o contexto da Florianópolis no início do século XX. SOUZA, Rogério Luiz de. **Uma história inacabada**: Cem anos do Colégio Catarinense. São Leopoldo: Editora UNISINOS, 2005.

leigos até educadores profissionais, que identificam o “Catarinense” – atual colégio e antigo ginásio – como a escola freqüentada pelas camadas abastadas de Florianópolis e, de certa forma, de Santa Catarina.³²

As colocações do historiador Dallabrida em seu livro “A Fabricação Escolar das Elites” ajudam a entender porque Osvaldo Melo, sendo espírita, frequentava um Ginásio de maioria católica. O autor comenta que, naquele período, havia uma descentralização urbana e uma diversidade étnica, cultural e religiosa no estado de Santa Catarina. Havia as elites dos latifundiários pecuaristas de Lages, de ascendência luso-brasileira; as elites dos industriais do Vale do Itajaí e de Joinville, principalmente descendentes de imigrantes alemães e, no litoral, especialmente na capital catarinense, estava concentrada a elite composta de comerciantes e de funcionários públicos de alto escalão³³. Mesmo Osvaldo Melo não fazendo parte de uma família pertencente à classe alta, ela fazia parte de uma fração de classe média que via no Ginásio Catarinense uma oportunidade de adquirir uma educação primorosa e de melhorar os capitais da família³⁴. O historiador Rogério Luiz de Souza, sobre o Ginásio Catarinense, pontua: “(...) de feição católica e subvencionada pelo próprio governo republicano (...) era responsável pela formação dos jovens das elites político-econômicas”³⁵.

Seu pai, violinista, músico e conselheiro municipal, estava inserido em grupos de prestígio, participava de eventos e saraus nos quais compareciam autoridades e pessoas de uma classe social elitizada. Entretanto, Adolpho Melo não fazia parte do alto escalão de funcionários públicos de Florianópolis. Detinha uma posição

³²DALLABRIDA, 2001, p. 222.

³³Ibidem, p. 223. O autor comenta ainda que os estudantes que frequentaram o ensino secundário do Ginásio Catarinense eram provenientes dessas elites.

³⁴O livro “A Distinção”, do autor Pierre Bourdieu, dentre outros assuntos, aborda sobre o capital escolar adquirido nas instituições de ensino, e como as diferentes classes e frações de classes sociais têm relações diferentes com o sistema escolar. De acordo com o estabelecimento escolar, seus diplomas e certificados podem dar um grau de reconhecimento e garantia perseguido por determinadas frações de classe, o que explicaria a procura desses grupos de Florianópolis em matricular seus filhos no Ginásio Catarinense. BOURDIEU, Pierre. **A Distinção**: crítica social do julgamento. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2007.

³⁵SOUZA, 2008, p. 72.

intermediária e participava de grupos desejosos de uma nova roupagem para a cidade, grupos que estavam interessados em promover Florianópolis para uma condição maior, em desenvolver os ideais propagados pela República, a civilidade e o progresso. Nessa mesma década da criação do Ginásio, surgiram os primeiros grupos espíritas da cidade:

(...) no ano de 1903, no Athelier Fotografico de Basílio Ferrari, na rua Arcipreste Paiva, formou-se um grupo Espírita Humildade, dirigido por Basilio Ferrari e Pedro Bosco, contando ainda com a participação de D^a Maria Josefa Suarez Cuneo (D^a Pepa), médium psicógrafa, João Adolpho Ferreira de Melo e Francisco Grillo.³⁶

Logo, quando Osvaldo Melo ingressou no Ginásio Catarinense, sua família já era espírita, pois o seu pai havia ingressado nesse grupo espírita alguns anos antes. Provavelmente, Adolpho investiu em Osvaldo Melo, o filho mais velho, nascido na cidade, a fim de ele ter uma educação primorosa e que lhe permitisse bons empregos no futuro, mas não só isso. Frequentar o Ginásio Catarinense significava adentrar em uma rede de relações, relações essas duradouras. O capital simbólico e cultural da família Melo, trazido de São José, agora se converteria com Osvaldo Melo no Ginásio Catarinense. Mesmo ele não sendo católico, estudar naquele colégio o faria participar de um grupo. A respeito do capital social, Bourdieu assinala que é

(...) o conjunto de recursos atuais ou potenciais que estão ligados a posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de interconhecimento e de inter-reconhecimento ou, em outros termos, à vinculação a um grupo, como conjunto de agentes que não somente são dotados de propriedades comuns (passíveis de serem percebidas pelo observador, pelos outros ou por

³⁶RAMOS, Denize; LUDVIG, Irineu Celso. **CEAHA 100 ANOS 1910 – 2010**. 2010, p. 14. Basílio Ferrari era um italiano que detinha um atelier em Florianópolis. Já Pedro Bosco era francês e foi conselheiro municipal e professor na capital. Maria Josefa era espanhola e morava em Florianópolis há muitos anos. Francisco Grillo também era estrangeiro na cidade.

eles mesmos), mas também são unidos por ligações permanentes e úteis.³⁷

Mais adiante, o sociólogo francês explica que a quantidade de capital social que um indivíduo possui dependerá de vários fatores: a extensão da rede de relações que ele pode mobilizar e o volume de capital (segundo Bourdieu, capital econômico, cultural ou simbólico) de cada uma das pessoas que fazem parte dessa rede. No caso do Ginásio Catarinense, qual a extensão da rede de relações que alguém poderia adquirir ao ingressar em suas fileiras? Vários alunos desse Ginásio foram, mais tarde, políticos, engenheiros, advogados, pessoas que ocuparam um espaço de influência considerável na cidade. Mais do que a educação excepcional, essas redes de relações eram o grande legado que o Colégio passaria para os seus alunos, legado esse convertido em capital social, simbólico dos quais os alunos poderiam fazer uso. Ou, como diria ainda Bourdieu,

(...) a rede (...) é o produto de estratégias de investimento social consciente ou inconscientemente orientadas para a instituição ou a reprodução de relações sociais diretamente utilizáveis, a curto ou longo prazo, isto é, orientadas para a transformação de relações contingentes, como as relações de vizinhança, de trabalho ou mesmo de parentesco, em relações, ao mesmo tempo, necessárias e eletivas, que implicam obrigações duráveis subjetivamente sentidas (sentimentos de reconhecimento, de respeito, de amizade, etc.) ou institucionalmente garantidas (direitos).³⁸

Conforme será abordado adiante, o fato de Osvaldo Melo ter ingressado em um colégio ordenado por católicos e eminentemente católico beneficiará o espiritismo na cidade, visto que, anos depois, ele ocupará diversos espaços na sociedade (imprensa, literatura, política, cargos públicos).

Embora só existissem alguns grupos espíritas na cidade na primeira década de 1900 e em 1910 ser criado o primeiro Centro

³⁷BOURDIEU, Pierre. **Escritos de Educação**. Petrópolis: Ed. Vozes. 2005, p. 67.

³⁸Ibidem, p. 68.

Espírita de Florianópolis (Amor e Humildade do Apóstolo), a institucionalização do espiritismo no subcampo espírita da capital de Santa Catarina foi legitimada anos mais tarde. E Osvaldo Melo teve um papel importante nesse sentido.

2.1.3 A criação da Diocese de Florianópolis

Em Florianópolis, nos primeiros anos do século XX, diversas mudanças aconteciam na cidade. Surgiram novidades como a energia elétrica nos postes públicos, água encanada, o esgoto e também a criação de avenidas largas. Essa onda de civilidade foi impulsionada pelos novos ditames da República que passou a vigorar no país, fazendo com que as elites locais se reorganizassem, reorganizassem seus capitais e os direcionassem para o moderno, o civilizado, abrindo-se para conhecimentos novos, com o intuito de transformar Florianópolis, ex-Desterro, e deixar de lado aquela imagem da cidade provinciana arcaica, dominada por preceitos agora ultrapassados. O objetivo estava ligado aos ideais republicanos e tudo que adviesse com isso. Com o catolicismo não foi diferente. Então religião oficial do Brasil durante a vigência da monarquia, através do padroado³⁹, com a laicização do Estado, o catolicismo passou a ser romanizado.⁴⁰Essa nova situação mudou a maneira do catolicismo de agir no Brasil, pois ocorreu uma ruptura. Conforme o sociólogo Sérgio Miceli,

do ponto de vista político-organizacional, a separação cancelava praticamente todos os direitos de intervenção sobre os negócios

³⁹O padroado era uma relação que a Igreja Católica mantinha com os reis católicos. Eles administravam as igrejas, controlavam os dízimos, autorizavam as construções de novas igrejas. Até o início da República no Brasil, o país tinha como religião oficial o catolicismo. Com os novos ideais republicanos, o Brasil tornou-se laico e a Igreja Católica não foi mais a religião oficial.

⁴⁰Esse termo é proveniente da palavra romanização que, segundo Serpa e de acordo com a definição do sociólogo Roger Bastide, “significou a afirmação da autoridade de uma Igreja institucional e hierárquica que se estendeu sobre todas as variações do catolicismo; dependência da Igreja Católica, no Brasil, do trabalho de ordens e congregações religiosas masculinas e femininas de estrangeiras que se empenharam na substituição do catolicismo tradicional e colonial para a universalista, com absoluta rigidez doutrinária e moral”. SERPA, Élio Cantalício. **Igreja e Poder em Santa Catarina**. Florianópolis: Editora da UFSC, 1997, p. 24.

eclesiásticos de que dispunha o poder central conforme estipulava o regime de padroado. A criação de novas dioceses e paróquias, a fundação de seminários e de outras obras, a distribuição do clero pelos diversos cargos e carreiras alternativos, a indicação e nomeação de prelados, a fixação de normas e diretrizes de interesse para as atividades e serviços eclesiásticos, e outras tantas atribuições até então de competência do próprio imperador ou de seus altos prepostos, passavam a depender do alvitre da alta hierarquia eclesiástica. A tomada de decisões em matérias com repercussões tão fundas no sistema político oligárquico exigiu, no mais das vezes, amplas consultas às lideranças leigas. (...) Ao invés de restringir o processo decisório aos principais escalões da hierarquia interna, os dignitários eclesiásticos buscaram ampliar o círculo de interlocutores leigos, logrando com isso barganhar em melhores condições a concessão de subsídios de toda ordem por parte das autoridades públicas do novo regime.⁴¹

Miceli desenvolve sua tese de que o clero romanizado buscou sua reafirmação, ressignificando capitais simbólicos com o intuito de manter sua influência dentro do campo religioso. Em Santa Catarina, a situação não foi diferente. Na Florianópolis que deixava de ser Capital de Província, os católicos encetaram ações no sentido de se coadunar com a nova República e os seus ideais de ordem e progresso, buscando alianças com o poder público, inclusive dentro da educação. Segundo Souza,

A ação romanizadora da igreja católica em Santa Catarina (...) consistia em romper com os laços seculares do catolicismo popular e, conseqüentemente, com uma cultura produtiva considerada atrasada, ineficiente e distante do lema republicano da ordem e do progresso, aquém do modelo europeu.⁴²

⁴¹ MICELI, Sérgio. **A Elite Escolástica Brasileira**. 1985. Tese (Livre Docência em Sociologia). Universidade de Campinas, São Paulo, 1985. p. 43-44.

⁴²SOUZA, 2008, p. 62.

A cidade de Florianópolis, ex-Desterro, recebeu especial atenção do novo clero romanizado no sentido de se combater expressões do catolicismo luso-brasileiro, tais como “(...) festas, as romarias, as procissões, a devoção aos santos, as benzeduras⁴³”. Isso também porque a região de Florianópolis tinha uma população luso-brasileira, negros e índios. E esse catolicismo popular que estava sendo combatido pelo clero romanizado era de influência lusitana. As novas levas de padres que foram para Florianópolis após a proclamação da República eram de procedência alemã, como franciscanos e jesuítas. A criação da diocese em Florianópolis não leva em conta apenas as novas diretrizes católicas, mas sim as transformações pelas quais a cidade estava passando com a República. Segundo Serpa,

(...) a implantação do regime republicano que se dizia laico colocou para a Igreja a problemática da sua separação do Estado. Isto trouxe para a Igreja a necessidade de criar condições organizacionais para se fazer presente em todas as unidades da federação e articular-se junto ao poder constituído, no sentido de defender seu patrimônio e conquistar espaços.⁴⁴

A Igreja Católica precisou se reorganizar no intuito de adequar-se aos novos valores advindos com a República. Da mesma maneira, as elites dirigentes da cidade, ávidas de se coadunarem com esses valores novos, perceberam

(...) a necessidade de reordenamento político-administrativo, em virtude da implantação do regime republicano; articulações no seio das elites dirigentes para monopolizar seu domínio político no Estado; a abolição da escravatura que exigiu a aplicação de novas relações de trabalho.⁴⁵

De acordo com Serpa, houve ainda o empenho das elites em modificar condutas e sociabilidades nas esferas pública e privada. Essa ação católica não era exclusividade de Florianópolis, compreendia todo

⁴³SERPA, Élio Cantalício. **Igreja e Poder em Santa Catarina**. Florianópolis: Editora da UFSC, 1997, p. 19.

⁴⁴Ibidem, p. 18-19.

⁴⁵Ibidem, p. 19.

o país. Ao atacar os laços seculares do catolicismo luso-brasileiro, o objetivo era combater as ideias equivocadas que se adentravam no meio das ideias católicas, combater crendices e superstições que poderiam entrar de sobreaviso. E trazer um lado católico austero e disciplinador — o catolicismo regular, através de ordens religiosas como a dos jesuítas, com todo a sua disciplina e lealdade de propósitos, e com um histórico de se envolver com projetos educadores, franciscanos e outros.

Ainda segundo Souza, esse projeto católico para Florianópolis não partiu de algo isolado, mecânico ou sem intenção. Era fruto dos desejos. Desejos de uma elite em buscado moderno e do civilizado. Isso também era acalentado pelos mandatários católicos da cidade que queriam abraçar esses mesmos ideais e se tornar uma “instituição moderna”⁴⁶. Desde 1892, a cidade estava atrelada à Diocese de Curitiba, mas havia novos planos. Planos compartilhados pelas elites locais, que queriam deixar para trás o passado monárquico e subordinado pelo padroado católico.

Com o advento da República e a abertura da nação para os ideais acalentados de ordem e progresso, vieram padres da Europa, provenientes de ordens religiosas, para a cidade. Esses padres foram os idealizadores do movimento de criação da Diocese de Florianópolis em 1908. Nos primeiros anos do século XX, houve um movimento por parte do clero instalado na cidade e das elites locais, no sentido de se criar a referida Diocese⁴⁷. Tal ação era mais uma medida de ressignificar os laços seculares do catolicismo popular na cidade. Tomando um exemplo de ressignificação, havia a Festa do Divino, celebração católica que acontecia anualmente em Florianópolis. Conforme a historiadora Márcia Alves⁴⁸,

A Festa do Divino, ao longo da implantação do catolicismo romanizado, na capital, passou por algumas transformações. Afastando-se da tradição do folguedo e do espetáculo participativo, ela começa lentamente a aproximar-se da festa moldada pelo catolicismo romanizado. A festa idealizada era a festa controlada e disciplinada,

⁴⁶SOUZA, 2008, p. 63.

⁴⁷Ibidem, p. 66.

⁴⁸ALVES, Márcia. **Entre a Folia e a Sacristia: As (Re) Significações e Intervenções da Elite Clerical e Civil na Festa do Divino em Florianópolis (1896-1925)**. 1999. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, UFSC, Florianópolis, 1999. p. 66.

que, aliás, também agradava a alguns membros da elite local, que estavam adaptados a essa nova forma de comemoração. (...) A mudança de orientação na festa pode ser sentida na postura do festeiro frente à celebração. O luxo, anunciado nos tempos anteriores, deu lugar à simplicidade que a nova ocasião exigia.

Com a elevação do Estado de Santa Catarina à condição de Diocese, através da Bula *Quum Sanctissimus Dominus Noster* do Papa Pio X, em 19 de março de 1908, foi nomeado bispo de Florianópolis Dom João Becker, eleito em 3 de maio do mesmo ano, ele próprio proveniente da Alemanha, indo para o Rio Grande do Sul nas últimas décadas do século XIX. Estudou Teologia e Filosofia com os jesuítas em Porto Alegre, tornou-se presbítero em 1896 e foi sagrado bispo em 1908 na capital do Rio Grande do Sul e empossado bispo na recém-criada Diocese de Florianópolis no mesmo ano⁴⁹. Sua chegada, de acordo com Souza, “(...) representava (...) a realização de um desejo”⁵⁰. Vontade da cidade de crescer e expandir um catolicismo voltado para os novos ideais. Dom João Becker, jovem e europeu, representava esses novos valores. O desejo da civilidade, acalentado tanto pela elite da cidade quanto pelo clero que queria mostrar uma nova roupagem. A elite da cidade, que contava com esse clero que chegou recentemente da Europa, “(...) carregando consigo a aspiração e a vontade civilizadora e capaz de imprimir hábitos e comportamentos entendidos como adequados”⁵¹. Roupagem essa que a própria cidade precisaria adquirir.

Era um projeto moderno que lhes garantisse sua distinção e diferenciação social. Muitas práticas do cotidiano cultural foram alvo de críticas virulentas e foram ameaçadas nesse processo de afirmação da civilidade em Santa Catarina. Os recursos públicos destinavam-se a dar forma e materialidade a esses desejos. E se a beleza e a tecnologia do mundo moderno davam aparência e contornos dessa civilidade, de igual modo, escondiam e desalojavam os pobres. A ocupação

⁴⁹ ALVES, 1999, p.67.

⁵⁰ Ibidem, p.67.

⁵¹ SOUZA, 2008, p.65.

dos morros também foi criada pelo desejo de civilizar e ser moderno.⁵²

A vinda de Dom João Becker, como primeiro bispo de Florianópolis, trouxe toda uma simbologia. Ele era detentor de conhecimentos de uma igreja católica combativa das ideias arraigadas do passado e portador dos ideais do catolicismo romanizado, e que foi bem recebido pelas elites que também queriam seguir por esse caminho moderno.

Houve algumas críticas por parte da imprensa anticlerical, pois percebiam que o clero estava cada vez mais envolvido nos espaços públicos que deveriam ser laicos. Entretanto, a imagem de Dom João Becker permaneceu forte, porque ele representava a ideia do projeto civilizador para a cidade. Dom João Becker representava a “(...) religião europeia, romanizada, moderna e civilizada”⁵³.

Em 1914, assumiu a Diocese de Florianópolis o segundo bispo. Dom Joaquim Domingues de Oliveira tomou posse em 7 de setembro daquele ano. Permaneceu como bispo da cidade até 1927, quando Florianópolis tornou-se Arcebispado e ele ficou como Arcebispo até o seu falecimento, em 1967⁵⁴. Dom Domingues de Oliveira fez parte também do IHGSC. Com esse segundo bispo em Florianópolis, o projeto de civilidade acalentado pelo clero romanizado atuou mais incisivamente com o governo estadual, criando uma aliança que permitiu o “(...) ensino religioso oficial em todos os estabelecimentos escolares”⁵⁵. Eram outros desejos que surgiam, segundo Souza. Já estabelecida com a relação com a educação escolar em Florianópolis, principalmente através do Ginásio Catarinense, agora o clero romanizado queria aumentar sua influência dentro do campo religioso.

Dom Domingues de Oliveira articulou junto com o poder público da capital de Santa Catarina, fazendo, com isso, a busca do ideal nacional. Montou estratégias para combater posições heterogêneas que fossem diferentes desse ideal buscado, tais como o comunismo, a religiosidade popular e as colônias estrangeiras. No caso das colônias estrangeiras e da religiosidade popular, Dom Domingues de Oliveira tratou de substituir os padres que atuavam em localidades do interior de Santa Catarina, colocando padres italianos em localidades alemãs e

⁵²SOUZA, 2008, p. 64.

⁵³Ibidem, p. 69.

⁵⁴Ibidem, p.73.

⁵⁵ Ibidem, p. 76.

padres alemães em localidades italianas. Era a busca por fazer parte da construção nacional, os desejos de brasilidade, almejados pelo catolicismo renovado de Florianópolis⁵⁶.

2.1.4 O poder político estava nas mãos de uma elite católica, mas o campo religioso era formado por luteranos, presbiterianos, ortodoxos e espíritas

Cabe lembrar que o poder político catarinense durante a Primeira República não mais estava mais exclusivamente vinculado aos leigos católicos. A República assistiu a uma ampliação de figuras não católicas nas esferas de poder, como protestantes e espíritas envolvidos nas disputas políticas catarinenses da primeira metade do século XX. Líderes políticos das cidades de Blumenau e Joinville eram seguidores do luteranismo. Muitos dos militares, que na época serviam em bases sediadas na Ilha de Santa Catarina e possuíam prestígio na sociedade local, foram influenciados pelo positivismo de Augusto Comte. Não apenas nas cidades “alemãs” houve a presença protestante. A comunidade luterana em Florianópolis já era presente no período contemporâneo ao surgimento do espiritismo em Santa Catarina⁵⁷, assim como também se fizeram presentes os presbiterianos na Florianópolis das primeiras décadas republicanas⁵⁸ e, em vários casos, surgiram tensões e dificuldades com os católicos da cidade⁵⁹. Dessa forma, pode-se refletir que o Ginásio Catarinense teve a importância de “recatolicizar” uma elite que “corria o risco” de abraçar novas doutrinas religiosas, doutrinas essas que possuíam maior afinidade com o

⁵⁶As últimas páginas do artigo Desejos de Civilidade e Ser Moderno: Uma História sobre o Nascimento da Diocese de Florianópolis, do historiador Rogério Luiz de Souza, tratam bem sobre esse assunto, o que demonstra ainda mais a força do catolicismo dentro do campo religioso da capital.

⁵⁷KLUG, João. **Consciência Germânica e Luteranismo na Comunidade Alemã de Florianópolis (1868-1938)**. 1991. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, UFSC, Florianópolis, 1991.

⁵⁸ROCHA, Sandra Vieira. **O presbiterianismo Independente em Santa Catarina**. 1995. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, UFSC, Florianópolis, 1995.

⁵⁹TÁPIA, José Eliachim Barros. **Algumas pedras, uma moeda: tensões entre presbiterianos e católicos em Florianópolis**. 2001. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História). UDESC, Florianópolis, 2001.

liberalismo enquanto ideologia predominante no mundo da *Belle Époque*.

2.1 UM ESPÍRITA NA SANTA CATHARINA DA PRIMEIRA REPÚBLICA

2.2.1 Espiritismo (França, Brasil, Santa Catarina) como doutrina da modernidade

O Espiritismo na França

O espiritismo surgiu na década de 1850 em Paris, França. Hippolyte Leon Denizard Rivail, nascido em Lyon no ano de 1804, foi educador, tradutor e autor de livros para melhorar a instrução pública da França. Em 1854, tomou conhecimento de um fenômeno que no espiritismo ficou conhecido como Mesas Girantes, bastantes populares nos salões parisienses. Eram mesas que se mexiam e respondiam a perguntas do público presente nesses eventos⁶⁰. Passou a fazer pesquisas nessa área e publicou o primeiro livro, com o pseudônimo de Allan Kardec⁶¹. Assim, em abril de 1857, veio a lume “O Livro dos Espíritos”, primeira obra do chamado Pentateuco Espírita. Em 1861, “O Livro dos Médiuns”. Em 1864, o “Evangelho segundo o Espiritismo”. Em 1865, “O Céu e o Inferno”. E, em 1868, publicou a última obra que faz parte do Pentateuco: “A Gênese”. Allan Kardec também criou a Revista

⁶⁰Sobre a vida do codificador da doutrina espírita, desde o seu nascimento em Lyon, sua infância, passando pelos estudos na Escola do educador Pestalozzi em Yverdon, sua vida em Paris como professor e tradutor e seu trabalho enquanto codificador do espiritismo a partir de 1854, consultar o livro WANTUIL, Zêus e THIESEN, Francisco. **Allan Kardec: o educador e o codificador**. Vol.1. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2004.

⁶¹De acordo com a dissertação de mestrado de Pedro Paulo Amorim, **Renovação Cristã: de Kardec a Lutero** - O papel do livro na cisão do Movimento Espírita Brasileiro (1949-2010), p. 21, o autor fala sobre os motivos do uso do pseudônimo por parte do fundador do espiritismo. Seria, em primeiro lugar, uma forma de evitar confusões com o trabalho científico exercido por ele antes dessa doutrina; em segundo lugar, para preservar o sobrenome da família, muito conhecida na magistratura francesa. E, em terceiro lugar, o uso do pseudônimo de Allan Kardec teria surgido através de uma comunicação mediúnica, na qual Rivail tomou conhecimento de ter sido um druida em uma existência anterior na Gália.

Espírita, de tiragem mensal, sendo o seu editor de 1858 até 1869, ano do seu falecimento, e criou a Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas⁶².

O “Livro dos Espíritos” é composto de mais de 1000 perguntas e respostas⁶³, tratando de assuntos como espíritos, reencarnação, pluralidade dos mundos habitados, Deus, progresso, evolução, dentre outros⁶⁴. Quando os primeiros grupos espíritas surgiram no Brasil, essas ideias caracterizavam a referida doutrina. Conforme o antropólogo Bernardo Lewgoy,

Allan Kardec, o criador do espiritismo, encarnou como poucos o ideal racionalista do século XIX, quando a ciência, a filosofia da história e o determinismo passaram a tomar o lugar do voluntarismo subjetivo na imaginação moral. Como se depreende do Livro dos Espíritos, muito de sua figura tem a ver com a austeridade burguesa da época; e seu ideal de ciência experimental, aplicado à religião, é profundamente marcado pelo positivismo: a importância transcendental do método, a ontologia naturalista, a unidade da verdade garantida através da concordância intersubjetiva dos experimentos, a exposição didática das respostas. Nesse primeiro sentido, Kardec foi um homem das Luzes, que criou uma religião altamente relacionada com os ideais de sua época: a laicidade, o progresso e o espírito científico, tendo atraído cientistas e literatos. Nesse sentido, o espiritismo anunciava-se como uma religião natural, o que originou uma tensa e não resolvida relação entre demonstração experimental e revelação, que significa que seu prestígio era dependente da simpatia da comunidade intelectual pelo fenômeno.⁶⁵

⁶²WANTUIL, Zêus, THIESEN, Francisco. **Allan Kardec: o educador e o codificador**. Vol. 2. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2004.

⁶³A primeira edição desta obra continha pouco mais de 500 perguntas. Alguns anos depois, Kardec publicou a edição definitiva de **O Livro dos Espíritos**, contendo mais de 1000 perguntas e suas respostas.

⁶⁴KARDEC, Allan. **O Livro dos Espíritos**. Brasília: Federação Espírita Brasileira, 2013.

⁶⁵LEWGOY, Bernardo. **A Transnacionalização do Espiritismo Kardecista Brasileiro: Uma Discussão Inicial (Artigo)**. 2008, p. 85-88.

Conforme um outro artigo de Bernardo Lewgoy, ao abordar a época quando o espiritismo surgiu na França

O espiritismo de Kardec nasce envolto no ethos secular e anticlerical na França de Napoleão III, onde a ciência é um símbolo iluminista e uma bandeira instituinte dos movimentos progressistas e laicos das mais variadas matizes políticas, como socialistas, maçons e espíritas. Não ainda plenamente cristalizado, o campo científico da época tem um breve flerte com aliados de um horizonte ideológico cientificista ainda em expansão, no qual a pesquisa psi parecia coadunar-se com uma série de expectativas que remontavam à crítica iluminista à religião e a crença nos poderes libertadores da “ciência” e da “razão”. De fato, o século 19 tem uma aguda consciência do desconhecido como fenômeno tangível, material e pesquisável, evocável por desbravadores, cientistas e literatos, que viam nesse contato o desbravamento da última fronteira científica.⁶⁶

O Espiritismo no Brasil

O espiritismo de Allan Kardec foi introduzido no Brasil na segunda metade do século XIX, durante o Império, como uma novidade importada da França, que influenciava largamente o imaginário intelectual e estético das elites brasileiras da época. Allan Kardec se correspondia com estudiosos e religiosos de várias regiões da França e de outros países, incluindo o Brasil. Na década de 1860, quando nem todas as obras do Pentateuco espírita haviam sido escritas, surgiu na Bahia o primeiro grupo espírita brasileiro⁶⁷. Na sua tese de doutorado

⁶⁶ LEWGOY, Bernardo. Representações de ciência e religião no espiritismo kardecista: antigas e novas configurações. *Civitas*, Porto Alegre, v.6, n.2, jul.-dez. 2006, p. 157.

⁶⁷ STOLL, Sandra Jacqueline. **Espiritismo à Brasileira**. Tese de doutorado para o departamento de Antropologia da USP. 1999, p. 37. Salvador, em 1865, e Rio de Janeiro, em 1873, sediaram os dois primeiros grupos kardecistas constituídos no país. Deles fizeram parte membros da colônia francesa instalada na Corte, além de integrantes das elites e classes médias locais, dos quais se destacavam intelectuais, médicos, engenheiros e militares.

em Antropologia na USP, Sandra Jacqueline Stoll escreve que (...) “imigrantes, leitores de jornais europeus, foram os primeiros a reproduzir aqui, em meados do século passado, o que já era moda na Europa: a realização de experiências de comunicação com os mortos por meio das ‘mesas girantes’”⁶⁸. Lewgoy coloca que

(...) Em pouco tempo o espiritismo converteu-se em alternativa religiosa de vanguarda, cujo charme estava em sua singular conjugação entre ciência experimental e fé revelada, associada a um anticlericalismo que agradava a um público de opositores ilustrados do Império, notadamente os abolicionistas e republicanos.⁶⁹

Os primeiros grupos espíritas brasileiros foram no Rio de Janeiro e em Salvador. Segundo Stoll,

(...) fazendo da literatura, ou melhor, da escrita o principal instrumento de divulgação da doutrina de Kardec, esses dois grupos foram responsáveis pela edição do primeiro periódico espírita brasileiro, *Echos de Além-Túmulo*, lançado na Bahia em 1865, e pela publicação, em 1860, do primeiro livro espírita editado no Brasil. Este, lançado no Rio de Janeiro, trazia a marca da língua culta do país: foi publicado em francês. Denominado *Les Tempssont Arrivés*, foi escrito por Casimir Lieutaud, diretor do Colégio Francês, então o mais renomado da Corte.⁷⁰

Sobre o livro de “*Les Tempssont Arrivés*”, de Casimir Lieutaud, Célia da Graça Arriba, em sua dissertação de mestrado, salienta que

outros imigrantes franceses no Rio de Janeiro compactuavam dessas idéias espíritas, mas elas estavam muito relacionadas com o socialismo. (...) Nesse círculo de imigrantes franceses pertencentes a uma determinada classe social, o espiritismo ainda não era visto como uma opção

⁶⁸STOLL, 199, p.37.

⁶⁹LEWGOY, 2008, p. 85-88.

⁷⁰STOLL, op. Cit. p. 37-38.

religiosa, e sim como uma teoria que estava relacionada com outras tendências políticas e filosóficas.⁷¹

No caso do jornal *Echo D'Além-Túmulo*, ele foi um jornal criado e editado por Luís Olímpio Telles de Menezes, primeiro jornal espírita brasileiro, no ano de 1869. Telles de Menezes foi professor e jornalista, que mantinha contato com Casimir Lietaud no Rio de Janeiro e com vários espíritas da França⁷². Telles de Menezes correspondia com Allan Kardec. Em seu trabalho como jornalista na Bahia, escreveu em diversos periódicos, tais como o *Diário da Bahia*, o *Jornal da Bahia* e o *Interesse Público*. E chegou a ser redator e diretor de outro periódico, o *A Época Literária*⁷³. Foi sócio também do Conservatório Dramático da Bahia, entidade que contava entre seus sócios, como nomes como Rui Barbosa e Castro Alves⁷⁴. O jornal *Echo D'Além-Túmulo* não durou muito tempo, apesar de ter disseminado ideias espíritas para um público geral, inclusive na França.

Fazendo parte desse meio literário, Telles de Menezes acabou conhecendo o espiritismo proveniente da França. Publicou em 1865 a obra “O espiritismo – introdução ao estudo da doutrina espírita”. Passou a divulgar o espiritismo na imprensa.

Foi assim que Telles de Menezes começava, sob a bandeira do espiritismo, a reunir em torno de si personalidades cujo capital social era bastante ampliado, entrando dessa maneira – e não mais através das artes – no grupo dos aristocratas como Antônio da Rocha Pitta e Argollo, Visconde de Passé, considerado o homem mais rico do Brasil, e o Barão de Sauípe; médicos como o Dr. Joaquim Carneiro de Campos, filho do Marquês de Caravelas, e o Dr. Guilherme Pereira Rebelo; e até o ex-presidente da Província, Álvaro Tibério de Moncorvo e Lima, comendador da Ordem da Rosa. Telles de Menezes começava sua

⁷¹ARRIBAS, Célia da Graça. **Afinal, Espiritismo é religião?** A doutrina espírita na formação da diversidade religiosa brasileira. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008, p. 40.

⁷²Ibidem, p. 42.

⁷³Ibidem, p. 43.

⁷⁴Ibidem, p. 45.

empreitada com grande poder legitimador decorrente dessas relações, muito embora ele mesmo não proviesse dessa camada social e economicamente mais privilegiada.⁷⁵

Sobre a o espiritismo no Brasil e no Rio de Janeiro, Lewgoy aponta que:

(...) o advento da República trouxe consigo o princípio constitucional da liberdade religiosa. O espiritismo consagrou-se naquele momento como uma doutrina da caridade e da assistência aos pobres (tradicional bandeira católica), sobretudo através da prescrição mediúnica de receitas homeopáticas a uma população praticamente destituída de assistência médica.⁷⁶

As ideias espíritas começaram a circular no Brasil, primeiramente na capital do Império, Rio de Janeiro, através da colônia de franceses que havia naquela cidade. Mas essas ideias estavam inseridas apenas em um reduzido círculo, dentro de algumas reuniões e poucas publicações. Era um período em que, na França, Kardec estava escrevendo algumas das principais obras da doutrina espírita, as quais viriam a lhe dar identidade para o futuro. Inclusive, no Brasil, na cidade do Rio de Janeiro, essas ideias já apareciam, ainda que num número reduzido. Conforme aponta Arribas,

para que uma equivalência possa dar lugar a um tipo determinado de integração ou de interação, não basta que os elementos culturais estejam simplesmente disponíveis; é preciso ainda que ela seja anunciada por alguns agentes e também reconhecida e significada como tal pelos grupos interessados.⁷⁷

As ideias espíritas naquele momento, em 1860, no Brasil foram interpretadas de uma maneira que não atraiu a atenção de grande número de pessoas, ao passo que, na França, havia uma relação entre espiritismo e socialismo. Lewgoy, em seu artigo, destaca ainda que, no

⁷⁵ARRIBAS, 2008, p. 47.

⁷⁶LEWGOY, 2008, p. 87.

⁷⁷ARRIBAS, op. cit., p. 42.

Brasil, ocorreram algumas mudanças em relação ao cientificismo kardequiano. No Brasil, foi dada uma ênfase maior para a mediação relacional entre pessoas de círculos próximos, geralmente familiares. Na França, acontecia entre indivíduos desconhecidos num espaço mediúnico impessoal. E houve o descolamento da ênfase na mensagem para a ênfase no carisma do médium.

Foi no Rio de Janeiro que, em 1883, ocorreu a criação da revista “O Reformador”. Em 1884, foi criada a FEB. O Fundador da revista “O Reformador” passa esse periódico para a FEB naquele mesmo ano. Nas décadas de 1880 e 1890, vários espíritas ligados à política, ao Direito e à Medicina, como Bezerra de Menezes e Bittencourt Sampaio, ligados também à área da caridade, ajudaram a dar uma nova imagem para a FEB. Além disso, no Brasil o espiritismo teve o seu lado religioso mais acentuado, em relação à sua vertente científica e filosófica, conforme aponta o antropólogo Emerson Giumbelli. Segundo esse autor, o espiritismo teria se tornado uma religião, fundamentando-se em três aspectos:

(a) centralidade do estudo e da moral ‘evangélicos’ no campo doutrinário, em detrimento de preocupações ‘filosóficas’ e questões ‘científicas’; (b) o desenvolvimento de mecanismos ‘rituais’ nas sessões, dotando-as da excepcionalidade características dos eventos ‘sagrados’, e de uma forma de relação com os ‘espíritos desencarnados’ que os equipara, em sua função, aos santos católicos ou às divindades africanas; (c) a importância das práticas terapêuticas, em termos tanto de sua extensa disseminação como de sua presença recorrente entre os motivos de ‘conversão’, revestidas e interpretadas pelo valor religioso da ‘caridade’.⁷⁸

Giumbelli, em seu livro “O Cuidado dos Mortos”, analisa como o espiritismo foi enquadrado no Código Penal de 1890, além de ser alvo de médicos que teciam críticas às práticas espíritas, tudo isso ocorrendo no final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX. A FEB se

⁷⁸GIUMBELLI, Emerson. **O Cuidado dos Mortos**: uma história da condenação e legitimação do espiritismo. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1997, p. 21.

apoiou fortemente em ações voltadas para a caridade para defender-se contra essas críticas⁷⁹.

O Espiritismo em Santa Catarina

No final do século XIX, alguns anos após o início da República no Brasil, na cidade de São Francisco do Sul, um grupo de espíritas criou o primeiro centro espírita do estado. Esse centro espírita, que recebeu o nome Caridade de Jesus, foi fundado em julho de 1895, e era continuação de um grupo familiar espírita.

O grupo familiar que compôs o futuro centro espírita tinha como finalidade os fenômenos mediúnicos e o estudo da doutrina espírita.

Contava São Francisco, a esse tempo, alguns estudiosos da Doutrina Espírita, dentre os quais é justo salientar, pela firmeza das suas convicções, os seguintes ardorosos confrades, já desencarnados: Joaquim Antônio de S. Thiago, Afonso Apolinário Doin, Cristiano Artur da Costa Pereira, Domingos Júlio da Silva, Jacinto José de Souza e poucos mais. (...) E também as esposas desses homens, Clara Almeida de S. Thiago, Eugênia da Conceição Doin, Maria Cândida da Silva, Maria Augusta Nóbrega da Costa Pereira, Margarida Júlia da Silva, Genoveva Roza da Costa e Maria Carolina. Mais tarde vieram Emílio Neucheffe de Oliveira e sua esposa Maria Vitalina de Oliveira.⁸⁰

O sobrado que foi utilizado para essas reuniões era de propriedade do carpinteiro Joaquim Simplício da Silva e sua esposa Maria Amélia, que nas reuniões do grupo familiar atuava como médiuns⁸¹. O recém-fundado Centro contava com algumas atividades, tais como atendimento a pessoas mais pobres e exposições doutrinárias.

Ardorosos e combativos, os espíritas organizadores do “Caridade de Jesus”

⁷⁹Ibidem, p.21.

⁸⁰S. THIAGO, Arnaldo Claro. **Centro Espírita Caridade de Jesus: Homenagem ao Guia Dr. Leocádio José Corrêa** na data do 1º centenário do seu nascimento. Florianópolis: Escola Industrial de Florianópolis, 1948, p. 8.

⁸¹Ibidem, p. 7.

desenvolveram na cidade em que exerciam a sua atividade, uma constante ação social em prol dos necessitados de pão, tanto para o corpo, como para o espírito, realizando sessões públicas de doutrina, publicando folhetos em defesa do espiritismo, sempre que se fazia necessário, mantendo, por fim, um órgão de divulgação dos princípios e dos ensinamentos da doutrina – A Revelação.⁸²

Portanto, o espiritismo já estava inserido em Santa Catarina no começo do século XX.

2.2.2 Uma capital que se quer moderna

A modernidade acalentada pelas elites locais de Florianópolis para a cidade influenciou a região e o próprio espiritismo. Eram influenciadas diretamente pela República. Entre 1910 e 1922, o Centro Espírita Amor e Humildade do Apóstolo (CEAHA) teve algumas sedes provisórias. No ano de 1914, esse Centro comprou um prédio na rua Fernando Machado, com o intuito de se instalar aí, mas em virtude de mudanças advindas da modernidade, teve de desapropriar o local. Conforme o livro “CEAHA 100 Anos 1910 – 2010”, a desapropriação se deu “(...) em virtude de alargamento e construções de pontes ligando a Avenida Hercílio Luz”⁸³. Ainda conforme o livro, o CEAHA havia feito um empréstimo de dez contos de réis, no dia 07 de janeiro de 1914, com o objetivo de construir a sua sede própria. 5 contos de réis foram utilizados para comprar o referido prédio na rua Fernando Machado. Mas, naquela ocasião, por causa das constantes modificações urbanas de Florianópolis, o CEAHA não pôde se instalar ali.

As mudanças envolvendo a criação da Avenida Hercílio Luz não foram as únicas. Como visto anteriormente, havia um desejo que a cidade se modernizasse, passasse por reformas e transformações, deixando-se de ser atrasada, pequena, e passasse a ser uma metrópole, como a capital de Santa Catarina merecia. Essas reformas e esse desejo recaíram também em grande medida sobre as camadas mais pobres da cidade, sobre os casebres que estavam em áreas centrais. As reformas higienistas focaram nessa parcela da população, porque a cidade precisava se embelezar, crescer. Florianópolis tornou-se, assim, palco de

⁸²S. THIAGO, 1948, p. 9.

⁸³RAMOS; LUDVIG, 2010, p. 16.

“uma intensa campanha higienista”, nos dizeres do historiador Hermetes Reis de Araújo⁸⁴.

Essas políticas envolvendo a higiene e questões sanitárias tinham como objetivo a população da cidade, principalmente a população pobre. A higiene pública e a remodelação de Florianópolis tornaram-se a partir de 1910 e, mais decididamente, no início da década de 1920, um dos principais elementos dos discursos e das ações administrativas do governo em Santa Catarina⁸⁵. Mudanças também ocorreram, como, por exemplo, uma readequação do espaço urbano. As administrações públicas na capital com a República no final do século XIX e nos primeiros anos do século XX focaram em alguns pontos, tais como

localização dos bairros e suas condições sanitárias, suas construções, seus habitantes, sua proximidade em relação ao centro da cidade, limpeza das ruas, a situação do mercado público, o antigo problema da localização do cemitério e do matadouro, os hospitais e os asilos.⁸⁶

Os casebres e as casinhas mais simples da região central de Florianópolis foram considerados como focos de doenças e disseminadores de miasmas. Por isso, fazia-se necessário uma limpeza urbana, realocando esses moradores para os morros, tirando-os do centro da cidade. Isso e também um policiamento urbano reforçado que garantiria a ordem. Tais ideias iam de acordo com o novo pensamento de ordem, com o novo clero romanizado e com os novos saberes científicos em voga. Essa junção de fatores, novo governo, o clero romanizado e os novos saberes acalentados visavam “(...) interferir na moral e na higiene dos indivíduos com o intuito de atingir um determinado progresso, um desenvolvimento, uma civilidade”⁸⁷.

Florianópolis estava passando por essas transformações em uma época em que as questões sanitárias adquiriram uma atenção especial em

⁸⁴ ARAÚJO, Hermetes Reis de. **Medicalização e Controle Social: Reformas Urbanas em Florianópolis na Primeira República**. Florianópolis: Anais eletrônicos do 15º Seminário Nacional de História da Ciência e da Tecnologia, Florianópolis. 2015, p. 1.

⁸⁵ Ibidem, p.1.

⁸⁶ Ibidem, p.1.

⁸⁷ SOUZA, 2008, p.65.

nível nacional⁸⁸. Houve também uma limpeza no sentido de alterar os costumes e as práticas dos moradores mais pobres da cidade. Nesse sentido, Araújo observa que foram instituídas “Comissões Sanitárias”, que tinham o objetivo de realizar visitas domiciliares, entregar folhetos explicativos para a população, distribuir remédios, realizar consultas médicas gratuitas. Mas o enfoque foi voltado para as visitas domiciliares. As visitas eram realizadas pelas “Comissões Sanitárias”, compostas de “três pessoas, mais um funcionário municipal e outro da Diretoria de Higiene, todos chefiados por um médico”⁸⁹. A cidade foi dividida em seis zonas, cada uma aos cuidados de uma Comissão, e mais uma sétima, que tinha o trabalho de realizar as visitas em locais onde existissem muitas pessoas. Nas visitas domiciliares, as Comissões encontraram muitos galinheiros, poços sem proteção, criação de porcos e viveiros de pássaros nos quintais de casas ou até mesmo nos porões. Depósitos de lixo encontrados em grande número de quintais foram desmanchados, além de tirar capinzais das propriedades e também pés de bananeiras. Segundo a Diretoria de Higiene, tais medidas visavam acabar com essas práticas e havia também um fim útil – “o de educar o povo sob o ponto de vista da higiene”⁹⁰.

Estas medidas, associadas ao extermínio dos galinheiros, viveiros etc., demonstram um ímpeto que visava produzir a cidade como um espaço regido pelos códigos e pelas relações de poder segregatórias das práticas sanitaristas. O que demonstra, igualmente, uma condenação e um desejo de erradicar algumas formas de sobrevivência da população pobre, que conservava hábitos e costumes que não eram considerados adequados pelos valores assépticos de uma ordenação médico-higienista.⁹¹

⁸⁸O historiador Hermes Reis de Araújo escreveu sobre como a ideia de saneamento passou a ser perseguida pelas autoridades do governo. A falta de saneamento era vista como sinal de atraso, de falta de desenvolvimento. O governo municipal de Florianópolis, consoante com as diretrizes nacionais e desejando a modernidade, introduziu mecanismos político-médicos como instrumentos de intervenção e controle social.

⁸⁹ARAÚJO, 2015, p. 8-10.

⁹⁰Ibidem, p. 8-10.

⁹¹Ibidem, p. 11.

A capital de Santa Catarina não estava mais atrasada, isolada, e nem era mais provinciana. Essas medidas na área da saúde, saneamento, higiene, melhorias e readequações públicas permitiram à cidade realizar o desejo da modernidade. Na década de 1920, teve início a construção de uma ponte, marcando assim a ligação com o continente. Florianópolis não seria mais isolada do restante do estado de Santa Catarina.

Essas mudanças foram sentidas por Osvaldo Melo que, por esse período, escrevia na imprensa da cidade, no jornal *A República*, órgão do Partido Republicano Catarinense. Além disso, em 1922, Osvaldo Melo publicou uma brochura intitulada *Verdade Revelada*⁹², que seria na realidade uma conferência realizada por ele no Centro Espírita Amor e Humildade do Apóstolo (CEAHA) e foi publicada em novembro do mesmo ano. Nessa brochura, Osvaldo Melo fala sobre uma espécie de sentimento religioso que todas as pessoas teriam à medida que se abrissem para a “verdade revelada” – conjunto de ensinamentos que englobariam a noção do progresso, de que a alma é imortal e de que os espíritos existem. No decorrer da obra, de pouco mais de 30 páginas, o autor concita os leitores a buscarem o progresso e a melhorarem suas existências. E, logo no final desse trabalho, Osvaldo Melo escreve sobre o progresso ao mesmo tempo em que divulga o espiritismo, dando a entender para os leitores que a doutrina combinava com os novos valores da cidade.

Os espíritos que se comunicam revelam a verdade. O Espiritismo é, pois, a revelação prometida. É o despertar da humanidade para o bem e para a luz. Penetremos sem receios e sem temores nesta seara bendita. Caminhemos! Deixemos envoltos na poeira da estrada os preconceitos que nos manietam e nos diminuem em vez de nos enaltecerem! (...) Iluminemos a nossa vida!⁹³

Osvaldo Melo, ao longo de sua trajetória na imprensa de Florianópolis, escreve muito sobre o assunto da modernidade. Em suas colunas semanais, primeiramente no jornal “*A República*”, e depois no

⁹² Esta publicação contou com o prefácio de Altino Flores, colega de jornal, de espiritismo, da Academia Catarinense de Letras de Osvaldo Melo.

⁹³ MELO, Osvaldo. **A Verdade Revelada**. Florianópolis: Typografia da Livraria Moderna, 1922, p. 36.

jornal O Estado, ele, de tempos em tempos, até a década de 1960, toca nesses assuntos, buscando o embelezamento da cidade, criticando ações que deterioravam espaços públicos e elogiando a vinda de melhorias estéticas⁹⁴.

2.2.3 A atuação de Osvaldo como espírita na Primeira República

O livro “CEAHA 100 anos 1910 – 2010”, publicado pelo Centro Espírita Fé, Amor e Caridade, procurou focar a história do espiritismo antes da fundação desse Centro. Segundo a publicação, em agosto de 1909 esses grupos se fundiram, “formando um só grupo, com trabalhos mediúnicos de assistência aos desencarnados e estudos doutrinários”⁹⁵. Esse grupo se reunia no Athelier Fotográfico de Basílio Ferrari. O nome escolhido passou a ser “Grupo Espírita Amor e Humildade do Apóstolo”.

Em Assembleia Geral Ordinária, realizada em 20 de janeiro de 1910, foi instalado o Centro Espírita Amor e Humildade do Apóstolo (CEAHA). Nessa mesma assembleia, outras três decisões teriam sido tomadas: o grupo foi elevado à categoria de Centro Espírita; foi criado a “Escola de Médiuns”, sob a direção do Desembargador Vasco de Albuquerque Gama e também criada uma biblioteca, com 44 livros. Os fundadores do primeiro Centro Espírita de Florianópolis foram Basílio Ferrari, Francisco Grillo, João Adolpho Ferreira de Melo, Maria Josefa Suarez Cuneo, Antonio Cavazzolli, Pedro Bosco e o Desembargador Vasco de Albuquerque Gama.

O CEAHA teve algumas sedes provisórias. Ficou funcionando durante algum tempo no Athelier Fotográfico de Basílio Ferrari. Depois, em 1914, ocupou um prédio na rua Fernando Machado, para logo desocupá-lo em decorrência de modificações e do alargamento na rua Hercílio Luz. Após a desapropriação, o Centro foi transferido para o primeiro andar da residência de Manoel dos Santos Lostada⁹⁶, situada à rua Marechal Deodoro.

⁹⁴Para mais informações, ver COSTA, Gláucia Dias da. **Vida noturna e cultura urbana em Florianópolis** (Décadas de 50, 60 e 70 do século XX).

Florianópolis: UFSC. (Dissertação de Mestrado em História), 2005.

⁹⁵RAMOS; LUDVIG, 2010, p. 14.

⁹⁶Manoel dos Santos Lostada, conforme o dicionário político catarinense do historiador Walter Piazza, foi colega de Cruz e Souza e Virgílio Várzea durante a juventude. Foi promotor em Itajaí, deputado estadual em quatro legislaturas, membro do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina e

(...) Em 1918, foi adquirido um terreno na rua Marechal Guilherme e o Centro, com várias doações: material de duas casas demolidas, cedido pelo irmão Ricardo Pedro Goulart; a planta de construção pelo irmão Tolentino de Souza; os bancos fornecidos pelo irmão Capitão Manoel dos Santos Lostada.⁹⁷

Já em 1920, deu-se o lançamento da pedra fundamental para a construção da sede. No mesmo ano, foi comprada uma faixa de terra ao lado do terreno do Centro, para possibilitar o alargamento da sede em construção. A sede definitiva foi construída em 1922 nesse terreno. O livro traz algumas linhas a respeito dos fundadores do CEAHA. Basílio Ferrari era italiano, nascido em fevereiro de 1868; Pedro Bosco era francês, nascido em 1868; Francisco Grillo, italiano, nasceu em 1870 e tinha a profissão de joalheiro; João Adolfo Ferreira de Melo, nascido em São José, em 1861, literato, maestro e concertista; Desembargador Vasco de Albuquerque Gama, nascido no Recife em 1866, era bacharel em Direito pela Faculdade de Direito de Olinda; Maria Josefa Suarez Cuneo, nascida na Espanha em 1869, trabalhava como costureira⁹⁸.

Oswaldo Melo esteve presente desde os primórdios do CEAHA e participou, na década de 1910, de grupos de estudo e, mais tarde, da institucionalização do referido centro. Em 1910, quando o CEAHA foi fundado, ele era ainda novo, mas já estava envolvido nesse ambiente, porque o seu pai foi um dos fundadores. Seu irmão Antonio também.

Uma das características do espiritismo no Brasil, e também em Florianópolis, é a existência de grupos familiares espíritas. A reunião acontecia na casa de algum dos membros do grupo. Geralmente, em uma sala ou garagem, ou em algum outro espaço reservado, onde faziam algumas leituras e tinha uma comunhão espiritual, uma sessão mediúnica. O próprio Allan Kardec participou de grupos assim. Inicialmente, nas chamadas “Mesas Girantes”, evento que chamou sua atenção para os fenômenos que originaram, alguns anos depois, a primeira obra da codificação espírita, “Livro dos Espíritos”, publicado

Patrono da Cadeira nº32 da Academia catarinense de Letras. PIAZZA, Walter. **Dicionário Político Catarinense**. 1985, p. 309.

⁹⁷RAMOS; LUDVIG, 2010, p. 17.

⁹⁸ Ibidem, p. 21-28.

em 1857. Esse livro foi preparado dentro de casas de amigos de Kardec, em reuniões familiares, com o concurso de médiuns que recebiam mensagens dos espíritos.

Entre o período de 1910 e 1920, aconteceram diversas situações para Osvaldo Melo. Além de estudar no Ginásio Catarinense, escola católica das elites, ele adquiriu um cabedal que lhe permitiu transitar entre os diversos meios. Em 1910, Osvaldo Melo estava com 16 anos quando o CEAHA foi fundado, em 10 de janeiro. Em 1920, Osvaldo Melo já atuava como uma liderança dentro do CEAHA. Cerca de um ano antes, foi decidido pela criação da sede própria deste Centro e a reunião aconteceu na casa de Osvaldo Melo, conforme informação de que em 21 de novembro de 1919, na residência de Osvaldo Melo, é fundado o Grupo Espírita “Romeiros da Fé”. Os membros desse grupo eram Pedro Bosco, Adolfo Melo, Rodolfo Bosco (filho de Pedro Bosco), o irmão de Osvaldo, Antonio Ferreira de Melo, e Altino Flores⁹⁹.

No começo da década de 20, já com 26 ou 27 anos. Seu casamento foi moldado dentro do Centro Espírita, dentro dos grupos de estudo espíritas. Estava casado com Ana Bosco, a jovem filha de Pedro Bosco, nascida em 1901. No ano de 1920, nasceu a primogênita de seis filhos, Wanda.

Em 1920, foi criada a Academia Catarinense de Letras (ACL), tendo Osvaldo Melo como um dos fundadores. Há também a participação na Revista TERRA, de Artes e Letras¹⁰⁰, publicação

⁹⁹RAMOS; LUDVIG, 2010, p. 17.

¹⁰⁰Sobre a Revista Literária e o movimento literário desse período, consultar os seguintes autores: REIBNITZ, Cecília de Sousa. **A Literatura Catarinense a partir da Revista Terra**. Florianópolis: UFSC (Dissertação de Mestrado em História), 2016; e MATOS, Felipe. **Armazém de Província: vida literária e sociabilidades intelectuais em Florianópolis na Primeira República**. Florianópolis: UFSC (Tese de Doutorado em História), 2014. O historiador Carlos Humberto Pederneiras Corrêa, no seu livro **Lições de Política e Cultura: A Academia Catarinense de Letras, sua Criação e Relação com o Poder** (1996, p.33) escreveu: “(...) em março de 1920, logo no início do ano, como para anunciar o turbolinho intelectual que teria lugar nos meses seguintes, foi lançada a revista mensal TERRA, de Artes e Letras”. Com uma duração de 24 números, foi secretariada por Osvaldo Melo e dirigida por Altino Flores, Ivo D’Aquino e Othon Gama D’Eça. Os membros dessa Revista eram “professores e intelectuais liderados por Altino Flores” e “jornalistas e os ensaístas do Instituto Histórico e Geográfico”, além de “nomes de reconhecida competência do Rio de Janeiro e outros que já

literária de Florianópolis que viria a ter como participantes diversos membros fundadores da ACL. A Academia já tinha o seu primeiro grupo de fundadores no ano de 1920, dentre eles José Arthur Boiteux, Othon Gama D'Eça e Altino Flores. Eles escolheram os patronos e o número da cadeira que ocupariam. Osvaldo Melo não fazia parte desse grupo inicial. Somente em 1921, quando outros nomes foram incorporados para integrar a ACL, é que Osvaldo Melo entrou na Academia. Ele e outras 23 pessoas (que entraram em 1920 e 1921) são considerados membros fundadores¹⁰¹. E vários deles escrevem em jornais ou tinham cargos dentro das redações¹⁰².

Embora a maioria dos membros fundadores da ACL não tivesse nenhum livro publicado e sua produção literária restringia-se aos jornais da época, e essa produção era considerada aquém de outros centros literários como a capital Rio de Janeiro, isso não constituiu impedimento para eles usarem o espaço da revista TERRA e as reuniões da ACL para se posicionarem sobre os assuntos de Florianópolis¹⁰³. Altino Flores, espírita participante em 1919 do grupo Romeiros da Fé, presidido por Osvaldo Melo, fazia parte da ACL e era um dos editores da Revista TERRA. Altino Flores e Othon Gama D'Eça, editores da revista TERRA e membros da ACL, assim como Osvaldo Melo, eram também egressos do Ginásio Catarinense¹⁰⁴.

Isso mostra como Osvaldo Melo transitava em outros meios na sociedade. E ele tinha em comum com outras pessoas o fato de

despontavam em São Francisco e Laguna”, e colaboradores de Florianópolis (p. 33-34).

¹⁰¹ CORRÊA, Carlos Humberto Pederneiras. **Lições de Política e Cultura: A Academia Catarinense de Letras, sua criação e relações com o poder.** Florianópolis: Coleção ACL, Vol. 8, 1996. p. 41-43. Gustavo Neves, outro espírita, também fez parte do grupo fundador da ACL, assim como Altino Flores.

¹⁰² Altino Flores foi diretor de jornal. Osvaldo Melo durante décadas teve colunas nos jornais A República e O Estado.

¹⁰³ Sobre o fato de a maioria deles constituírem uma Academia Literária sem ter livro algum publicado, segundo o historiador Carlos Humberto Pederneiras Corrêa, um dos fatores poderia ser que a circulação de jornais era um meio barato de divulgar as ideias e muitas vezes era o único meio de comunicação, sendo que havia um público leitor desses jornais. Os livros eram caros e de difícil publicação em comparação aos jornais. *Ibidem*, p. 39-40.

¹⁰⁴ De acordo com o historiador Carlos Humberto Pederneiras Corrêa, em 1912 Othon Gama D'Eça e Altino Flores já faziam incursões literárias na imprensa de Florianópolis.

transitarem nos mesmos espaços, espíritas ou não espíritas. Em 20 de janeiro de 1922, aconteceu a inauguração da sede atual do CEAHA. O evento teve “a participação da família espírita e de várias autoridades de Florianópolis. Contou com brilhante participação da banda de música do 14º Batalhão de Caçadores de Florianópolis”¹⁰⁵.

Uma projeção que surgiu na década de 1900 e 1910 primeiramente com o seu pai, Adolpho Melo e outros colaboradores espíritas. Mas, nas décadas de 1910 e 1920, Osvaldo Melo “surge” porque detinha todos esses requisitos: era orador, médium, escritor, jornalista; estava envolvido ao ambiente cultural da cidade e com a caridade. E o contexto era uma Florianópolis predominantemente católica, quando a própria cidade estava se reinventando porque não queria mais ser isolada, atrasada, queria ser moderna, ligada ao continente, com as mesmas novidades e facilidades que outras cidades maiores tinham. Uma cidade republicana, com os novos ideais de ordem e progresso.

Adolpho Melo, Pedro Bosco e outros espíritas foram os pioneiros, mas esses não tinham todos os requisitos que Osvaldo Melo teve ou, em outras palavras, não receberam os mesmos investimentos em capitais simbólicos e culturais que Osvaldo Melo recebeu. Adolpho Melo, muito provavelmente, tornou-se espírita em Florianópolis quando era adulto. Osvaldo Melo recebeu o espiritismo já criança, pois o seu pai participava de grupos espíritas na primeira década de 1900 quando Osvaldo Melo era criança. Ele e seus irmãos, notadamente Antonio, cresceram nesse ambiente e desenvolveram a mediunidade, envolvendo-se com a parte prática do espiritismo.

O espiritismo combinava perfeitamente com os novos ideais republicanos desejados por Florianópolis. Ordem e progresso também fazem parte dos ensinamentos espíritas. Há um capítulo no “Livro dos Espíritos” dedicado ao assunto progresso¹⁰⁶. Sobre isso, o historiador Artur César Isaia escreve:

¹⁰⁵RAMOS; LUDVIG, 2010, p. 17.

¹⁰⁶ Em **O Livro dos Espíritos**, a Lei do Progresso está dentro da terceira parte dessa obra, intitulada “Das Leis Morais”, como uma espécie de capítulo. Os itens desse capítulo são: Estado da natureza, marcha do progresso, povos degenerados, civilização, progresso da legislação humana e influência do Espiritismo no progresso. Esse livro, composto de perguntas e respostas, teve a primeira edição em 1857, com 501 perguntas. A segunda edição, de 1860, veio com 1019 perguntas numeradas, formato esse usado desde então. Em outro livro do Pentateuco Espírita, o **A Gênese**, há um capítulo intitulado

Assumindo a tríade revolucionária (igualdade, fraternidade e liberdade), o espiritismo explicitamente partia para defesa da cidadania, a qual aparecia como dimensão “básica e natural” da vida em sociedade. Os princípios que norteiam a leitura liberal da cidadania eram vistos pela obra de codificação espírita estreitamente vinculados ao ideal de aperfeiçoamento humano (...) Os aspectos teleológicos da concepção história do espiritismo assumiam o progresso linear, no qual havia uma identidade entre o percurso individual e social. Em ambas as dimensões havia a promessa de um futuro radioso rumo a uma utopia consoladora.¹⁰⁷

Oswaldo Melo, nascido em 1893, não viveu os últimos anos do império brasileiro e, quando era criança, o Brasil já estava aberto às outras religiões, não tinha mais a religião católica como a oficial. Oswaldo Melo também viveu as mudanças pelas quais o espiritismo passou em solo brasileiro. Se na França ele estava voltado para os estudos científicos e filosóficos, até para atender ao público francês, à ordem positivista que imperava na França, que não aceitava nada sem constatação e comprovação, no Brasil o espiritismo adquiriu um caráter religioso, muito embora não deixasse de lado o caráter científico e filosófico do qual o próprio Oswaldo Melo seria um partidário¹⁰⁸. Tal

“São chegados os tempos”, que traria uma ideia de que a humanidade passava por transformações, aliada à sensação de mudanças que aconteciam em um ritmo mais acelerado no século XIX. Sobre essa explicação contida no Livro A Gênese, ver o artigo de Fábio Luiz da Silva, **A Utopia Espírita: A Cidade Espiritual Nosso Lar**.

¹⁰⁷ISAIA, Artur César. A República e a Teleologia Histórica do Espiritismo. In: ISAIA, Artur César; MANOEL, Ivan Aparecido (orgs.). **Espiritismo e Religiões Afro-Brasileiras**. SP: Ed. Unesp, 2012, p. 104.

¹⁰⁸O livro **Sobrevivência e Comunicação dos Espíritos**, fruto da pesquisa de Oswaldo Melo, possui um caráter experimental e prático do espiritismo, contendo muitos relatos pessoais, citações de estudiosos e pesquisadores estrangeiros e suas obras, como maneira de comprovar os seus ensinamentos e se impor diante de outras religiões, nas tensões geradas pelas lutas do campo religioso. Esse livro foi escrito na década de 1930 e será analisado no segundo capítulo desta dissertação.

postura do espiritismo evidenciava um desejo de modernidade e também outros valores ligados a esse desejo, como o historiador Isaia demonstra:

A defesa da cidadania, da ordem republicana e o endosso a uma leitura da história e da salvação humana alicerçada na idéia de progresso contínuo apareciam na obra de codificação espírita, integrando o seu esforço em credenciar-se no campo religioso e intelectual, com uma proposta de cunho moderno e consoante com o ideal cientificista do século XX. Como proposta que se queria moderna, o espiritismo vai tentar aliar a revelação divina às descobertas científicas.¹⁰⁹

Em 1895, quando o médico Adolfo Bezerra de Menezes, um dos espíritas mais conhecidos e influentes, assumiu a presidência da FEB, que ainda era uma instituição insipiente, ele criou o Auxílio aos Necessitados, uma espécie de “programa” que atendia a pessoas carentes. Essa faceta do espiritismo adquiriu no Brasil, pois na França não havia tanto esse apelo para a parte assistencial, porque lá as necessidades eram outras. E também no solo francês os investimentos do espiritismo foram voltados para a questão científica e filosófica¹¹⁰. No Brasil, antes mesmo de Bezerra de Menezes assumir a presidência da FEB, o espiritismo estava enquadrado no Código Penal brasileiro de 1890¹¹¹. Diante disso, o subcampo espírita precisou se reinventar, direcionar esforços para o lado assistencial, mostrando que o espiritismo teria uma importância e um papel dentro da sociedade, atendendo a demandas que o governo não conseguia atender.

¹⁰⁹ISAIA, 2012, p. 105.

¹¹⁰Muito embora dentro da codificação kardequiana exista a obra *O Evangelho Segundo o Espiritismo* (1864), que se debruça sobre os ensinamentos de Jesus e passagens do Novo Testamento.

¹¹¹Alguns pesquisadores na área do espiritismo analisaram as consequências do Código Penal de 1890 para o espiritismo no Brasil e os pontos que foram focados. Dentre esses pesquisadores, pode-se citar a historiadora Adriana Gomes, com o artigo **A Criminalização do Espiritismo no Código Penal de 1890**: as Discussões nos Periódicos do Rio de Janeiro; e o antropólogo Emerson Giumbelli, com o artigo **Heresia, doença, crime ou religião**: o Espiritismo no discurso de médicos e cientistas sociais.

No Brasil, na capital Rio de Janeiro, o Auxílio aos Necessitados de Bezerra de Menezes ajudou a erguer a FEB e também a ditar uma vertente que seria mantida dentro do espiritismo brasileiro, fruto dos direcionamentos dos esforços de espíritas que precisaram incentivar um lado humanitário da doutrina.

Uma questão que não mudou desde a época do surgimento do espiritismo com Kardec no século XIX e a Florianópolis do começo do século XX é que as primeiras camadas da população que receberam e aceitaram o espiritismo foram as frações de classe média letradas. Se no Rio de Janeiro os primeiros espíritas que se impuseram eram médicos, engenheiros, políticos, advogados, professores, em Florianópolis algo parecido aconteceu. A classe letrada tinha acesso às novidades e fazia parte, em maior ou menor grau, de uma elite. Mesmo Florianópolis (ex-Desterro), provinciana em comparação ao Rio de Janeiro ou mesmo à Curitiba e isolada em relação às cidades catarinenses do mesmo porte, como Joinville, Blumenau ou Laguna, que despontavam com indústrias, coisa que Florianópolis não detinha, mesmo ela possuía acesso ao que acontecia no restante do estado, ou na capital Rio de Janeiro, através de livros, revistas e jornais que vinham para a cidade. Esses conhecimentos chegavam até as camadas letradas, compostas de cargos como comerciantes, profissionais liberais e funcionários públicos.

Adolpho Melo chegou a ser conselheiro municipal, mesmo cargo ocupado por Pedro Bosco, que também foi professor. Além disso, Adolpho Melo como músico, compositor e violinista, participou durante muitos anos das festas nos salões e clubes das elites de Florianópolis e seu nome aparece em vários artigos de jornais da época. Então esses homens, ainda que não representassem a classe média intelectualizada de Florianópolis, estavam envolvidos naquele meio e tinham acesso àquelas informações. Adolpho Melo, proveniente da família Ferreira de Melo, da cidade de São José, que esteve envolvida em eventos políticos importantes para a região no século XIX¹¹², já era um homem que detinha um considerável capital simbólico, cultural e social. Na área da música, deixou vasto material escrito, “(...) assim como variadas obras para violino, além de um volume com orientações teóricas, técnicas e estéticas, chamado ‘Pequena Arte da Expressão do Violino ou Nuanças

¹¹²BARROS, Guilherme Sauerbronn de; HOLDERBAUM, Flora Ferreira. **“Pequena Arte da Expressão do Violino” e Considerações sobre a Música de Salão em Desterro e São José.** DAPesquisa, periódico eletrônico do Centro de Artes (CEART) da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). V. Nº 8, 2011, p. 418-435.

que fazem a Beleza da Execução”¹¹³. Nesse artigo, os autores colocam que Adolpho Melo estava envolvido em concertos de músicas e apresentações de salões e fazia parte de uma classe social, cujo “(...) modus operandi (...) eram as festas e reuniões nos casarões, sobrados e salões”¹¹⁴. E, na cidade de Desterro,

(...) junto às casas e salões encontramos as Sociedades e Clubes Musicais que desempenharam papel muito importante na cultura e disseminação musical da época. Muitas vezes eram através destas associações que artistas de outras regiões tinham acesso a Desterro e São José.¹¹⁵

O nome de Adolpho Melo surge em jornais de Florianópolis do começo do século XX. “Sua participação é relatada em palestras sobre música, apresentações solo ou em duetos com piano ou flauta, e conduzindo alguma orquestra, como a Orquestra 12 de Agosto, pertencente ao clube de mesmo nome¹¹⁶”. Frequentava os mesmos locais das elites tradicionais da cidade.

Embora o teor desse artigo esteja concentrado nas contribuições musicais de Adolpho Melo e sua importância como músico, instrumentista e compositor, é possível perceber o capital cultural, simbólico e social e sua presença em ambientes frequentados pelas elites. Há uma possibilidade de ter ideia de como ele, cuja família era de São José, transitava por Desterro. Provavelmente, passou a morar na cidade no final do século XIX, pois ali também assumiu cargos públicos. Casou com Zélia Caldeira de Andrade, de família estabelecida em Florianópolis antes da década de 1890. Osvaldo Melo, o primeiro filho, é de 1893.

Os autores do referido artigo também fazem comentários acerca do livro deixado por Adolpho Melo, um manual de violino. Esse manual estaria de acordo com todos os grandes mestres da teoria musical do violino provenientes da Europa. Significa que Adolpho Melo tinha contato com esses autores e estudos e estava familiarizado com eles, inclusive citando-os em seu manual, o que demonstra ainda mais a sua

¹¹³BARROS, 2011, p. 419.

¹¹⁴Ibidem, p. 420.

¹¹⁵Ibidem, p. 421.

¹¹⁶Ibidem, p. 422-423.

bagagem cultural e a bagagem de sua família. Sobre sua participação como músico nos salões e clubes no final do século XIX e começo do século XX:

(...) São relatadas outras aparições de Melo como “sobre o concerto no Theatro Santa Isabel. Compareceram neste José Brasilício, Francisco Costa, João Adolpho Ferreira de Mello e a Sociedade Musical Guarany (A Regeneração, 20 julho, 1882), bem como anúncios de concertos a serem realizados: “Petit concert” no Club Estrela D’Alva, incluindo adaptações de Il Trovatore (piano e violino), A Africana (flauta e piano), O Pirata (piano e violino) onde tocarão Adolpho Mello, Emilia Schuttel, Francisco Costa, Roberto Trompowsky. (A Regeneração, 28 de novembro, 1886). (...) Em uma notícia de um concerto no Club 12 de Agosto, realizado pela soprano Elisa Bassi, de passagem para Europa, são anunciados para o concerto o pianista e maestro Angelo Tagnin e o violinista Adolpho Mello. (O Dia, 03 de fevereiro, 1903).¹¹⁷

Além disso, Adolpho Melo, nesses mesmos artigos de jornais, aparece “(...) fazendo parcerias musicais com José Brasilício Souza, autor do Hino de Santa Catarina, e com outros músicos, como o pianista Francisco João da Costa¹¹⁸”. Sobre o capital simbólico, social e cultural de Adolpho Melo, conforme abordado na primeira parte deste capítulo, ele, o pai, nasceu em São José e quando o Ginásio Catarinense foi criado no começo do século XX, já era um adulto, músico e conselheiro municipal. Ou seja, ele não poderia participar desse Ginásio. Não poderia participar dessa rede de relações. Todavia, seu filho sim. Essa relação pai e filho lembra uma outra relação pai e filho, mostrada no livro Mozart: Sociologia de um Gênio, do sociólogo Norbert Elias. Nesse livro, Elias analisa a relação entre Leopold Mozart e o seu filho Wolfgang Amadeus Mozart. Leopold era um artista artesão na corte de Salzburgo e desejava que o seu filho seguisse pelo mesmo caminho. Foi por isso que, desde criança, Leopold investiu em seu filho, viajavam juntos, acompanhava o filho em suas apresentações. Todos esses

¹¹⁷BARROS, 2011, p. 418-435.

¹¹⁸Ibidem, p. 422.

investimentos foram direcionados para quando o filho se tornasse adulto e pudesse usufruir de uma condição melhor, condição que Leopold não conseguiria, porque seu filho tinha maior talento.

Adolpho Melo estava “preso” a algumas convenções sociais, mas o seu filho, jovem e nascido em Florianópolis, e beneficiário direto das vontades e dos anseios de sua família, ingressando nesse Colégio, adquiriria um capital eminentemente prático. Adolpho Melo agiu como Leopold Mozart e investiu em Osvaldo Melo, tal qual acontecera com Wolfgang Amadeus Mozart cerca de um século e meio antes¹¹⁹. Valendo-se das ideias de Bourdieu, pode-se dizer que Adolpho Melo viu no ingresso do Ginásio Catarinense uma oportunidade para seu filho adquirir uma série de capitais (sociais, simbólicos, culturais) que ele, Adolpho, por ser de uma fração de classe média, não poderia lhe transmitir. O Ginásio Catarinense foi uma chancela para Osvaldo Melo se inserir no campo cultural de Florianópolis e para combinar os capitais familiares com os capitais adquiridos pelo Ginásio, incorporando-os em sua trajetória.

No mesmo período em que, na cidade, obras públicas começaram a aparecer e a sair do papel, com o esgoto encanado, a luz elétrica pública, o alargamento de vias e a melhoria do porto, o catolicismo também se reinventa, tanto com o Ginásio Catarinense, fundado em 1905 por padres jesuítas alemães, como também com a criação da Diocese de Florianópolis, que representava um anseio para a cidade e para as elites, mostrando que a cidade estava deixando de ser atrasada perante as demais e ainda mantinha o protagonismo da religião católica romana como a religião principal de Florianópolis, até aquele momento direcionando o campo religioso na cidade.

Interessante notar que da passagem do Império para a República, marcando uma nova era para Florianópolis, os principais padres que ajudaram a modificar o catolicismo e a combater suas práticas consideradas atrasadas são provenientes de outras regiões ou países. O primeiro bispo de Florianópolis, no ano de 1908, Dom João Becker, que não contava 40 anos de idade, era alemão e foi para a cidade após vários anos no Rio Grande do Sul. E os dirigentes do Colégio Catarinense — o qual se tornaria o colégio das elites e preparador dos futuros advogados, médicos, políticos, intelectuais e engenheiros — também eram provenientes da Alemanha.

¹¹⁹ELIAS, Norbert. **Mozart – Sociologia de um Gênio**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1995.

A questão da institucionalização do espiritismo se beneficiou do novo pensamento republicano, ardentemente procurado pelas elites da cidade, sequiosas em dar uma nova roupagem para a cidade. Um passo importante foi a criação do CEAHA em 1910. Esse centro passou a ser um parâmetro de atividades dos espíritas e para os espíritas, embora alguns dos grupos que originaram o CEAHA continuassem suas atividades, pois ainda não havia uma sede própria do CEAHA. Para a institucionalização do espiritismo em Florianópolis, a mera materialidade de um Centro Espírita, um local recebendo esse nome, não era suficiente no campo religioso de Florianópolis. Faltava algo mais, como na capital Rio de Janeiro nas últimas décadas do século XIX, a simples criação da Federação Espírita Brasileira não lhe garantiu legitimidade. Foi preciso definir práticas dentro desta Federação, apoiando-se na caridade e em estudos doutrinários, além de atuação de alguns espíritas brasileiros, como Adolfo Bezerra de Menezes, que também atuavam em outros campos, como a medicina, a advocacia e a política¹²⁰.

Em Florianópolis, a criação do CEAHA não garantia legitimidade ou uma institucionalização porque esse Centro era um desdobramento de grupos espíritas que já existiam. Esses grupos eram reduzidos e de alcance pequeno. Adolpho Melo e outros, embora detentores de capital cultural e simbólico, pertencentes a uma classe letrada, trabalharam em prol da doutrina espírita nos primeiros anos¹²¹. No entanto, esses homens, mesmo como todo esse capital simbólico e cultural, não cresceram com os ideais espíritas. Diferente de Osvaldo Melo (e outros)¹²², nascido em 1893, que fazia parte de uma outra geração, geração que não era nascida ou era muito pequena para interagir quando

¹²⁰ Conforme GIUMBELLI, Emerson. **O Cuidado dos Mortos**: uma história da condenação e legitimação do espiritismo. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1997.

¹²¹ Pedro Bosco foi o primeiro presidente, seguido por outros e até uma figura culturalmente conhecida de Florianópolis, Manoel Santos Lostada que, inclusive, cedeu um espaço de sua casa durante alguns anos para funcionar o CEAHA.

¹²² Já foi escrito a respeito do ano que Osvaldo Melo nasceu, 1893, mesmo ano da Revolução Federalista e da Revolta da Armada. Exemplos de outros espíritas foram: Altino Flores, em 1891; Antonio Melo, em 1897; Gustavo Neves, em 1899. Gustavo Neves e Altino Flores foram também membros da Academia Catarinense de Letras. Os dois escreviam em jornais. Altino Flores foi diretor de jornal e Gustavo Neves foi anos mais tarde presidente do CEAHA e também membro da FEC.

Florianópolis deixou de ser Desterro. Essa geração que recebeu os investimentos da geração anterior, que estudaram no Ginásio Catarinense, coisa que seus pais não fizeram, que cresceram juntos e conviveram com os futuros detentores do poder e futuros membros da elite. E, no caso do espiritismo, que conviveram desde pequenos com os seus pais nos grupos espíritas¹²³.

A década de 1910 foi importante para Osvaldo Melo, visto que ele se inseriu no meio jornalístico e, no final dessa década, esteve envolvido e tornou-se um dos fundadores da ACL, juntamente com Altino Flores e outros. Então, ele era um espírita que escrevia em jornais, passando a ter uma visibilidade, jornais esses frequentados também por outros membros da elite letrada de Florianópolis e colegas seus do Ginásio Catarinense, como, por exemplo, pessoas que depois ingressaram em cargos públicos na capital do Estado. O historiador Dallabrida, a esse respeito, destaca que

(...) os varões das elites foram educados para trabalhar e atuar na esfera pública, ocupando todos os cargos nos governos estadual e municipais, no comando de grandes casas comerciais, na gerência das indústrias, na direção das igrejas, nos institutos e associações culturais.
124

2.2.4 1926/1927 – Presidente do CEAHA, publica o primeiro livro, entra para a ALESC

No ano de 1926, aconteceram algumas mudanças para Osvaldo Melo. Nesse ano, o seu pai, um dos pioneiros do espiritismo em Florianópolis, faleceu com a idade de 65 anos. 1926 também foi o ano em que Osvaldo Melo publicou o seu primeiro livro, editado pela Imprensa Oficial do Estado de Santa Catarina. Trata-se da novela “O Heroísmo da Humildade”, uma obra de ficção com temática espírita, que será analisado no segundo capítulo desta dissertação.

Mas, nesse momento, a publicação desse livro, e pela Imprensa Oficial do Estado de Santa Catarina, atestam uma mudança de postura em Osvaldo Melo. Se antes ele estava atrás de Adolpho Melo, Pedro

¹²³Osvaldo Melo era criança quando foi criado o grupo espírita frequentado por seu pai e por seu futuro sogro.

¹²⁴DALLABRIDA, 2001, p. 226.

Bosco e Manoel dos Santos Lostada, todos mais velhos, agora assumia uma posição de destaque no CEAHA e também no campo religioso de Florianópolis. Adolpho Melo, como foi mencionado, faleceu em 1926. Santos Lostada, em 1923. Gradativamente, Osvaldo Melo já não era mais aquele jovem dos começos dos anos 1910. Tornou-se um homem que usava os capitais culturais que recebeu da família e suas relações com outras pessoas da sociedade de Florianópolis, espíritas e não espíritas. Entre 1926 e 1927, ele entrou na Assembleia Legislativa do Estado de Santa Catarina (Alesc), para trabalhar no departamento administrativo na função de Diretor. O fato de ter o seu primeiro livro publicado pela Imprensa Oficial do Estado atesta uma relação que ele tinha com o poder público. Em 1927, tornou-se presidente do CEAHA, o seu primeiro mandato. Já houve uma projeção maior de sua imagem, pois ele era o presidente, uma liderança surgia no seu horizonte.

Essa liderança não fez parte de um projeto de vida por parte de Osvaldo Melo quando criança. Foram os investimentos familiares, o *habitus*, o fato de ser egresso do Ginásio Catarinense, as relações que manteve com pessoas em diversas áreas da esfera pública de Florianópolis (jornalismo, literatura, política, maçonaria, cargos públicos) e elas, juntamente com as áreas em que se envolveu dentro do espiritismo (mediunidade, caridade, oratória, escrita de livros, atuação no CEAHA e ocupação de diversos cargos até a presidência do CEAHA) foram decisivos para a sua posição dentro do campo religioso espírita de Florianópolis. Além disso, a conjuntura da capital durante a Primeira República desejava a modernidade e a civilidade, desejava abraçar os ideais republicanos de ordem e progresso, uma cidade cuja força do campo religioso era predominantemente católica, e essa predominância beneficiou o espiritismo, de modo que se inserisse e ocupasse o seu espaço. Esses fatores “beneficiaram” Osvaldo Melo, pois ele fazia parte de toda essa conjuntura, porque cresceu nessa Florianópolis com desejos de modernidade e civilidade, aspirações essas acalentadas por parte de sua família e pelo espiritismo. Essa posição, aliada à sua atuação dentro do CEAHA desde jovem e sua inserção em diversas áreas de atuação (jornalismo, ACL, IHGSC, Alesc, maçonaria) permitiu que ele alcançasse uma situação de relevo, o que no final dos anos 1920 e na década de 1930, permitiu-o adentrar em outros espaços da sociedade, como a área da política, e a ter uma relação com espíritas e centros espíritas de Florianópolis e de outras cidades de Santa Catarina.

3. OSVALDO MELO NO SUBCAMPO ESPÍRITA CATARINENSE

O primeiro capítulo ajudou a ambientar os espaços frequentados por Osvaldo Melo e o contexto de Florianópolis nas primeiras décadas do século XX, quando o espiritismo começava na capital dentro como um subcampo dentro do campo religioso. A participação de Osvaldo Melo no processo de institucionalização do espiritismo em Santa Catarina pode ser entendida através de um binômio: o de intelectual espírita e o de voz autorizada dos espíritas catarinenses. Como intelectual espírita, ela atuou na imprensa e também escreveu livros. Os três livros espíritas de Osvaldo Melo enfocam a doutrina espírita em seus vários aspectos (filosófico, religioso e científico). Os livros são “O Heroísmo da Humildade”, “Sobrevivência e Comunicação dos Espíritos” e “Epístolas aos Espíritas”, escritos nas décadas de 1920 e 1930. Esses livros demonstram o conhecimento de espiritismo de Osvaldo Melo, sua forma de escrevê-los e os seus capitais incorporados. Já como voz autorizada da doutrina, Osvaldo Melo aparece nos meios políticos, envolvido com questões de estado e questões de organização de centros espíritas e no trabalho de divulgação através de palestras e participação em eventos estaduais e de abrangência nacional. Ou seja, tornou-se um representante do espiritismo, atuando dentro e fora do subcampo religioso espírita.

Com este segundo capítulo, pretende-se mostrar esses caminhos percorridos por ele e como este binômio – intelectual espírita e voz autorizada – contribuiu para a institucionalização do espiritismo, passando pela criação da Federação Espírita Catarinense (FEC) em 1945, sendo ele um dos seus fundadores e primeiro presidente. Ainda nos anos de 1940, houve o Pacto Áureo, evento que ajudou a organizar administrativamente a Federação Espírita Brasileira (FEB), na qual Osvaldo Melo assumiu uma parte ativa, sendo o secretário e representando o Estado catarinense. O segundo capítulo se encerra com Osvaldo Melo entrando na terceira idade, a partir da década de 1950 e 1960, exercendo um papel de mantenedor dos ideais espíritas, atuando como escritor em jornais espíritas e como conferencista.

Será analisada também sua participação na fundação de um centro espírita da cidade de Blumenau em 1934 e, depois, sua participação na inauguração da primeira sede desse mesmo centro espírita em 1952, mostrando sua presença em dois momentos distintos de sua ação dentro do espiritismo. Ainda como voz autorizada, será enfocada sua participação na Liga Catarinense Pró-Estado Leigo na

década de 1930, que fazia parte de um movimento de abrangência nacional.

3.1 OSVALDO MELO COMO INTELECTUAL ESPÍRITA

3.1.1 O Heroísmo da Humildade, primeiro livro publicado

Em 1926, Osvaldo Melo escreveu a novela “O Heroísmo da Humildade”. Alguns anos antes, havia publicado a “Verdade Revelada”, uma pequena brochura com prefácio de Altino Flores. A “Verdade Revelada” era uma conferência realizada por ele no CEAHA que se tornou publicação, com menos de 40 páginas. Já “O Heroísmo da Humildade” foi uma novela editada pela Imprensa Oficial do Estado de Santa Catarina, de inspiração espírita. Na nota de abertura de O Heroísmo da Humildade, Osvaldo Melo dedica a obra para sua mãe e também se declara espírita para os leitores. “Esta página é de saudade e de gratidão filial e relembra os carinhosos conselhos daquele espírito amigo que guiou os meus primeiros passos na vida – a minha mãe – ao qual espírito dedico este humilde trabalho”.¹²⁵ Na história desse livro, as mães exercem uma influência significativa e têm um destaque especial.

Os personagens centrais da trama são o desembargador chamado Rogério, “homem do século, cheio de velhas ambições, as quais cresciam à medida que ele avançava em anos”; sua esposa Rita, “uma alma completamente oposta à do marido”; a filha deles de nome Estela, uma artista com vocação para a pintura; e Leo de Oliveira, “um moço pobre e honrado”, que a muito custo conquistou um exame de provisionamento do Tribunal para advogar. Órfão desde criança, foi criado por um tio, mas este, velho e doente, não ficou muito tempo com ele. “O seu exame fora um sucesso para si, e, um desapontamento para os bacharéis, cheios de entusiasmo das Academias”¹²⁶. E um amigo de Leo, Orlando, com quem nutre grandes amizades.

O “Heroísmo da Humildade” começa com a história do Desembargador Rogério, um homem rico e austero, cioso de suas propriedades, do seu nome perante a sociedade e de uma vida social agitada. Frequentador de clubes e saraus de dança, o desembargador possuía uma filha de nome Estela, o seu oposto em termos de caráter e visão de mundo. Estela, uma jovem pintora, era idealista e apaixonada

¹²⁵MELO, Osvaldo. **O Heroísmo da Humildade**. Florianópolis: Imprensa Oficial. 1926, introdução.

¹²⁶DALLABRIDA, 2001, p. 6-8.

por um advogado provisionado de nome Léo de Oliveira. Seu pai não sabia disso porque ele seria contra tal relacionamento, uma vez que Léo era de origem social pobre e longe do padrão de vida idealizado pelo desembargador para sua filha. Havia também a esposa dele e mãe de Estela, dona Rita, uma mulher discreta e obediente ao marido, embora preocupada com o futuro da filha.

O autor, ao longo da narrativa, vai conversando com os leitores através do seu narrador, explicando as intenções dos personagens e criando um ambiente propício para a grande provação que os protagonistas, notadamente Estela e Léo, passariam. Geralmente, essas conversas do narrador com o leitor se davam ao final de alguma cena, trazendo algumas informações para o próximo momento da história.

Deixemos os dois amigos entregues aquela carta. Procuremos agora, quais detetives pacientes, o autor da carta anônima, não perdendo oportunidades para que certifiquemo-nos, também, dos motivos que determinaram semelhante ato. Vai ser a nossa justa curiosidade satisfeita.¹²⁷

Uma carta anônima endereçada ao desembargador detalha todo o romance de sua filha com o jovem advogado pobre. O desembargador, cheio de raiva, ameaça Estela de encarcerá-la num convento, pois ele seria oposto a esse enlace. Dona Rita, a mãe, nada pôde fazer, mas sofria junto com a filha. O autor da carta anônima é Abílio de Aguiar, um jogador de pôquer profissional que passava o tempo dilapidando as fortunas de pessoas inexperientes através do jogo. Abílio havia conhecido Estela em uma viagem de navio, apaixonou-se por ela e se aproximou, sem sucesso, pois Estela, percebendo os galanteios, afastou-se. Sabendo que ela era filha de um rico desembargador, Abílio orquestra um plano para afastar Léo do seu caminho e de conquistar o desembargador.

Outra carta anônima faz com que o desembargador intime Léo a se afastar de suas vidas e de romper qualquer contato com Estela, inclusive mudando-se de cidade. Léo, jovem e digno, aceita o desafio de Rogério e se afasta. A filha, por sua vez, é enclausurada em um convento contra sua vontade. Abílio consegue o seu intento. Dois anos se passam nessa história. Nesse meio tempo, Léo, advogando na nova

¹²⁷MELO, 1926, p. 25.

cidade, consegue prosperar em sua profissão, conquistando boas gratificações e conseguindo uma vida confortável, embora o dinheiro não lhe subisse à cabeça. Já Estela é dissuadida em vão pela Madre Superiora do Convento a abdicar do amor por Léo. Enquanto isso, Abílio, usando o nome falso de Ernany, aproxima-se do desembargador, agora viúvo, pois, sua esposa, Dona Rita, falece de uma doença. Ernany habilidosamente enreda Rogério para o vício do jogo, já que ele estava entediado após a morte de sua esposa. Gradativamente, o desembargador vai perdendo dinheiro, bens e sua credibilidade pela influência de Ernany.

Quando Rogério assina um cheque penhorando a própria residência, derradeiro bem em sua posse, ele tem uma crise de consciência, medindo o fundo do poço que havia se enfiado. Passando mal, ele pede aos criados para chamarem sua filha de volta do convento para cuidar de sua saúde. Arrependendo-se, ele se acerta com sua filha, reconhecendo que era uma pessoa difícil e que precisava da ajuda dela, e que a partir de agora estavam pobres.

Estela, por sua vez, vendo a sinceridade nas palavras do pai, faz as pazes com ele, usando da ternura de filha para prestar os cuidados necessários a ele. O desembargador vai ficando cego em pouco tempo, sem que a medicina pudesse fazer qualquer coisa.

Léo, em contrapartida, decide retornar para a cidade de origem, após se cientificar por carta do que se sucedera com Estela e seu pai. Com uma situação financeira melhor, ele decide ajudar o pai de sua amada, oferecendo-se como advogado para defendê-los das artimanhas de Abílio / Ernany. Apenas Estela sabe que Léo voltou, por intermédio de um amigo dele, Orlando, que se torna um fiel escudeiro. Estela e Léo não se encontram pessoalmente e o pai dela autoriza uma procuração para Léo tratar dos interesses deles, sem, contudo, saber a identidade do advogado.

Léo descobre a farsa de Ernany, que se apresentava como advogado e jornalista, mas não eram nem uma nem outra coisa. E decide visitar o almoz do desembargador. Nesse encontro, Léo desmascara Ernany, que saca um revólver. No momento do disparo, ele fica paralisado e Léo explica que ele deveria deixar aquela família em paz. O jovem advogado vai embora e Ernany fica somente com sua consciência. Açoitado pelo remorso, ele percebe um vazio em sua vida e se dá conta de que havia prejudicado muitas outras pessoas além do desembargador, através do jogo. No dia seguinte, visita o hotel onde Léo estava hospedado e na presença dele e de Orlando, devolve o cheque que hipotecaria a casa do desembargador, além de garantir que

se retiraria para outra cidade e mudaria de estilo de vida, envergonhado que estava.

Ele e Orlando vão até a casa do desembargador e devolvem o cheque para ele. O desembargador, cego, descobre que as cartas anônimas eram falsas e pede perdão para Léo. Ele então abençoa a futura união dele com sua filha, pois percebeu a retidão de caráter do advogado.

Esse é o resumo da história, que está entrecortada por ensinamentos propagados pelo espiritismo, como o perdão, a humildade como uma grande virtude, o sofrimento como benéfico para o crescimento das pessoas, a regeneração dos personagens maus e sua redenção, e a felicidade endereçada para Estela e Léo, que suportaram muitas atribulações para, enfim, ficarem juntos.

Oswaldo Melo, no livro “O Heroísmo da Humildade”, consegue, nas 116 páginas dessa novela, criar uma história com uma prosa e um estilo próprios, fazendo construções de frases bem elaboradas. E, por ser uma novela espírita, demonstra um conhecimento dos ensinamentos espíritas, encaixando-os ao longo da história. O desfecho dos personagens é feliz, mas a maneira como isso foi conseguido se deu com a explicação desses conceitos espíritas. Ao final da leitura dessa obra, o autor deixa aos leitores o conceito de humildade, de perdão e de fé, conceitos esses divulgados pela doutrina espírita por Allan Kardec, sendo que uma das obras do Pentateuco espírita é direcionada para isso¹²⁸. Há também uma influência espiritual em momentos focais da narrativa: em um sonho que Léo teve certa noite, no qual apareceu sua mãe morta há muitos anos. Nesse sonho, Léo soube que sofreria muitas provações e, se prevalecesse mantendo a honestidade e a integridade, essas provações passariam; e, na cena final da história, quando o desembargador Rogério, cego, tem uma visão de sua esposa e da mãe de Léo, dando a entender que as duas estiveram atuando juntas no plano espiritual para que o desembargador, Estela e Léo vencessem as dificuldades.

Mas o ponto alto do livro “O Heroísmo da Humildade” é, sem dúvida, a regeneração pela qual passam os personagens. Não há desfecho infeliz, ou assassinatos, ou mortes solitárias. Os antagonistas têm uma nova oportunidade. Primeiramente, o desembargador Rogério, que antes era prepotente e, depois da cegueira e dos cuidados da filha, torna-se brando e espiritualizado. Também é notável a regeneração de Abílio / Ernany, que percebe o mal cometido, é atacado pelo remorso e

¹²⁸ KARDEC, Allan. **O Evangelho Segundo o Espiritismo**, 1864.

se arrepende. Estela e Léo seriam personagens diferentes, pois não tinham essas marcas negativas de caráter. E Léo, órfão e trabalhador desde pequeno, sempre teve um caráter trabalhador e honesto. A regeneração do desembargador e de Abílio / Ernany e a conduta de Estela no convento e de Léo, fugido para outra cidade, estão intimamente associadas com a humildade. Osvaldo Melo elege a humildade como tema central dessa obra. E, quase no final da história, ele escreve sobre como a humildade havia vencido no destino desses personagens.

Apesar de ser uma obra de ficção em prosa, “O Heroísmo da Humildade”, pelas explicações dos conceitos, principalmente o da humildade, demonstrando-os na prática através da conduta dos personagens que, ao longo da história vão modificando-se, possui um caráter didático. Percebe-se o trabalho do autor em destacar esse conceito, como neste trecho: “(...) sobre todas as coisas, disse Orlando, vocês devem ter a certeza que passam por uma prova. Não há aqui injustiça. Deus continua a ser o mesmo Pai amoroso. Pela humildade e pela resignação, forçosamente vocês vencerão”¹²⁹.

A figura de Orlando na história tem um destaque especial, apesar de ser um coadjuvante. Ele é um grande amigo de Léo, uma figura equilibrada de caráter, se comparado ao desembargador Rogério e Abílio / Ernany, os antagonistas. Ele é aquele a quem Léo confia suas atribuições e os dois fazem muitos planos juntos. Ele é o contato entre Estela e Léo quando esses estavam separados. Mas é também um espírito sempre pronto a emitir considerações esperançosas e confortadoras.

Pois bem, meu amigo. Tu pedes a minha opinião. Sabes quais sejam as minhas idéias. Eu creio. Os sonhos? Uns, sem dúvida, são o produto da nossa imaginação, outros, porém e quase sempre, são reais... Principias a compreender as razões de minhas crenças... entretanto, fica certo que o sonho vai se transformar em realidade, breve. Consola-te, porém, pois, tua mãe vela. É uma promessa que não faltará, mas, necessário se torna que ouças o conselho que ela te deu. Tenhas fé e resignação. Não te deixes levar pelo ódio; perdoa sempre, torna-te humilde e vencerás. Ao teu lado

¹²⁹MELO, 1926, p. 38.

estarei também. Confia em mim, e, sobretudo, em Deus.¹³⁰

Quando Orlando diz “principias a compreender as razões de minhas crenças”, está deixando a entender que é espírita. E Osvaldo Melo coloca um personagem coadjuvante espírita, pois ele em vários momentos auxilia Léo e Estela a não fraquejarem diante das lutas e faz sempre observações ponderadas, contendo ensinamentos. Em nenhum momento no livro “O Heroísmo da Humildade” aparece a palavra “espiritismo” ou “espírita”. Há a palavra “espírito” na história, nos já citados trechos do sonho da mãe de Léo e no final quando o desembargador cego vê sua esposa e a mãe de Léo. Porém, as palavras não se encontram explicitamente no texto. Osvaldo Melo deixa ver, na conduta e no caráter de Orlando, o espiritismo implicitamente colocado. O autor inseriu um personagem espírita, o mais equilibrado de todos, mais sensato e ponderado, em sua história. Com isso, percebe-se uma divulgação do espiritismo nessa obra, pois Orlando acaba consolando Abílio de Aguiar quando este se regenera. Abílio, que havia trazido os maiores infortúnios para os protagonistas na história, sendo o motivo pelo qual Léo teve de deixar a cidade durante dois anos e de Estela ter ficado num convento. Orlando “recompensa” Abílio, que havia regenerado-se, com o perdão.

Sr. Abílio, disse Orlando. Faz bem em retirar-se. Lembre-se, que, somente pelo trabalho honesto, poderá encontrar o caminho da regeneração. Lute, tenha fé, não esmoreça nunca. Quando as idéias do passado tentarem perturbar o espírito ainda combalido, peça forças a Deus. Eleve o seu pensamento a Jesus e não se esqueça de que ele procura sempre os aflitos para oferecer-lhes o seio amantíssimo, afim de que possam recostar nele a cabeça.¹³¹

Orlando é também o nome do filho homem mais velho de Osvaldo Melo, nascido em 1922. Poderia ser uma forma de homenagear a criança e também as aspirações que o autor tinha para ele, de ser um espírita futuramente. Nas páginas finais da história, Osvaldo Melo deixa

¹³⁰ MELO, 1926, p. 10.

¹³¹ Ibidem, p. 108.

transparecer os seus objetivos: a divulgação de uma mensagem positiva sobre a humildade, implicitamente espírita.

Esta novela é uma dessas histórias de amor, em que se estudam os mistérios da alma. Por ela se vê, que, o mundo é, de fato, uma escola de profundos ensinamentos que a humanidade sofre por que erra. Que errando, aprende para não sofrer. Não vejamos aqui de novo, paradoxos... O certo é que Deus não teria criado a alma para sofrer. A dor, é, pois, não uma necessidade, porém, uma consequência do mau uso que fazemos de nosso livre arbítrio. Há uma lei eterna, imutável, que não pode ser violada nem ferida. Quem ousar, porém, pretender deturpá-la, fatalmente terá que sofrer as suas consequências... Injustiças em tal lei, não pode haver. Os que sofrem já fizeram sofrer a outrem. E, quem sofre com paciência e resignação, vence pela humildade as provas às quais esteve submetido. Eis a filosofia da vida... filosofia da qual muitos riem, mas, que, um dia dela se servirão para abrir clarões de luz intensa nas trevas que os envolverem... O humilde é um herói. Retomemos, porém, o fio de nossa história. Somos chegados ao termo dela. Já vem enrubescendo o Céu os primeiros alvares da aurora da redenção.¹³²

Se Orlando é o personagem espírita da história, Osvaldo Melo é o narrador. Aproveitando momentos cruciais na narrativa, expôs muitos conceitos. Mais do que isso, Osvaldo Melo vai destacando-se como um porta-voz dentro do subcampo religioso espírita de Florianópolis. Não há dados sobre a tiragem de livros de “O Heroísmo da Humildade”, mas, por ter sido editado pela Imprensa Oficial do Estado de Santa Catarina, encontrou um público espírita e não espírita. Osvaldo Melo não estava escrevendo sobre espiritismo somente para um público espírita, mas também para um público de outras religiões. As relações mantidas por Osvaldo Melo com outros membros da política, do funcionalismo público e da intelectualidade de Florianópolis certamente abriram portas para a sua obra.

¹³² MELO, 1926, p. 110-111.

3.1.2 Sobrevivência e Comunicação dos Espíritos – a ênfase entre ciência e espiritismo

(...) Em sua gama profundamente ascensional, o Espiritismo, por fruto de longas e pacientes pesquisas, chegou à realidade indiscutível de que o Espírito sobrevive à morte do corpo e pode comunicar-se conosco. Não é, pois, uma obra de imaginação a ciência espírita. É com fatos, com argumentos, com provas irrecusáveis que o Espiritismo, doutrina dos próprios Espíritos, sustenta suas afirmações, fazendo desaparecer o mistério, o sobrenatural e o milagre, fulminando, até mesmo pela razão, pelo senso exato das coisas e pela mais atilada e poderosa força filosófica, todas as teorias vãs, dogmas concebidos pela vontade e interesse subalternos que as oportunidades criam, obedientes às contingências de cada época. (...) Hoje, não mais as ironias e as chacotas tem força para enfraquecer o esforço dos estudiosos. As pechas de loucos e paranóicos, atiradas, dantes, aos espíritas, não prevalecem mais em nossos dias. Depois que o Espiritismo começou a curar os chamados loucos, que outra coisa não eram senão obsidiados, perseguidos por Espíritos inferiores, quase sempre inimigos de vidas anteriores ou desta mesma, entrou a produzir-se uma reação natural, apurando os fatos e constatando-lhes a veracidade.¹³³

Nesse livro, editado na década de 1930, há uma construção diferente. Diferente de “O Heroísmo da Humildade”, não se trata aqui de uma novela espírita, uma obra ficcional – no sentido de ser uma criação do autor. Em “Sobrevivência e Comunicação dos Espíritos”, o autor faz uma pesquisa¹³⁴ para mostrar a veracidade da mediunidade. A mediunidade que é outro dos conceitos importantes da doutrina espírita.

¹³³ MELO, Osvaldo. **Sobrevivência e Comunicação dos Espíritos**. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2009, p. 38-39.

¹³⁴ As obras do chamado Pentateuco Espírita (O Livro dos Espíritos, O Livro dos Médiuns, O Evangelho Segundo o Espiritismo, O Céu e O Inferno e A Gênese) abordam a mediunidade. Para os espíritas, os ensinamentos vieram através de médiuns e foram compilados e organizados, ou codificados, por Allan Kardec nas décadas de 1850 e 1860 em Paris.

Oswaldo Melo não se apresenta como médium, e sim como autor do livro. A obra é cheia de referências a pesquisadores do século XIX e começo do século XX, sobretudo europeus. Dentre eles, alguns contemporâneos, autores que pesquisaram a mediunidade. Muitos deles não espíritas e alguns que se converteram ao espiritismo após a publicação de seus trabalhos e pesquisas, conforme coloca o autor.

O prefácio do livro, escrito em Florianópolis em junho de 1935, mostra um Oswaldo Melo diferente daquele que escreveu *O Heroísmo da Humildade*. Nesse ano, ele era o presidente do CEAHA e já havia participado de ações envolvendo o espiritismo em outras cidades de Santa Catarina, como em Blumenau um ano antes. Já tinha mais alguns anos de trabalho como jornalista na capital do estado e também como funcionário público da Alesc. Inclusive, havia aventurado-se na política e participado recentemente da Liga Catarinense Pró-Estado Leigo, o que lhe deu uma evidência maior nos jornais. Possuía uma carreira segura de funcionário público e contava nessa época com pouco mais de quarenta anos de idade. Era pai de seis filhos. Pelo prefácio da obra agora analisada, percebe-se essa segurança. O autor é direto com suas palavras e não deixa margens a dúvidas no que se refere à maneira de escrever.

Oswaldo começa criticando sua época, em que as pessoas procuravam nas livrarias obras tratando do “inverossímil e o fantástico” que “dão movimento aos nervos gastos dos leitores modernos”¹³⁵. “As moças procuram M. Delly. Os homens querem os autores de aventuras fantásticas... Coisas que falem do Kurdestão bravo e de lábias policiais, em que a inteligência do homem seja o produto dos acasos salvadores”.¹³⁶ Depois acrescentava: “O Espiritismo não admite fantasias, nem coisas impossíveis; nem milagres, nem acasos, nem coisa alguma que se não explique. A razão e a lógica são suas inseparáveis companheiras. As provas materiais – a positivação de sua ciência...”¹³⁷. Nessa obra, em vez de Oswaldo Melo explicar aos leitores sobre os conceitos, do porquê de a mediunidade ser levada em consideração, do motivo de ela ser importante para o espiritismo, ele a coloca como um

¹³⁵ Prefácio de MELO, 2009.

¹³⁶ Ibidem.

¹³⁷ Ibidem. Oswaldo Melo faz relação do espiritismo com a ciência, seguindo pelo mesmo caminho de Allan Kardec no século de XIX, que colocava a doutrina espírita no tripé ciência, filosofia e religião. Pelo tom do prefácio, Oswaldo Melo deixa claro o caminho seguido para escrever o livro: usando pesquisas, a razão e a ciência. Por sinal, o subtítulo de *Sobrevivência e Comunicação dos Espíritos* é *Teoria e Fatos*.

dado aceito, aprovado pela razão e pela lógica. O autor encerra o seu prefácio escrevendo que

(...) aí está a razão mais convincente deste livro – provar o que somos e dizer o que nos espera. A atingir tão grande finalidade destina-se o volume que pretende agitar sua mente, leitor amigo. E dar, também, a coragem de que me revesti para publicá-lo o que tanto pode ser levado à conta de temeridade, como de fé.¹³⁸

Após o prefácio, há uma página contendo um texto intitulado “Leitor”, no qual Osvaldo Melo explica sobre a responsabilidade do teor dessa obra. E, nesse momento, ele tem um posicionamento diferente do de quando lançou a brochura “A Verdade Revelada”, na década de 1920, quando teve o prefácio escrito por Altino Flores.

Apresento-me, dispensando as formalidades do estilo. Fujo mesmo ao ritualismo literário, não procurando tolher o livre-arbítrio dos meus confrades e amigos, para solicitar-lhes uma apresentação. A elegância moral, fruto da educação e da ética literária, tem levado muita gente a escrever o que não pensa, acerca de um autor... Quero assumir inteira responsabilidade, lançando este livro ao público e à crítica, como, aliás, já o fiz como o primeiro que publiquei: Heroísmo da Humildade. Que se me perdoe a franqueza. Acima de tudo, coloco a grande virtude que é a sinceridade.¹³⁹

Há um capítulo grande do livro intitulado “Sobrevivência e Comunicação dos Espíritos – Teoria e Fatos”, no qual o autor escreve sobre as linhas de pensamento contrárias à mediunidade¹⁴⁰, que seriam tentativas de autores de explicar os efeitos mediúnicos sem a presença

¹³⁸MELO, 2009, prefácio.

¹³⁹ “Leitor” – do livro MELO, 2009.

¹⁴⁰ A teoria da “Consciência Subliminal, de Myers; a teoria da “consciência cósmica, defendidas por Hartman e William James, além da teoria da “segunda-consciência”, defendida por autores que Osvaldo Melo não identificou. MELO, 2009, p. 17.

dos espíritos. Osvaldo Melo usa o contraponto do espiritismo para refutar as ideias desses autores. Ele discorre a respeito dessas teorias:

As abundantes provas colhidas no vasto campo da mediunidade, principalmente a que nos acabam de fornecer os médiuns (...) destroem completamente essas teorias desarrazoadas e que apenas tentam empanar o brilho refulgente da VERDADE ESPÍRITA, nesta hora, a grande REALIDADE das promessas de CRISTO DE DEUS.¹⁴¹

Osvaldo Melo escreveu vários parágrafos dessa maneira, dando ênfase para o espiritismo, para a realidade espírita. Em diversos momentos, aparecem palavras destacadas em letras maiúsculas, para ressaltar. Os capítulos do livro, além do já citado “Sobrevivência e Comunicação dos Espíritos – Teoria e Fatos”, são: Provas colhidas pela tiptologia; Provas colhidas pela mediunidade escrevente; Mediunidade curadora; Materialização de espíritos; Aparição e comunicação dos espíritos; e Provas obtidas através da faculdade mediúnica de efeitos físicos¹⁴². No decorrer do livro, aparecem parágrafos como o a seguir:

(...) por mais que se esforcem os reduzidos negadores, o Espiritismo vai crescendo, dominando, desfazendo dúvidas, aprimorando virtudes, consolando corações, iluminando almas, derramando luz em profusão entre os de boa vontade e preparando, para a família humana dias melhores, mais calmos, nos quais o AMOR imperará, realçando a JUSTIÇA. Essa obra de evangelização e de PAZ tem de receber a colaboração eficiente dos homens que ilustram a

¹⁴¹MELO, 2009, p. 18.

¹⁴²A ordenação dos capítulos, classificando as mediunidades em tipos (efeitos físicos, curadora, escrevente), segue o mesmo padrão seguido por Allan Kardec em O Livro dos Médiuns. Nessa obra, Kardec classifica alguns capítulos como: das manifestações físicas; das manifestações inteligentes; das manifestações visuais; da pneumatografia ou escrita direta; da natureza das comunicações; da psicografia; dos médiuns, dentre outros. Conforme KARDEC, Allan. **O Livro dos Médiuns**. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira (FEB), 2000.

vida da humanidade em todos os seus múltiplos aspectos.¹⁴³

Oswaldo Melo torna-se um representante do espiritismo. Ele escreve de uma maneira muito direta, incisiva, como um porta-voz autorizado, uma voz autorizada nos dizeres de Bourdieu. Usando o seu capital incorporado dentro do espiritismo, Oswaldo Melo não pede licença para outros autores. Escreve como se ele mesmo fosse o detentor desse capital, como se fosse um interlocutor para os espíritas e não espíritas no subcampo espírita. Ele não escreve como se a mediunidade estivesse sendo descoberta ou fosse uma hipótese, mas como se ela fosse uma realidade.

É curioso notar como Oswaldo Melo, na vida pública e na jornalística, teve alguma posição de destaque, como quando foi Secretário em várias instituições. Essa posição de destaque nunca foi suficiente para ser um líder, o responsável maior de um grupo. Entretanto, permitia que ele estivesse frequentando os mesmos lugares e participando dos mesmos eventos dos outros líderes (jantares políticos, eventos cívicos no Palácio Cruz e Sousa, no qual era um dos oradores) ou mesmo no alto de uma caçamba de caminhão falando com as pessoas sobre espiritismo¹⁴⁴. Também os cargos públicos exercidos por ele, embora não fossem os de maior relevo, permitiam que ele estivesse no meio, envolvido com as discussões intelectuais e políticas e participasse das rodas com os intelectuais e políticos de Florianópolis¹⁴⁵. Mas, ao lado disso, dentro de sua militância no espiritismo, esse caráter “coadjuvante” não existia. Oswaldo Melo agia como se fosse do primeiro escalão. E o livro “Sobrevivência e Comunicação dos Espíritos” é uma prova. Ele mostra sua erudição¹⁴⁶.

O autor, em seguida, após as críticas às teorias e aos autores que davam outras explicações para negar a existência dos espíritos e da

¹⁴³ MELO, 2009, p. 19.

¹⁴⁴ Entrevista realizada em novembro de 2017 com Madalena Matsumoto, voluntária do Centro Espírita Fé, Amor e Caridade (CEFAC), da cidade de Blumenau (SC), e que durante a infância e juventude viveu em Florianópolis.

¹⁴⁵ No Dicionário Político Catarinense do historiador Walter Piazza, há um verbete sobre Oswaldo Melo e consta que ele fez parte do Partido Republicano Catarinense e do Partido Social Evolucionista.

¹⁴⁶ Ele também lia e escrevia em francês. Nesse livro, coloca, em determinados momentos, trechos em francês de outros autores e faz a sua explicação sobre isso.

mediunidade, passa, em um momento seguinte, a: “(...) explicar, ainda de acordo com a própria ciência, o estudo, a opinião e as provas que colheram grandes mentalidades sobre a maneira como se opera a comunicação dos Espíritos”¹⁴⁷. Osvaldo Melo começa citando Allan Kardec, o codificador da doutrina Espírita e a sua obra, que, segundo ele, foram divisores de água para esses estudos. “O *Livro dos Espíritos* e o *Livro dos Médiuns* dão-nos eloqüentes e exuberantes provas do trabalho metódico, rigoroso, e, por fim, vitorioso de Allan Kardec”.¹⁴⁸

Osvaldo Melo prossegue explicando o conceito de médium segundo os espíritos e outros conceitos que ele julgou necessários para trabalhar o assunto da mediunidade. Além de Kardec, citou outros autores espíritas que foram contemporâneos, como Gabriel Delanne (1857-1925) e o filósofo Léon Denis (1844-1927)¹⁴⁹. A partir da página 40, ele escreve:

(...) na segunda parte deste livro, encontrará o leitor um registro de fatos importantes, que virão, sem dúvida, testemunhar as nossas afirmações. São um verdadeiro repositório de observações, fruto de estudos acurados e que se produziram num ambiente elevado e seriíssimo. Fatos que levaram os mais sisudos e exigentes pesquisadores a exames prolongados, através de um controle rigoroso e que não deixam a menor sombra de dúvida, dado que esses fatos se produziram diante de observadores e controladores de nome feito nos vários ramos da ciência humana e sobre cujos ombros pesa grande soma de responsabilidades.¹⁵⁰

Osvaldo Melo não cita somente autores ou fatos vindos de outros países. Ele comenta sobre histórias que aconteceram com ele em Florianópolis e casos que tomou conhecimento por intermédio de outras pessoas ou pela imprensa. Dois casos chamam a atenção – uma sessão experimental espírita ocorrida em sua residência e um caso de cura de um rapaz blumenauense realizado por seu irmão Antonio Melo. Esses casos ajudam a reforçar a ideia defendida por Osvaldo Melo em seu

¹⁴⁷ MELO, 2009, p. 26.

¹⁴⁸ Ibidem, p. 27.

¹⁴⁹ Ibidem, p. 34-36

¹⁵⁰ Ibidem, p. 40-41.

livro e o colocam como representante da mediunidade dentro do espiritismo.

O livro “Sobrevivência e Comunicação dos Espíritos” mostra um autor pesquisador, que fez leituras de autores espíritas e não espíritas, mostrando estar por dentro dos acontecimentos envolvendo a mediunidade. Um autor atualizado. Mas também mostra o autor médium, ele se identifica como médium. Alguém que une a teoria com a prática. Se no livro O “Heroísmo da Humildade” é possível ver um Osvaldo Melo criador de um enredo de ficção mostrando ensinamentos espíritas, ou seja, um autor usando os recursos da literatura a serviço de sua doutrina, nesse livro, agora, outra faceta de Osvaldo Melo se apresenta: pesquisador e médium, principalmente levando as discussões para um caminho que ele acreditava ser o viés científico no espiritismo.

No capítulo Provas Colhidas pela Tiptologia¹⁵¹, Osvaldo Melo cita algumas reuniões ocorridas em sua residência. Essas reuniões tinham o intuito de praticar a mediunidade. O autor cita duas reuniões nas quais apareceram matizes diversos da mediunidade. Em uma delas, no dia 25 de março de 1935, as pessoas concentraram-se em volta de uma mesa, que balançou, ficou de ponta cabeça, no mesmo tempo em que respondia às perguntas, através de um alfabeto espalhado no chão. A mesa batia com uma das pernas na letra desejada, formando palavras e depois as frases¹⁵². Compareceram algumas pessoas à reunião, ocorrida no gabinete de trabalho do autor. Foi feita uma ata dessa sessão e ele a transcreveu no livro. Os presentes, além do nome, tiveram sua profissão revelada na ata.

¹⁵¹ Tiptologia é um termo empregado por Allan Kardec em **O Livro dos Médiuns**. Referia-se à comunicação de um espírito por intermédio de sons de pancadas vindos de paredes, do chão ou do teto. Ver o capítulo XI – Da Sematologia e da Tiptologia de **O Livro dos Médiuns**.

¹⁵² Esses eventos onde as mesas levitavam, giravam, “dançavam” e respondiam perguntas com o uso de um alfabeto espalhado pelo chão, dentro do espiritismo é conhecido como “Mesas Girantes”. O Espiritismo começou na França com essas reuniões, quando Allan Kardec passou a se interessar pelo assunto, pelas ações empreendidas pelas mesas e se aprofundou e pesquisou. Dessas suas pesquisas e análises surgiu o material para compor a primeira edição de O Livro dos Espíritos (1857). Para mais informações a respeito das “Mesas Girantes”, consultar O Livro dos Médiuns, de Allan Kardec, e Allan Kardec, o Educador e o Codificador – Vol.1, de ZéusWantuil e Francisco Thiesen, todas essas obras editadas pela FEB.

Nessa sessão, participaram os senhores Pedro Leão Coelho, guarda-livros da importante firma Eduardo Horn, desta praça; Libório Soncini, fiel do tesoureiro do Tesouro do Estado; Jaime dos Santos Cardoso, agente da Companhia Nacional de Navegação Costeira, nesta Capital; Eponino Macuco, empresário teatral; Hildebrando Vaz, comerciante e fazendeiro; Gentil Bonzon, maquinista da Marinha Mercante e eletricista; Ataliba Neves, guarda-livros e funcionário federal, e Osvaldo Melo, Diretor da Secretaria da Assembleia Legislativa do Estado e jornalista.¹⁵³

Osvaldo Melo explicará o porquê de ter feito isso. O motivo seria o de tornar conhecidas essas pessoas para os leitores e que elas estariam aptas a explicar sobre os fatos presenciados se fosse necessário. O autor acrescenta que há cerca de treze anos fazia reuniões desse tipo, em que compareciam “(...) entre outras pessoas respeitáveis, algumas que são hoje consideradas homens de letras, jornalistas, altos funcionários públicos e até, entre eles, um que tem assento na Assembleia Constituinte, como representante do povo”¹⁵⁴. Esse ato de Osvaldo Melo de nomear os presentes e suas profissões parecem uma maneira de dar credibilidade aos acontecimentos. Kardec também fazia isso na França, nas reuniões da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritos, fundada por ele. Participavam dessas reuniões militares, advogados, juizes, pessoas consideradas de “moral idônea”¹⁵⁵. Osvaldo Melo, citando a profissão dos integrantes das reuniões, dava a entender que eles não se sujeitavam a participar de qualquer coisa e que o testemunho deles teria um peso maior, seria uma prova a favor do espiritismo, já que tinham credibilidade.

(...) Estabeleceu-se a corrente em torno de uma mesa de madeira, tendo esta quatro pés, pesada, com uma gaveta e que serve para a máquina de escrever. Comunica-se um Espírito pedindo preces para um doente que se achava em estado de coma, no Hospital de Caridade. Foi atendido. Em

¹⁵³ MELO, 2009, p. 60.

¹⁵⁴ Ibidem, p. 65.

¹⁵⁵ A relação entre as pessoas presentes e suas ocupações nas reuniões experimentais aparece em diversos trechos do **O Livro dos Médiuns** (1861) e **O Céu e o Inferno** (1865).

seguida, comunica-se o Espírito que na Terra se chamou José Rodrigues Fernandes. Dá excelentes provas de identidade, relembrando fatos reais que positivaram sua presença, falando sobre outros já esquecidos dos presentes e só relembrados depois. Esse Espírito conseguiu inverter a posição da pesada mesa, colocando o seu tampo no chão, de forma que os quatro pés ficaram para o ar. Nesta posição, levitou a mesa, fazendo com que ela se elevasse a regular altura. Estando o rádio funcionando, o Espírito, para dar mais uma belíssima prova, fez a mesa girar dançando, acompanhando assim os compassos da música, fazendo-o, porém, de maneira perfeita e na cadência exata da música que, então era executada por uma orquestra de cordas argentina e irradiada por uma estação de Buenos Aires.¹⁵⁶

A reunião foi presidida por Osvaldo Melo, conforme colocado no livro:

(...) Pediu, então, o irmão Osvaldo Melo para o Espírito fazer voltar o móvel por si mesmo à posição natural, e, bem não havia esse nosso irmão acabado de formular o pedido, eis que a mesa, num giro rapidíssimo, voltou à posição primitiva e natural, indo colocar-se por si mesma no centro do gabinete.¹⁵⁷

Já na ata da segunda reunião escolhida pelo autor para o livro, há a descrição de um “fenômeno de transporte”. Essa reunião também ocorreu na residência de Osvaldo Melo.

Aos dezoito dias do mês de março deste ano de mil novecentos e trinta e cinco, na residência do Sr. Osvaldo Melo, na Rua Major Costa, nº6, nesta cidade de Florianópolis, às sete horas da noite, realizou-se a sessão, estando presentes os senhores Pedro Leão Coelho, Ataliba Neves, Olímpio Santos (este pela primeira vez), Hildebrando Vaz, Jaime Cardoso, Gentil Bonzon,

¹⁵⁶ MELO, 2009, p. 60.

¹⁵⁷ Ibidem, p. 61.

Eponino Macuco e Osvaldo Melo. Abertos os trabalhos, mandou o Guia do grupo que os presentes conversassem animadamente por espaço de quinze minutos e ouvissem rádio. Em seguida, a mesa movimentou-se sem que ninguém a tocasse. Postas as mãos dos assistentes sobre ela, comunicou-se um Espírito que disse ter-se efetuado um transporte durante aqueles quinze minutos. Todos duvidaram e o irmão Osvaldo disse que ali não estavam para serem mistificados e, continuando a falar com a entidade que se comunicava, disse-lhe: “Afirma em nome de Jesus que falas a verdade”... O Espírito afirmou categórica e positivamente. Mandou que se fizesse luz e declarou que a própria mesa iria indicar onde se achava o objeto do transporte, que era, acrescentou, uma flor em botão. Acendeu-se a luz. Todos retiraram as mãos de sobre a mesa. Esta caminhou por si mesma, estacou, levantou um dos pés e bateu com ele fortemente no assoalho. Todos foram verificar. Efetivamente, ali estava, no lugar indicado pela mesa, um botão, ainda fresco, de girassol. Perguntado o Espírito como efetuara aquele transporte, respondeu que havia retirado os fluidos do conjunto dos assistentes, se bem que, entre estes, houvesse um que possuía, latentes, as faculdades para esses fenômenos. Com esse fenômeno, é o segundo que já se obteve, sendo que da primeira vez foi transportado para o gabinete um parafuso pequeno e novo. Todas as portas e janelas estavam fechadas. O gabinete é forrado de taboas sem frinchas ou aberturas. Restabelecida a corrente, comunicou-se o Espírito de José Fernandes, que fez a mesa girar sobre si mesma, caminhar levitar e operar outros fenômenos, bem como o de acompanhar os compassos das músicas diversas que várias estações de rádio estavam transmitindo. Os irmãos Osvaldo Melo e Jaime Cardoso fizeram ao Espírito perguntas mentais, tendo obtido respostas perfeitas, claras e inteligentes. Em seguida, foi a sessão suspensa na forma do costume. (seguem as assinaturas).¹⁵⁸

¹⁵⁸ MELO, 2009, p. 63-64.

Além de Osvaldo Melo, nesse livro, citar situações que aconteceram com ele (como as reuniões citadas acima), ele fala do seu irmão Antonio, que seria um médium de cura. Para ilustrar com um exemplo, ele cita o caso de um jovem de Blumenau que foi curado pelo seu irmão. Com o título em letras maiúsculas O ESPIRITISMO CURA UM MUDO – COMO O SR. FRANCISCO DA CUNHA SILVEIRA FILHO FICOU MUDO E COMO FICOU CURADO, Osvaldo Melo fala de uma reportagem do jornal O Estado, abordando esse acontecimento, e passa a explicar a história, transcrevendo toda a reportagem. Francisco da Cunha Silveira Filho era de Blumenau e tinha ido até o Centro Espírita Humildade e Fé, da localidade Passa Vinte, da cidade de Palhoça, para se encontrar com Antonio Melo. Conforme a reportagem do jornal, Silveira Filho trabalhava como caixeiro das Casas Pernambucanas e, no dia 3 de novembro de 1916, ficou mudo. Ele havia saído para comprar um jornal; na volta, sentiu um mal súbito e precisou ser internado, permanecendo dois dias no hospital. Nesse tempo, ficou inconsciente. Quando voltou a si, estava mudo. Procurou vários médicos em Blumenau, que o trataram sem resultado. Permaneceu no emprego das Casas Pernambucanas até 1926, quando foi dispensado por não conseguir atender aos clientes devidamente.

(...) Há cerca de um mês, mais ou menos, vim a saber da estada do “médium” Sr. Antonio Melo em Blumenau. Valendo-me da generosa interferência do Dr. Amadeu da Luz, Juiz de Direito, e do Sr. Alfredo Campos, serventuário da justiça, pedi-lhes que solicitassem ao Sr. Antonio Melo o seu serviço espírita, ao meu favor.

O “médium” Sr. Melo respondeu àqueles senhores que, achando-se apenas de passagem por ali, não poderia tomar a si o meu tratamento, a menos que eu quisesse vir a Florianópolis ou a Palhoça.

Resolvi-me, finalmente, atendendo aos rogos de minha esposa e vim para Florianópolis há dias, procurando na sede da Associação Espírita Fé e Caridade, daquela capital, o Sr. Antonio Melo. Dali, porém, fui trazido para cá (Palhoça), a fim de submeter-me a tratamento no Centro Espírita Humildade e Fé, em Passa-Vinte. Desde a primeira sessão do tratamento, tive a legítima alegria de falar, ainda que com alguma dificuldade de dicção e em voz baixa. Da segunda sessão em

diante, porém, comecei a falar com clareza e desembaraço com que V.S me ouve...¹⁵⁹

O médium Antonio Melo, irmão de Osvaldo, faleceu em 1948 com a idade de 50 anos. Antonio aparece nos registros do Centro Espírita Amor e Humildade do Apóstolo, nas reuniões que aconteceram na década de 1910, em Florianópolis, junto com o seu pai Adolpho e o irmão Osvaldo. Também estudou no Ginásio Catarinense, recebeu os ensinamentos espíritas desde criança, ficou conhecido como médium de cura e atuava no município de Palhoça. Tinha relações com espíritas do Rio Grande do Sul e algumas de suas visitas para aquele estado ficaram registradas em um livro¹⁶⁰. Osvaldo e Antonio trabalharam juntos em muitas ocasiões dentro do espiritismo.

¹⁵⁹ MELO, 2009, p. 85-86.

¹⁶⁰ AZAMBUJA, Rodrigo Cavalcanti de. **Caravanas de Divulgação: Histórias de Espiritismo Familiar**. Porto Alegre: Francisco Spinelli, 2011. Esse livro fala das diversas famílias que desenvolveram o espiritismo no Rio Grande do Sul. Na capa, aparece Antonio Melo com outros espíritas defronte de uma varanda. Dentre eles, Francisco Spinelli, trabalhador espírita do Rio Grande do Sul que fez parte, em 1949, do Pacto Áureo, evento que reorganizou a Federação Espírita Brasileira, onde Osvaldo Melo se fez presente. Na página 241 desse livro, Antonio Melo é citado, para mostrar a relação entre espíritas de Santa Catarina com os daquele Estado. E a citação mostra rapidamente um pouco do trabalho que ele realizava. O trecho fala que “O médium Antônio Ferreira de Mello (06/10/1897 a 01/10/1948), que encarnou e desencarnou em Palhoça (SC), manteve um intenso relacionamento com o Movimento Espírita da Serra Gaúcha”. Um artigo de setembro de 1941 da revista *A Reencarnação*, intitulado “O médium Antônio Mello no nordeste do Estado”, registrou a passagem do médium catarinense pela Serra Gaúcha, mais especificamente em Vacaria e Bom Jesus. O que seria inicialmente uma viagem de repouso virou viagem de trabalho, e Antonio realizou conferências e palestras, deu instruções e atendeu mais de 1200 pessoas, tendo depois regressado a Florianópolis para o Centro Espírita José de Nazareth, parando durante a viagem de volta em Laguna, no Centro Espírita Allan Kardec. Adiante, há outra passagem: “Antonio Mello, o médium espírita, de Florianópolis, faz a sua missão um sacerdócio. Não cobra nada de quem quer que seja; não recebe recompensas materiais, direta ou indiretamente, a despeito da sua humilde condição; não faz alarme dos benefícios que os Espíritos derramam em mananciais, por seu intermédio. Na simplicidade de sua vida “dá de graça o que de graça recebe”, tal como impõe o Evangelho de Jesus”.

A reportagem traz o nome de outras pessoas que conheceram Silveira Filho quando ele era mudo, pessoas que poderiam confirmar sua incapacidade. Menciona também um telegrama enviado pelo Dr. Amadeu da Luz¹⁶¹, Juiz de Direito em Blumenau, confirmando que há quatorze anos ele era mudo. E cita D. Daniel Hostim, Bispo de Lages, que era vigário em Blumenau e celebrou o casamento de Silveira Filho, como outra testemunha de sua mudez. Osvaldo Melo termina o relato falando justamente das pessoas criteriosas que foram citadas pelo jornal O Estado.

Que mais se poderá pedir? Os nomes das testemunhas aí estão. Todas vivas, com exceção (...) do Dr. Amadeu da Luz, que desencarnou tempos depois. O seu testemunho é valiosíssimo. Católico praticante, não se negou, contudo, nem como professo da Igreja Católica Romana, nem mesmo como juiz togado, a dizer a verdade do que sabia.¹⁶²

Nesse livro de Osvaldo Melo, seu estilo literário está muito presente. Aqui ele é o pesquisador, narrando casos acontecidos com ele e com outras pessoas, além de relatar e comentar os escritos de outros autores sobre a mediunidade. Mas há também muitas observações próprias. Em determinados momentos, no livro, ele faz reflexões sobre o assunto analisado, como se fossem reflexões oriundas das práticas e de sua experiência. Algo parecido com o que ele fez no livro “O Heroísmo da Humildade”. Com comentários espalhados em sua obra, ele como que reforçava os conceitos desenvolvidos e defendidos a respeito da mediunidade. Quando Osvaldo Melo disserta sobre os médiuns escreventes, compara-os com folhas de árvores.

Médiuns possuidores da mesma faculdade apresentam particularidades que marcam, às vezes, notáveis diferenças entre eles. São como as folhas de uma árvore: umas menores, maiores outras, com variante de forma, de colorido etc. Se todas são verdes, há entre elas, no entanto, algumas mais claras, outras mais carregadas na cor. No conjunto, apresentam o mesmo aspecto.

¹⁶¹ Amadeu da Luz, filho do político Hercílio Luz. Falecido em 1934.

¹⁶² MELO, 2009, p. 89.

Assim os médiuns. Tomem-se dois da classe dos escreventes. Cada um tem uma forma peculiar de receber, uma maneira diferente de assimilar os fluidos, enfim, um feitio próprio que lhe assinala a especialidade. E o que se passa com os médiuns escreventes dá-se com os de qualquer outra faculdade.¹⁶³

O livro segue abordando outros tipos de mediunidade, como a xenoglossia (falar outras línguas desconhecidas pelo médium). Trata de materializações e cita casos relatados por autores estrangeiros. Para encerrar a análise desse livro, foi escolhida uma passagem ocorrida com o seu irmão Antonio. Isso está relacionado com a única fotografia dessa obra. A imagem mostra um salão cheio de pessoas sentadas, outras e em pé. Porém, a imagem não mostra bem os rostos e os detalhes dos corpos, porque eles estão borrados. A imagem foi tirada no Centro Espírita Fé e Humildade, em Passa-Vinte, na Palhoça, Centro onde trabalhava Antonio. Ele, um jornalista de nome Paulo Tecla e outras pessoas estavam nesse Centro quando a foto foi tirada. Segundo eles, não havia ninguém no salão, ele estava vazio. Quando a imagem foi revelada pela fotógrafa Sra. Salen, no atelier da Rua Conselheiro Mafra em Florianópolis,

(...) verificou-se com grande espanto da fotógrafa (que não é espírita) e de todos mais, mostrar a cópia as figuras de inúmeros Espíritos sentados nos bancos, quase todos com vestes iguais e de aparência respeitável, infundindo, logo à primeira vista, grande simpatia e veneração. Por sua importância, enviei-a para ser publicada em uma revista. O fato é de tal maneira notável e tamanha a nitidez do trabalho fotográfico, que o amigo e confrade a quem enviei uma das cópias apresentou várias excusas, pelo que a preciosa prova não foi até hoje publicada... Mesmo os espíritos duvidaram dela. Eu, entretanto, que sei das condições em que foi obtida a fotografia, posso afirmar sem medo de errar, que se trata de uma prova tão boa ou melhor do que todas as que

¹⁶³ MELO, 2009, p. 90.

têm vindo do estrangeiro. Mas já se viu profeta profetizar em sua terra? Assim o disse Jesus.¹⁶⁴

Há outros casos: alguns de materialização; um exemplo de um autor que se dizia materialista e passou a acreditar nos espíritos depois de ver o seu pai materializado; atas de sessões de materializações ocorridas no Brasil, em 1930; e até um acontecimento ocorrido no Palácio da Justiça de Aracaju, Sergipe. Todos esses casos sempre permeados com comentários de Osvaldo Melo. Em determinado momento de seu livro, ele escreve, relatando os motivos desse livro:

O leitor decidido a ler e meditar, desapassionadamente sobre todos os fatos que aí ficam, sendo sincero, há de forçosamente confessar que os fenômenos relatados são de molde a provocar estas interrogações. – Será possível que tanta gente fosse iludida assim, tão ingenuamente? Será possível, então, que os que crêem sejam enganados e os que negam sejam os inteligentes? Quem sabe se não será o contrário? Por que, então, negar sem provas, quando em verdade as provas confirmam a veracidade da Doutrina Espírita? Homens de letras, homens eruditos, verdadeiros cientistas, sábios escritores, doutores em Medicina, em Direito e Engenharia, artistas, poetas, notáveis (...) astrônomos, matemáticos, físicos, químicos, pesquisadores sérios e inteligentes, homens de reconhecida idoneidade moral, social e religiosa, vários pastores e autoridades da Igreja Católica e da Igreja Protestante, todos afirmam, declaram sem rebuços sem subterfúgios, sem temores de crítica, a uma voz, que os Espíritos tem vida eterna, sobrevivem à morte e se comunicam e eu, sem elementos, sem provas, sem base, sem estudo e conhecimento da doutrina, poderei negar e negar, porque outros negam, usando somente do direito comum de liberdade que me faculta descrever? Estas e outras tantas interrogações tem passado pela mente de muitos homens. Neste livro, tudo foi feito para que não se creia cegamente. A parte teórica levou o leitor ao estudo científico de certos

¹⁶⁴ MELO, 2009, p. 130.

pontos necessários para a formação da sua fé. A parte prática está prosseguindo, metódica, coordenada, não citando somente os fatos, como, dentre eles, os veracíssimos, bem testemunhados, perfeitamente controlados, além da crítica que tem merecido do autor.

Não colherá, então, o leitor sincero, motivos para crer? Temos a audácia e a pretensão de responder que “sim”.

Este o nosso objetivo. Este o nosso desejo, o nosso escopo e toda a finalidade deste livro, que, se bem não proporcionar, mal algum fará. Temos disto plena convicção.¹⁶⁵

3.1.3 Epístolas aos Espíritas

O terceiro livro espírita de Osvaldo Melo apresenta uma nova faceta do autor. Mostrou-se que Osvaldo Melo era o escritor quando escreveu o livro “O Heroísmo da Humildade”, cuja história ficcional tinha como linha mestra a virtude da humildade; depois, apresentou-se “Sobrevivência e Comunicação dos Espíritos”, com Osvaldo Melo pesquisador e relator de casos envolvendo a mediunidade. No livro *Epístolas aos Espíritas*, aparece o Osvaldo Melo médium.¹⁶⁶

As 33 mensagens que fazem parte do livro “Epístolas aos Espíritas” versam sobre diversos assuntos relativos à doutrina espírita. Essas mensagens são dirigidas para os espíritas. Os títulos das epístolas são variados e já é possível ter uma ideia do seu conteúdo. Alguns exemplos: O Evangelho e a Terceira Revelação; Os de boa vontade quais são; A coragem e a fé necessárias; O Espiritismo é uma bênção de Deus; Como vencer o poder do mundo; Maneira de conquistar a paz; Dos erros e tentações que peiam o Espírito; A verdadeira misericórdia; Conselho aos trabalhadores; Colocar os interesses da vida espiritual acima da vida material; Exortação aos Espíritas; Quais devem ser o

¹⁶⁵ MELO, 2009, p. 141-142.

¹⁶⁶ Como médium, ele já apareceu colocado no livro *Sobrevivência e Comunicação dos Espíritos*, quando citava situações que aconteciam com ele ou então quando transcreveu as atas de sessões de materialização ocorridas em sua residência. Mas em *Epístolas aos Espíritas*, Osvaldo Melo aparece com a mediunidade escrevente ou psicografia e ele se identifica como tal portador.

hino, a bandeira, o distintivo dos espíritas; a finalidade destas Epístolas, dentre outros.

A edição analisada foi publicada pela FEC em 2013 e contém uma apresentação — elaborada pelo presidente da FEC no período, Olenyr Teixeira — e um Introito — elaborado por Osvaldo Melo. Ao terminar o introito, aparece debaixo do nome do autor a palavra “médium” escrita entre parênteses. Osvaldo, como nos livros anteriores, deixa clara a finalidade da obra nesta página.

Paz te desejo, meu irmão, em nome de Jesus Cristo, o Mestre bendito.
Que a luz da verdadeira sabedoria espiritual esclareça o teu entendimento.
Estas páginas não são o trabalho de um Espírito encarnado. São, antes, o trabalho benéfico e amoroso de dois Espíritos, que se aproveitaram da minha mediunidade psicográfica.¹⁶⁷

Esses dois espíritos seriam os verdadeiros autores, enquanto Osvaldo Melo seria o médium. Eles também o fortaleceram durante esse empreendimento, nos momentos difíceis e atribulados. Um desses momentos teria acontecido durante a escrita da obra, quando faleceu um “(...) Espírito, que foi meu filho e que partiu para a sua pátria, a nossa verdadeira pátria, exatamente quando esta obra estava em meio do seu curso”¹⁶⁸. As epístolas reunidas nessa obra, segundo Osvaldo Melo,

(...) assim se chamam porque foram recebidas em forma de cartas, à feição das EPÍSTOLAS dos Apóstolos e Discípulos de Jesus às Igrejas. Elas lembrarão, igualmente, aqueles sábios ensinamentos e conselhos, todos apoiados no NOVO TESTAMENTO, que foram dirigidos à humanidade.¹⁶⁹

Logo na leitura do introito, percebe-se que a maneira de escrever de Osvaldo Melo se modifica. A sua escrita é voltada justamente para aquilo que a obra propõe: mensagens edificantes para os espíritas. E ele, Osvaldo, não se furta de passar por dificuldades e problemas, ele

¹⁶⁷ MELO, Osvaldo. **Epístolas aos Espíritas**. 2013, p. 9.

¹⁶⁸ Ibidem, p. 10.

¹⁶⁹ Ibidem, p.10.

também os sente na pele, reforçando assim uma maneira de sentir e de entender a doutrina. Nesse livro, procura mostrar o espiritismo no seu aspecto religioso, cristão, alicerçado no evangelho e também no Novo Testamento, relacionando-o com os ensinamentos de Jesus. Essas mensagens ou epístolas ganham uma força adicional, pois não seriam fruto da lavra do autor, e sim de dois espíritos que o acompanharam nesse projeto, conforme escrito no livro, sendo ele, Osvaldo, um intermediário.

Será que se pode entendê-lo como um intermediário num duplo sentido? O primeiro seria o de receber as mensagens dos espíritos. O segundo seria o de transmitir essas mensagens em forma de livro para um público espírita. Ele se torna, assim, apto a passar esse conteúdo e torna-se porta-voz do espiritismo. E, além disso, o nome do livro, *Epístolas aos Espíritas*, pode ser entendido para além do significado de carta atribuído pelo autor. Epístolas eram também as missivas escritas por Paulo de Tarso e outros apóstolos para as pessoas nas cidades por onde passavam¹⁷⁰. A explicação do dicionário coloca como primeiro significado da palavra “epístola” justamente a ideia dos escritos dos apóstolos. Em segundo, vem a ideia de carta. Obviamente, cada pessoa pode escrever uma epístola, mas essa palavra carrega consigo um cunho religioso. Ou seja, Osvaldo Melo, ao usar a palavra “epístola” no título, ainda mais com o seu conteúdo evangélico cristão, pretende remeter à ideia dos apóstolos. Estaria Osvaldo Melo julgando-se um apóstolo do espiritismo? Ele, sendo um médium dos espíritos, mostrando aos espíritas as noções de espiritismo.

Na continuação do seu introito, é perceptível a noção de Osvaldo Melo como um apóstolo do espiritismo, pois, ele faz um paralelo com as epístolas daqueles tempos antigos, com as suas epístolas. “(...) também estas Epístolas, como aquelas, visam o interesse espiritual de todos, coordenando ensinamentos, relembrando o Evangelho e dando os meios seguros para que se estabeleça na terra a verdadeira Igreja Cristã”¹⁷¹. Relembrando o Evangelho. Por que relembrar? O que relembrar? Parece

¹⁷⁰ Conforme o Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, 5ª Edição: **epístola** [Do lat. *Epístula*, *epistola* < gr. *Epistole*.] **S.f.1** *Rel.* Cada uma das cartas ou lições dos apóstolos a comunidades cristãs primitivas: as epístolas de S. Paulo. **2.** V. carta (1). **3.** Composição poética em forma de carta. **4.** *Rel.* Parte da missa em que se lê trecho das epístolas dos apóstolos, antes do evangelho. **5.** O lado direito do altar, em relação aos assistentes, e que se opõe ao lado do Evangelho.

¹⁷¹ MELO, 2013, p. 10.

haver aí uma seleção de mensagens para serem lembradas. Seria o Evangelho contido nas passagens da Bíblia? Ou o “Evangelho Segundo o Espiritismo” (ESE)? Allan Kardec, quando publicou o ESE em 1864, selecionou passagens dos evangelistas João, Marcos, Lucas e Mateus, focando as passagens da vida de Jesus e os seus ensinamentos, e deixando o Velho Testamento e outros livros da Bíblia de lado¹⁷². Osvaldo Melo, agindo dessa maneira, estaria fazendo como Kardec no século XIX.

Também sobre a ideia de “que se estabeleça na terra a verdadeira Igreja Cristã”, há claramente uma disputa entre as religiões. É uma crítica. Disputa porque o espiritismo faz parte do campo religioso na condição de subcampo espírita, estando envolvido pelas relações de tensões e pelos conflitos entre as demais religiões. Florianópolis era preponderantemente católica e o espiritismo estava buscando o seu espaço, estava ainda se institucionalizando. Ao se buscar a verdadeira Igreja Cristã, tem-se a ideia de voltar-se à pureza dos tempos antigos, dos ideais dos apóstolos e de Jesus, dos ensinamentos claros e profundos, diferente do que aconteceu depois com as outras Igrejas, que institucionalizaram os ensinamentos, colocaram dogmas e complicaram o entendimento aos ensinamentos evangélicos. Essa busca por uma pureza, pela simplicidade do ensino, também está contida nos livros de Allan Kardec. Existe uma crença entre os espíritas de que o espiritismo veio para simplificar as coisas¹⁷³. Essa parece ser também a visão de Osvaldo Melo. É crítica porque, ao se denominar a busca por uma verdadeira Igreja Cristã, então a católica e as demais não exercem esse papel. Ao encerrar o introito, Osvaldo Melo escreve que “(...) foram ditadas e são dirigidas a todos quantos trabalham na verdadeira Seara do Mestre e trazem o objetivo sincero e respeitável de contribuir para a grande obra de unificação da doutrina e da família espírita”¹⁷⁴.

Eis, assim, expostos os fins a que se destinam as presentes páginas, que me foram inspiradas e mesmo ditadas por dois Espíritos, que, junto a mim, me estão alentando e encorajando, a fim de que eu aproveite os talentos que Deus me deu, aplicando-os em meu proveito e em benefício de todos os de boa vontade.¹⁷⁵

¹⁷² KARDEC, 2013.

¹⁷³ **Obras Póstumas e o Evangelho Segundo o Espiritismo** são duas obras de Kardec nas quais aparecem referências à pureza e à ideia do progresso.

¹⁷⁴ MELO, 2013, p. 10.

¹⁷⁵ Ibidem, p. 10.

Osvaldo Melo se posiciona dentro do subcampo religioso espírita como um líder e porta-voz para os espíritas, pois, ao assumir uma postura ativa, está agindo e se posicionando por eles, escrevendo e falando por eles. Logo após o introito e antes de começar as mensagens, aparece uma “Comunicação dada ao médium ao iniciar o trabalho”. Nessa página, assinada por Dois Amigos, Osvaldo Melo transcreve a mensagem que recebeu para ele ao iniciar a tarefa de escrever o referido livro.

Tudo o que for útil terá sempre a ajuda daqueles cuja tarefa é auxiliar a causa da Verdade. Pode, pois, contar conosco.

Vamos metodizar, entretanto, o serviço. Escreverás às terças e quintas-feiras, à noite, sempre que nesses dias for possível. Unificaremos nossos esforços aos teus.

Não te preocupes muito com a feição literária. Vamos fazer obra simples e em linguagem clara. Trabalha com fervor e zelo e assim aproveitarás o tempo que gastaste inutilmente em outras passadas existências aí na Terra.

Demolidor de ontem, reconstrói hoje. Deve sentir-te feliz neste trabalho, porque buscas o que perdeste e encontras o que já julgaste perdido.

Luz nunca faltará àquele que não quer viver em trevas. Somente uma coisa desde já te observamos, e é que não te deixes dominar por idéias exclusivistas, como fazem certos irmãos que se enleiam dentro de determinadas teorias, que na prática se esboroam. Atende sempre ao espírito. Vais encetar obra que pertence aos que desejam e querem verdadeiramente labutar na Seara.

Seja.

Nós te guiaremos e tanto quanto nos for possível, sem quebra do seu livre arbítrio, evitaremos os óbices que apareçam. Serve, assim, a Deus e a Jesus. Trabalha, faz com que seja útil e proveitosa a tua presente encarnação, a ti e aos que de ti se acercam com sua simpatia e afinidade espirituais. Leva a todos o consolo, congrega-os em torno do Evangelho de Jesus e crê,

sinceramente, no nosso auxílio. DOIS AMIGOS
176

Na primeira epístola, O Evangelho e a Terceira Revelação, encontra-se logo uma relação entre o espiritismo e o Novo Testamento. Há uma diferenciação entre o Evangelho dos homens, falho, cheio de ideias falsas, e o Evangelho de Jesus “(...) Caminho verdadeiro e único, que leva o Espírito ao conhecimento da verdade”¹⁷⁷. Esse segundo Evangelho seria aquele do Novo Testamento, do qual o espiritismo fundamentaria sua base que, segundo a mensagem, era considerada segura e indestrutível. O espiritismo seria a Terceira Revelação¹⁷⁸, por essa razão o título da epístola. Ao fazer a relação entre o Evangelho e o espiritismo, Osvaldo Melo escreve “(...) por isso, amados irmãos, o Novo Testamento deve ser para os Espíritos o Livro da Vida. As parábolas, dantes veladas, hoje se irradiam à luz da interpretação verdadeira. As minhas palavras são espírito e vida, disse o Mestre”¹⁷⁹. Osvaldo Melo, em seguida, faz uma metáfora para explicar a estagnação de muitas religiões com relação aos ensinamentos de Jesus.

Vemos o que se passa entre os adeptos de várias doutrinas. Vemo-los aferrados, ainda, à letra. Uns vão à Fonte e, antes de se acercarem dela, bebem da água estagnada. Como poderão, assim, refrigerar a alma ressequida?

Outros da mesma fonte se abeiram, provam da sua água, esquivos, medrosos, cheios de preconceitos. Outros misturam a água boa com a água má e não sabem diferenciá-las depois. Poucos são os que vão ter à verdadeira Fonte de Água Viva e nela saciam a sede e não mais buscam outra.¹⁸⁰

¹⁷⁶ MELO, 2013, p. 11-12.

¹⁷⁷ Ibidem, p. 13.

¹⁷⁸ Para o espiritismo, a primeira revelação seria composta dos ensinamentos de Moisés ao povo judeu. A segunda revelação seria Jesus, suas parábolas, seu ensino e seu exemplo. A terceira revelação seria o espiritismo, pois Jesus teria prometido um consolador prometido. Esse consolador é a doutrina espírita.

¹⁷⁹ MELO, op. cit., p. 14.

¹⁸⁰ Ibidem, p. 14.

Osvaldo Melo, na primeira epístola desse livro, com a metáfora acima, faz uma alusão à passagem evangélica da mulher samaritana¹⁸¹ e a fonte de água viva, adaptando-a à realidade dos espíritas. Mas também é possível perceber uma relação com a Parábola do Semeador¹⁸², de Jesus, na qual os diferentes tipos de solo seriam os diferentes espíritas que se aproximariam da fonte de água viva, fazendo bom ou mal uso dela. Percebe-se, dessa forma, alguns dos conhecimentos do autor sobre o Novo Testamento. E, também, o caráter didático dessa mensagem, a primeira de trinta e três. Osvaldo Melo é o intérprete de mensagens que dão um direcionamento para os espíritas, um caminho a se seguir e mesmo admoestações. E escreve com autoridade. Ao final dessa mensagem, Osvaldo Melo se dirige aos espíritas:

(...) cabe, pois, ao Espiritismo, pregar o Evangelho que o gerou. Espíritas, irmãos! Volvei as vistas para Jesus. Ele é o modelo impecável e único. E esse modelo está inteiro, visível, dentro das páginas do Novo Testamento.¹⁸³

Não será possível aqui analisar todas as epístolas. Algumas foram escolhidas para mostrar a forma de escrita e o conteúdo, servindo de análise para o capital incorporado de Osvaldo Melo dentro do espiritismo. Com isso, o que se percebe, de uma maneira geral, é que elas são direcionadas, seja pela escrita, seja pela abordagem do conteúdo, para ensinar os espíritas e mesmo lhes auxiliar na organização dentro do espiritismo. Algumas das mensagens tratam de virtudes e sentimentos¹⁸⁴, outras tratam diretamente sobre o movimento espírita¹⁸⁵. Mesmo as que tratam de virtudes têm um caráter didático e voltado para o movimento espírita. Seriam virtudes necessárias aos trabalhadores espíritas.

¹⁸¹ NOVO TESTAMENTO. Traduzido em português por João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada no Brasil. 2ª Ed. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2011.

¹⁸² Ibidem.

¹⁸³ MELO, 2013, p. 15.

¹⁸⁴ Epístola 8ª – A coragem e a fé necessárias; Epístola 24ª – A verdadeira misericórdia.

¹⁸⁵ Epístola 7ª – Como deve ser feito o estudo do Evangelho; Epístola 10ª – Aos que dirigem os núcleos de trabalhadores da Seara; Epístola 15ª – Do método a ser observado entre os trabalhadores; Epístola 25ª – Conselhos aos trabalhadores; Epístola 29ª – Exortação aos espíritas.

Na epístola segunda – Necessidade da Cristianização da Doutrina Espírita, Osvaldo Melo, através dos espíritos, enfatiza a importância de não adular nem esquecer os ensinamentos de Jesus por parte dos espíritas. Para ele, cristianizar a doutrina espírita “(...) deve ser, sem dúvida, a preocupação de quantos estão, nesta hora, empenhados e decididos a enfrentar todos os óbices que surjam¹⁸⁶”. Tudo isso com o intuito de não modificar os ensinamentos espíritas. Osvaldo Melo aqui mantém a ideia do espiritismo como descendente dos ensinamentos da época de Jesus. “Os fenômenos mais curiosos, os milagres mais espantosos, produzidos pelo Espiritismo, são, apenas, reproduções acentuadas dos fatos evangélicos”¹⁸⁷.

Depois, o autor escreve sobre os novos trabalhadores espíritas que estavam chegando com uma nova mentalidade em relação à doutrina, no seu modo de difundir o espiritismo. Estariam interessados em manter uma pureza doutrinária, livre de ideias errôneas. Segundo Osvaldo Melo, esses trabalhadores que estavam chegando “(...) sentem a necessidade de ser encetada a tarefa por excelência, qual a de instruir os adeptos no conhecimento do Evangelho e no de dar combate franco e decisivo às teorias absurdas, que tanto mal fazem aos iniciados no conhecimento do Espiritismo”¹⁸⁸. E, em seguida, acrescenta que, para manter os elementos primordiais da Igreja de Jesus, que seria a Igreja Espírita — e fazer isso sem a intromissão das ideias humanas —, somente seria possível com o estudo e a pregação do Evangelho “em espírito e verdade”¹⁸⁹. Além de escrever categoricamente que o espiritismo é herdeiro direto do cristianismo apostólico, percebe-se aqui que essa ideia de pregar o estudar o evangelho em sua essência é algo que Osvaldo Melo procurar fazer, na sua visão, com a obra Epístola aos Espíritas. Ele se insere, com a sua escrita, nesse grupo de trabalhadores que estariam compromissados com o espiritismo “verdadeiro”. Não perdendo de vista o fato de ele escrever para um público espírita e possivelmente não espírita. Ele escreve não como alguém de fora, mas como um representante do subcampo, como um propagandista. Ele não pede licença. Escreve como se essa fosse sua vocação. Como foi dito anteriormente ao se analisar a introdução desse livro, Osvaldo Melo parece “incorporar” um apóstolo moderno, o apóstolo dos espíritas. E também aqui Osvaldo Melo exerce a função de médium, de

¹⁸⁶ MELO, 2013, p. 16.

¹⁸⁷ Ibidem, p. 17.

¹⁸⁸ Ibidem, p. 17.

¹⁸⁹ Ibidem, p. 17.

intermediário e intérprete dos ensinamentos dos espíritos. Na capa do livro, aparece o seu nome. Os leitores do livro, mesmo sabendo tratar-se uma obra mediúnica, certamente fariam uma relação do conteúdo do livro com o nome do autor que está na capa¹⁹⁰. E Osvaldo Melo, personificando esse papel de apóstolo dos espíritas, seria também a personificação desses ensinamentos. Pois, como os apóstolos do passado — que vivenciaram os ensinamentos que pregaram —, Osvaldo Melo, para ser uma liderança, precisaria viver esses ensinamentos igualmente.

Na epístola 14^a – Da unificação espiritual da Doutrina, encontra-se outro bom exemplo para análise. Nessa epístola, Osvaldo Melo escreve sobre a urgente necessidade de unificação dentro do espiritismo. Alguns dos maiores entraves para isso acontecer seriam o amor próprio e o orgulho. E o orgulho “(...) como inimigo que é do Espírito, lhe sopra as mais extravagantes teorias, tendentes a desorganizar os trabalhos encaminhados”¹⁹¹. Seria imprescindível combater o orgulho com tenacidade e ânimo e, por conseguinte, a união de todos.

Triste é, pois, vermos a retirada dos trabalhadores da Seara, que abandonam a charrua evangélica por causa do orgulho e do amor próprio. Por isso mesmo, quando um irmão estiver na iminência desse perigo, segurai-o; defendei-o, para que se não despenhe. Nunca deveis empurrá-lo na queda; abri-lhe primeiro os olhos e se de todo não quiser atender, então, sim, deixai-o entregue ao seu livre-arbítrio.¹⁹²

Nessa epístola, ele sugere como combater esse orgulho e amor próprio, por parte daquele trabalhador que se sentir ofendido, ferido no

¹⁹⁰ Conforme ZêusWantuil de Freitas e Francisco Thiesen, autores do livro Allan Kardec – O Educador e O Codificador, Kardec se chamava Hippolyte Léon Denizard Rivail antes do espiritismo. Quando se aprofundou nos estudos e pesquisas que culminaram com a publicação de **O Livro dos Espíritos**, Rivail optou em adotar um pseudônimo, com o intuito de fazer os leitores lerem a obra sem se prenderem ao autor, pois o seu era um nome conhecido na França, já que era tradutor e anteriormente escreveu livros para melhorar a instrução pública francesa. Já Osvaldo Melo, na década de 1930 em Florianópolis, não usou pseudônimo algum, vinculando assim os ensinamentos com o seu nome, mesmo sendo uma obra mediúnica.

¹⁹¹ MELO, 2013, p. 51.

¹⁹² Ibidem, p. 52.

seu orgulho e desejar afastar-se do trabalho na doutrina espírita. Osvaldo Melo coloca normas de conduta para os trabalhadores espíritas e aqueles com vontade de ajudar. À maneira de um guia, vai orientando e estabelecendo regras de boa convivência.

(...) Se o irmão que vê uma idéia sua rejeitada evangelicamente examinasse a causa da rejeição, por parte de seus confrades, certo que esse ato de humildade e o desejo de não errar bastariam para atrair bons elementos que bem o inspirariam.¹⁹³

O que fica claro nessa epístola, para além das regras de convivência entre os espíritas, é a necessidade de unificação¹⁹⁴. Por isso, ele enfatiza combater o orgulho e o amor próprio, pois, para haver unificação, é necessária a harmonização dos trabalhadores e do trabalho. “Sim, não nos cansaremos de dizer: harmonizai-vos! (...) O espírito de contenda precisa ser vencido. E, para vencê-lo, bastar-vos-á pôr em prática o que já tendes aprendido e interpretado no Evangelho”¹⁹⁵. Na mesma mensagem, ele escreve da importância de se compreender a mensagem de Jesus, porque ele deve ser, para os espíritas, o modelo único.

A boa reflexão esclarece o espírito.
Por isso, uni-vos para estudar o Evangelho.
Uni-vos para conhecer a Jesus.

¹⁹³ MELO, 2013, p. 52.

¹⁹⁴ Desde a década de 1890, já existia a Federação Espírita Brasileira (FEB), com sede na capital Rio de Janeiro. A FEB tentava exercer um papel unificador para o espiritismo, embora encontrasse diversas divergências e resistências por parte de lideranças no meio espírita. Ver AMORIM, Pedro Paulo. **As Tensões no Campo Espírita Brasileiro em Tempos de Afirmação** (Primeira Metade do Século XX). Florianópolis, UFSC. (Tese de Doutorado em História), 2017, e GIUMBELLI, Emerson. **O Cuidado dos Mortos: uma história da condenação e legitimação do espiritismo**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1997. O Estado do Paraná contava, desde o começo do século XX, com a Federação Espírita do Paraná (FEP). O Estado do Rio Grande do Sul também tinha a sua Federação. Poderia esse livro estabelecer uma relação com a futura criação da Federação Espírita Catarinense (FEC), em 1945? Osvaldo Melo será um dos fundadores e o primeiro presidente. Ou seria essa obra mais um ponto de consolidação para sua liderança e posterior eleição como presidente da FEC?

¹⁹⁵ MELO, op. cit., p. 53.

Deveis tornar-vos um.
 Um só é Jesus.
 Um só o ensino – o AMOR.
 Uma só coisa é a VERDADE.
 Uma só deve ser a vossa FÉ
 Uno, o vosso pensamento, como única é a
 Doutrina Espírita, expurgada de enxertos.
 Estimulai os fracos na fé. Misericórdia para
 eles.¹⁹⁶

Encerrando essa epístola, Osvaldo Melo novamente faz uso de uma passagem evangélica¹⁹⁷, com o intuito de aconselhar, pedindo para os espíritas colocarem bem alto a luz de suas candeias a fim de atrair os que já buscam a luz, fazendo isso de uma forma simples e humilde. Dessa maneira, “(...) a Igreja Espírita, iluminada pelas luzes das sete igrejas primitivas, que foram o princípio do cristianismo”¹⁹⁸, evitará a “(...) intromissão do orgulho, do egoísmo e das controvérsias provocadas pelas coisas do mundo”¹⁹⁹. E ele expõe a necessidade da prática de atos e obras manifestos, acima das palavras, para cristianizar cada vez mais o espiritismo. “Trabalhai unidos e sereis fortes, dessa fortaleza espiritual contra a qual as trevas não prevalecerão”²⁰⁰.

Necessidade de os espíritas manterem a união de propósitos e convicções; busca pela prática da simplicidade dentro do espiritismo; deixar de lado as ideias de contenda, evitando, dessa forma, a intromissão de ideias estranhas dentro da Doutrina; combate ao orgulho e ao amor próprio, objetivando a unificação de princípios, do ensino e dos trabalhadores dentro do espiritismo. Esses seriam os pontos principais da obra *Epístolas aos Espíritas*. Essas mensagens agiriam também como um roteiro e regras de convivência para os trabalhadores não se afastarem desses objetivos e melhorar a qualidade dos seus trabalhos.

Com o livro “O Heroísmo da Humildade”, publicado em 1926, Osvaldo Melo encontra-se como um romancista, criando uma história para permear alguns ensinamentos pregados pelo espiritismo, sendo o principal deles a prática da humildade e como quem a pratica tem uma

¹⁹⁶ MELO, 2013, p. 53.

¹⁹⁷ A Candeia debaixo do alqueire, passagem encontrada no Novo Testamento em Mateus capítulo 5, versículo 15.

¹⁹⁸ MELO, op. cit., p. 54.

¹⁹⁹ Ibidem, p. 54.

²⁰⁰ Ibidem, p. 54.

visão de mundo diferente. É uma obra de cunho filosófico, explicando um conceito e as consequências dele. Mas, ao se comparar a escrita desse livro com a escrita do livro *Epístolas aos Espíritos*, já se percebe uma escrita mais direta e incisiva, voltada abertamente para a prática evangélica, com um caráter religioso, de organização de ideias para os trabalhadores espíritas e os seus núcleos. E, no livro *Sobrevivência e Comunicação dos Espíritos*, tem-se um espiritismo experimental, tanto em sua teoria como em sua prática, cheio de fundamentações de autores e também da própria vivência de Osvaldo Melo no campo mediúnico. Seria, assim, um livro voltado mais para o lado científico. Uma maneira de dar veracidade a esses fatos, uma comprovação por parte de Osvaldo Melo, de que a mediunidade poderia ser provada empiricamente.

Os três aspectos da doutrina espírita – filosófico, religioso e científico – estão contemplados nas três obras de Osvaldo Melo. Esses três aspectos já eram defendidos por Allan Kardec no século XIX, uma forma de garantir uma “unidade” da Doutrina. Seriam como um tripé e se algum deles faltasse ou se estivesse muito inclinado apenas para um deles, haveria um desequilíbrio. Obviamente que os três livros escritos por Osvaldo Melo saíram em épocas diferentes e em momentos diferentes de sua vida. Contudo, não se pode deixar de pensar que eles poderiam fazer parte de um projeto por parte do autor, à medida que foi ganhando projeção e relevância dentro do subcampo religioso espírita de Florianópolis e de Santa Catarina, principalmente a partir da década de 1930, amparado também por sua atuação dentro do campo da imprensa, sua participação em entidades culturais, na política, e sua atuação como funcionário público estadual. Ou simplesmente aconteceram, com a injunção de todos esses fatores. Seja como for, os três livros espíritas de Osvaldo Melo mostram o autor versado nos três aspectos da Doutrina. Um intelectual do espiritismo. Com a análise desses três livros espíritas de Osvaldo Melo, objetivou-se mostrar sua cultura dentro da doutrina espírita. Esses livros demonstram também os capitais acumulados dele, capitais esses que se juntaram a outros capitais, o de jornalista. Osvaldo Melo escrevia desde 1914 em jornais. Curioso é notar que o *Heroísmo da Humildade*, a primeira das obras, é uma novela com elemento de literatura, escrita antes de Osvaldo Melo se tornar presidente do CEAHA pela primeira vez, antes de ele entrar na Alesc. Os dois livros seguintes, *Sobrevivência e Comunicação dos Espíritos* e *Epístolas aos Espíritos*, da década de 1930, já têm uma linguagem e um direcionamento diferente. Osvaldo Melo escreve com propriedade e chega até a agir como um apóstolo moderno, no caso de *Epístolas aos Espíritos*. Ou seja, ele tinha outra posição no subcampo religioso

espírita, sua trajetória em 1930 era bem diferente do que na década de 1920. Nas próximas páginas, será apresentada sua atuação dentro do subcampo espírita de Florianópolis, sua projeção em Santa Catarina, condições essas que, junto com os livros, permitiram a ele se tornar um porta-voz autorizado.

A respeito da linguagem utilizada e da forma como Osvaldo Melo se dirige aos leitores, que seriam os leigos dentro do subcampo religioso, Pierre Bourdieu explica que os leigos contam com a religião para lhes dar uma justificativa de existir “(...) em uma posição social determinada (...) de existir como de fato existem, ou seja, com todas as propriedades que lhes são socialmente inerentes”²⁰¹. Não era exatamente essa a ação de Osvaldo Melo? Principalmente no livro *Epístolas aos Espíritas*, com todas aquelas exortações, conselhos e diretrizes sobre ser espírita? Mais adiante, Bourdieu coloca que

Tendo em vista que o interesse religioso tem por princípio a necessidade de legitimação das propriedades materiais ou simbólicas associadas a um tipo determinado de condições de existência e de posição na estrutura social, dependendo, portanto diretamente desta posição, a mensagem religiosa mais capaz de satisfazer o interesse religioso de um grupo determinado de leigos, e de exercer sobre ele o efeito propriamente simbólico de mobilização que resulta do poder de absolutização do relativo e de legitimação do arbitrário, é aquela que lhe fornece um (quase) sistema de justificação das propriedades que estão objetivamente associadas ao grupo na medida em que ele ocupa uma determinada posição na estrutura social.²⁰²

3.2 OSVALDO MELO COMO PORTA-VOZ AUTORIZADO DO SUBCAMPO RELIGIOSO ESPÍRITA

3.2.1 A Homeopatia e o atendimento às famílias do CEAHA

O assunto foi tratado anteriormente, em parte, ao se analisar o livro “Sobrevivência e Comunicação dos Espíritos”. Naquela obra,

²⁰¹ BOURDIEU, 2013, p. 48.

²⁰² Ibidem, p. 51.

Osvaldo Melo se mostrava como médium ao realizar sessões de materializações em sua residência. Mas ele era também médium de homeopatia. As linhas biográficas elaboradas pela FEC na introdução desse livro e também no livro *Epístolas aos Espíritos* colocam Osvaldo exercendo a homeopatia no CEAHA, atendendo muitas famílias de Florianópolis e também de outras cidades. A história contada pela FEC coloca Osvaldo Melo chegando de manhã bem cedo no CEAHA e atendendo pessoas que iam a esse Centro em busca de um remédio, de um lenitivo. Ele saía mais cedo do que o habitual de sua casa somente para atender as pessoas no CEAHA. Depois disso, ia até a Assembleia Legislativa do Estado de Santa Catarina (Alesc), que ficava perto, para fazer o seu trabalho profissional. Durante muitos anos, ele fez esse serviço. Atendia às pessoas no CEAHA antes de ir para o seu trabalho na Alesc, onde era Diretor Administrativo da Assembleia. Sua neta mais velha, Yara Lentz Alves, lembra-se de que quando visitava os seus avós, olhava para um armário que havia num cômodo da casa, contendo os vidrinhos e as substâncias necessárias para fazer as homeopatias. Seu avô, Osvaldo Melo, recebia pelo correio muitas solicitações para remédios. Ele ia até esse armário, preparava a solução com as medidas corretas e a enviava pelo correio para o endereço do solicitante²⁰³. E não cobrava por isso. Tanto as pessoas atendidas no CEAHA nas manhãs quanto os pedidos que ele atendia pelo correio não pagavam valor algum.

3.2.2 Liga Catarinense Pró-Estado Leigo

Na década de 1930, ocorreu no país um movimento em prol do Estado Leigo. Esse movimento foi encabeçado pela Coligação Nacional Pró-Estado Leigo, fundada em maio de 1931 no Rio de Janeiro. Os seus objetivos eram garantir as disposições do artigo 72 da Constituição de 1891, que mantinha separados a Igreja e o Estado. Essa Coligação Nacional queria manter o princípio da absoluta separação entre os poderes temporal e espiritual. Ele se estendeu para vários estados brasileiros, como Rio Grande do Sul e São Paulo. Em Florianópolis, teve a participação de Altino Flores, Gustavo Neves, Almiro Caldeira de Andrade e Osvaldo Melo.

Desde 1891, a Igreja Católica não era mais a Igreja oficial do Brasil. Mas, nos anos seguintes, surgiram tentativas de fazer revisões

²⁰³ Entrevista realizada com Yara Lentz Alves em novembro de 2017, em sua residência, em Florianópolis (SC).

constitucionais, no sentido de a Igreja Católica ter uma influência novamente no governo brasileiro. Conforme os pesquisadores Alessandro Carvalho Bica e Elomar Tambara,

As discussões sobre o ensino religioso nas escolas públicas ressurgem com maior intensidade no final do século XIX, após a promulgação da Constituição da República de 1889, com o estabelecimento da separação do Estado e da Igreja e a laicização do ensino.

Como continuidade da crise iniciada com a Constituição de 1891, no ano de 1925, em face da revisão constitucional prevista pelo governo do presidente da República, Arthur Bernardes (1922-1926), ocorreu uma das questões mais delicadas sobre a incorporação do Ensino Religioso nas escolas do Brasil. A polêmica maior deu-se em torno de duas emendas sugeridas pelo Deputado Plínio Marques.

A primeira delas planejava tornar o Ensino Religioso facultativo para os alunos, sujeitando o poder público a permitir a sua inclusão no currículo das escolas que assim a desejassem; a segunda emenda, igualmente polêmica, tornava como religião oficial do Brasil a Igreja Católica Romana. Tais emendas causaram um grande alvoroço na sociedade, principalmente nos grupos que defendiam a idéia de “Escola Laica”.²⁰⁴

O historiador Pedro Paulo Amorim, em sua tese de doutorado, também escreve sobre a reforma que aconteceu na constituição brasileira na década de 1920, dando maior influência ao catolicismo no Brasil. Ainda, esse autor analisa a Liga Espírita do Brasil, instituição na qual Osvaldo Melo fazia parte quando foi fundada a FEC em 1945. Segundo Pedro Paulo Amorim²⁰⁵,

²⁰⁴ BICA, Alessandro Carvalho, TAMBARA, Elomar. **O Ensino Religioso em Pelotas na Perspectiva do Jornal Estandarte Cristão (1925-1935)**. 2004, p. 1.

²⁰⁵ AMORIM, Pedro Paulo. **As Tensões no Campo Espírita Brasileiro em Tempos de Afirmação** (Primeira Metade do Século XX). 2017. Tese (Doutorado em História) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Florianópolis, UFSC, 2017. p. 96.

A reforma parcial da Constituição Brasileira de 1925 -1926, realizada durante o governo de Artur Bernardes (1922 - 1926), possibilitou uma reação de correntes ligadas ao Catolicismo no interior do Poder Legislativo Federal, em que destacamos a criação de emendas, dispondo sobre o ensino religioso, caracterizando a tentativa de definir o Catolicismo como religião oficial do povo brasileiro. Destacou-se nesse sentido o deputado católico, Plínio Marques, representante do Estado do Paraná, ao introduzir, na reforma, emendas oficializando o estudo do Catolicismo nas escolas do país, o que ficou conhecido como Emendas Plínio Marques ou Emendas Católicas.

De acordo com o historiador Alexandre Rosa Luz, entre as décadas de 1920 ocorreram alguns movimentos “(...) quando oligarquias rurais passam a exercer pressão política, ao mesmo tempo em que nos ambientes urbanos começam a surgir as greves operárias e manifestações culturais e dos militares”²⁰⁶. Conforme esse autor, a Igreja Católica passou a ter uma atuação maior nos últimos governos da Primeira República, se aproximando do poder “(...) e a subida ao poder de Getúlio Vargas e Francisco Campos, nomeado para o Ministério da Educação e Saúde”²⁰⁷. “(...) a importância dessa nomeação se evidencia quando em 1931 dentro da ampla ‘Reforma Francisco Campos’ no ensino, vai passar a ser facultado o ensino religioso nas escolas públicas, através do decreto nº 19.941 de 30 de abril de 1931”²⁰⁸. Alexandre Rosa Luz escreve que “(...) em decorrência (...) vai surgir a Liga Catarinense Pró Estado Leigo (...) como oposição ao pretendido pela Igreja e com o objetivo de manter o atual Estado leigo”²⁰⁹.

Em Florianópolis, foi criada a Liga Catarinense Pró-Estado Leigo, uma ramificação da Coligação Nacional Pró-Estado Leigo. Segundo o historiador Alexandre Rosa Luz, “(...) A Liga Catarinense

²⁰⁶ LUZ, Alexandre Rosa. **Entre a Cruz e a Espada: A Liga Eleitoral Católica e a Liga Catarinense Pró Estado Leigo no início da década de 1930 em Florianópolis**. 2002. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História), UDESC, Florianópolis, 2002. p. 5.

²⁰⁷ Ibidem. p. 6.

²⁰⁸ Ibidem. p. 6.

²⁰⁹ Ibidem, p. 6.

Pro Estado Leigo, entidade de caráter especialmente político, composta principalmente por espíritas, presbiterianos e maçons²¹⁰. Os seus membros mais atuantes e que se candidataram aos cargos eletivos foram Osvaldo Melo, Altino Flores, Gustavo Neves e Laércio Caldeira de Andrada. Os quatro faziam parte de diversas instituições juntos. Osvaldo Melo, Gustavo Neves e Altino Flores eram espíritas. Laércio Caldeira de Andrada era presbiteriano. Com relação a Laércio, deve haver algum parentesco entre ele e Osvaldo Melo, já que o sobrenome da mãe desse último era Caldeira de Andrada. Os quatro chegaram a concorrer para a Assembleia Constituinte de Santa Catarina, representando a Liga Catarinense Pró-Estado Leigo, mas não foram eleitos. Atendendo às orientações da Coligação Nacional, a Liga Catarinense defendia, dentre outros assuntos, o casamento civil e o ensino religioso nas escolas sem estar atrelado a uma religião específica.

A Liga Catarinense Pró Estado Leigo se tornou um partido político. Conforme o historiador Alexandre Rosa Luz, “(...) os políticos defensores do Estado leigo, colocam--se como defensores da liberdade e da tolerância religiosa, acusando a Igreja de estar depondo contra o Estado de direito do país”²¹¹. Os membros da Liga Catarinense Pró Estado Leigo, ainda segundo Alexandre Rosa Luz, procuraram mostrar que (...) “o correto neste momento era manter o deliberado durante a República Velha, ou seja, uma completa separação da Igreja e do Estado”²¹². Nesses primeiros anos da década de 30, em Florianópolis, a Liga Eleitoral Católica e a Liga Catarinense Pró Estado Leigo teriam trocado farpas na imprensa. A Liga Eleitoral Católica no jornal “O Apóstolo” e a Liga Catarinense Pró Estado Leigo no jornal “A Seara”. Osvaldo Melo se colocou à frente contra a Liga Eleitoral Católica no sentido de defender a separação entre a Igreja e o Estado.

3.2.3 Dois momentos de Osvaldo Melo em Blumenau (1934 e 1952)

O primeiro Centro Espírita de Blumenau foi o Fé, Amor e Caridade (CEFAC). Conforme o histórico desse Centro²¹³, uma das fundadoras foi também a primeira presidente, Etelvina Ramos da Luz

²¹⁰ LUZ, 2002. p. 4. A relação entre espiritismo e maçonaria em Florianópolis não será assunto desta dissertação.

²¹¹ Ibidem, p. 36.

²¹² Ibidem, p. 36.

²¹³ Pequeno Histórico do Centro Espírita Fé, Amor e Caridade. Blumenau: Copihaus, 2004.

Mohr. Ela frequentava o Centro Espírita Amor e Humildade do Apóstolo em Florianópolis no começo da década de 1930, na ocasião presidido por Osvaldo Melo. Em Florianópolis, Etelvina teria sido aconselhada por ele a fundar um núcleo espírita em Blumenau, visto que ela se mudaria para essa cidade²¹⁴.

Em 02 de junho de 1934, foi fundado o CEFAC. Osvaldo Melo era um dos membros presentes, conforme se pode constatar no histórico desse Centro e em sua ata de fundação. Veio como presidente do Centro Espírita Amor e Humildade do Apóstolo (CEAHA). A primeira sede desse Centro Espírita em Blumenau foi a casa de um dos trabalhadores, prática muito comum na fundação de outros centros espíritas brasileiros. Ainda de acordo com o histórico do CEFAC, Osvaldo Melo falou para o público presente²¹⁵. Na ata da reunião de fundação, está escrito que “(...) finalmente falou o Sr. Osvaldo Melo que discorreu sobre a bela e grande finalidade do Espiritismo”²¹⁶. O autor da ata, Hercílio Zimmermann, eleito secretário na primeira diretoria desse Centro, usou a palavra “finalmente” para se referir ao momento da palestra de Osvaldo Melo, o que significa que sua fala era esperada. Muito provavelmente foi convidado para a solenidade. Sua presença indica uma liderança no movimento espírita que extrapolava os limites da capital. Em uma época em que as estradas de rodagem eram limitadas, ter a presença de Osvaldo Melo em Blumenau demonstra um estreitamento das relações dele com espíritas além de Florianópolis.

Osvaldo Melo pernitoou em Blumenau, pois, no dia seguinte, 03 de junho, estava presente na primeira reunião do CEFAC enquanto instituição. A reunião ocorreu às 9 horas da manhã e constituiu-se de mensagens recebidas mediunicamente.

Foi aberta a sessão, presidida pelo nosso irmão Osvaldo Melo, presidente do Centro Espírita Amor e Humildade do Apóstolo. Feita a leitura do Evangelho, o referido irmão recebeu por escrito as seguintes comunicações. (...) Seja com todos, as bênçãos do Senhor e Mestre! Que sobre todos que

²¹⁴ De acordo com históricos do Centro Espírita Fé, Amor e Caridade (CEFAC).

²¹⁵ Na ocasião, falaram a presidente eleita do Centro Espírita Fé, Amor e Caridade, Etelvina Ramos da Luz Mohr, o vice-presidente eleito Pedro Zimmendorf falou em alemão para o público presente, e em seguida falou Osvaldo Melo, representando o CEAHA de Florianópolis.

²¹⁶ Conforme a ata da fundação.

se reúnem em Santo Nome, venha a luz necessária para que possam bem compreender os motivos da verdadeira religião. Sim, estou entre os meus amigos e irmãos e como dantes, todas as vezes que queiram encontre em mim um amigo para servi-los em nome do Senhor. Sou Paulo, um dos vossos amigos e guia.²¹⁷

Paulo, que se apresenta como guia, para os espíritas do CEFAC é o guia desse Centro. Coube a Osvaldo Melo presidir a primeira reunião do CEFAC e receber mediunicamente a primeira mensagem, do guia Paulo. Parece que as atas deixam transparecer a presença de Osvaldo Melo como alguém ilustre. Os espíritas de Blumenau confiaram na presença do presidente do CEAHA para dirigir a primeira reunião do CEFAC. Provavelmente porque ele, Osvaldo, era um espírita mais experiente. Ou então porque ele queria mostrar o apoio de Florianópolis na criação desse Centro em Blumenau. Ou porque tenha aceitado o convite para presidir a reunião. Ou, ainda, porque desejasse estreitar laços com espíritas de outras cidades. Seja como for, qualquer dos motivos mostram uma posição destacada de Osvaldo Melo.

A primeira mensagem foi do guia Paulo, do CEFAC, e a segunda foi assinada por Zollener, que se identificou como astrônomo e matemático alemão. Uma mensagem de saudação e otimismo para os médiuns ali presentes²¹⁸. A segunda mensagem, conforme a ata, é mais extensa do que a primeira. O seu teor também é de incentivo para o trabalho que apenas começava no CEFAC.

Que as santas bênçãos de Deus sobre todos esteja! Não se admirem de minha presença aqui. Na Terra já havia compreendido que os humildes são os sábios da divina sabedoria. Eis que tive a coragem de vencer todos os empecilhos e de vencer aqueles que me odiaram, porque proclamei a Verdade, eu estou aqui com os que querem encontrar o mesmo caminho que palmilhei. Aqui eu falo o idioma dos Espíritos, a linguagem do pensamento.

²¹⁷ Ata do CEFAC de 03 de junho de 1934.

²¹⁸ As primeiras reuniões de Centros Espíritas na maioria das vezes são reuniões familiares, experimentais, de cunho mediúnico e eram realizadas na casa de algum dos trabalhadores. Com o CEFAC não foi diferente. O livro Allan Kardec, o Educador e o Codificador trata sobre isso.

E como os astros que daí estudei e contemplei
pelos meus aparelhos que tanto amei, assim, vós,
os médiuns são como esses aparelhos pelo qual os
olhos do mundo e dos descrentes e crentes hão de
contemplar as maravilhas do Criador.

Saúdo-vos!

Zollener (astrônomo e matemático alemão)

A fundação do Centro Espírita Fé Amor e Caridade (CEFAC) é um caso em que se pode perceber a atuação de Osvaldo Melo fora de Florianópolis. Em 1934, ele já tinha uma posição diferenciada diante dos espíritas de Blumenau. E esse fator, em parte, por motivo do papel que desempenhava no Centro Espírita Amor e Humildade do Apóstolo (CEAHA), estando na presidência a partir de 1927. Em algum momento entre 1927 e 1934, Etelvina Mohr foi aconselhar-se com Osvaldo Melo, o que acabou contribuindo para a fundação do primeiro Centro Espírita em Blumenau. Em 1934, Osvaldo Melo tinha mais alguns anos de atuação dentro do CEAHA, e também como funcionário público na Alesc. Por essa época, ele já estava envolvido com a Liga Catarinense Pró-Estado Leigo, da qual era um dos candidatos, motivo pelo qual seu nome aparecia com mais frequência na imprensa de Florianópolis, além das suas colunas semanais. Essa era a sua situação quando viajou para Blumenau em 1934.

Há um segundo momento de Osvaldo Melo na cidade de Blumenau. Esse registro está no histórico do CEFAC. Em 1952, esse Centro Espírita adquiriu sua sede própria. De 1934 até 1952, ele funcionou na casa de alguns trabalhadores espíritas, ficando mais ou menos tempo em três residências diferentes. No ano de 1952, o CEFAC adquiriu um terreno e construiu a sua sede. Uma ocasião especial, como aquela da fundação em 1934. Essa solenidade ficou registrada na imprensa blumenauense²¹⁹. Para esse evento, foram convidadas diversas pessoas. E Osvaldo Melo era uma delas. Na ocasião, ele era presidente da Federação Espírita Catarinense (FEC). A reportagem do Jornal A Nação dava conta de que o Centro Espírita estava cheio de pessoas que vieram para a solenidade. Diversos representantes espíritas de cidades como Rio do Sul, Florianópolis, Itajaí e São Francisco do Sul estiveram presentes, todos sentados à mesa de cerimônia. Etelvina Mohr, primeira

²¹⁹ Centro Espírita Fé, Amor e Caridade – Jornal A Nação de 06 de agosto de 1952.

presidente, veio de Curitiba especialmente para a inauguração da sede própria. Assim ela se refere sobre Osvaldo Melo:

(...) Depois de tomarem assento à mesa do banquete espiritual, todos os representantes das entidades espíritas, o presidente (do CEFAC) Sr. Evaldo Mund, convidou o ilustre confrade Osvaldo Ferreira de Melo, na qualidade de chefe do espiritismo, em Santa Catarina, para presidir a cerimônia.

Convidando a todos para a oração inicial, o presidente pediu ao confrade Edmundo Poses para dizer um Pai Nosso, que foi acompanhando, com toda unção, pela enorme assistência.

Em seguida, o presidente da Federação, deu por inaugurada a nova sede, concedendo a palavra a esse mesmo confrade, 1º tesoureiro do Centro e um dos mais antigos membros da diretoria, que fez o histórico e a exposição do Fé, Amor e Caridade.²²⁰

Outras pessoas fizeram uso da palavra, entre membros do CEFAC, pessoas representando Centros Espíritas de outras cidades, Etelvina Mohr por ser a primeira presidente. E por último falou Osvaldo Melo. Parecia que a sua fala era bastante esperada, segundo a coluna. As palavras usadas para mostrar esse momento e a palestra de Osvaldo Melo dão ideia do apreço dirigido a ele pelos espíritas de Blumenau e também suas qualidades oratórias.

(...) Para finalizar o fraternal conclave, encerrando-o com chave de ouro, levantou-se o consagrado tribuno espírita Osvaldo Melo, jornalista e escritor de grandes méritos conhecido em todo o Brasil.

²²⁰ Centro Espírita Fé, Amor e Caridade – Jornal A Nação de 06 de agosto de 1952.

O apreciado orador deixou suspensa a grande assistência, que o ouviu enlevada, durante uma hora, dissertar sobre a verdade da doutrina espírita.

Ao terminar sua magistral palestra, convidou todos os presentes para um momento de meditação, a fim de se preparar o ambiente para a oração final.

Terminada a prece, o querido Presidente da Federação Espírita Catarinense deu por encerrada a solenidade que deixou em todos os espíritos, uma profunda e agradável impressão.²²¹

Tal como em 1934, coube a Osvaldo Melo presidir a reunião solene e encerrá-la com uma palestra. Ali, nos primeiros anos da década de 50, ele era de fato mais conhecido nacionalmente, não apenas como o presidente da FEC, mas também como escritor, tendo artigos na Revista O Reformador, revista editada pela Federação Espírita Brasileira (FEB), desde o século XIX, e também participado no chamado Pacto Áureo, em 1949, reunião que ajudou a organizar a FEB, através da criação do Conselho Federativo Nacional, composto pelos membros de todas as Federações Estaduais. Além de já ter escrito seus outros dois livros, Epístolas aos Espíritas e Comunicação e Sobrevivência dos Espíritos, consolidando sua posição dentro do subcampo religioso espírita como escritor, orador, médium e líder.

Se Osvaldo Melo, na década de 1930, orientou uma mulher a criar um núcleo espírita numa cidade catarinense, então é possível que ele tenha realizado isso em outras ocasiões, não apenas nos assuntos referentes à fundação de núcleos espíritas, mas no sentido de orientar, aconselhar sobre outros temas, como organização de trabalhos dentro dos Centros, busca de harmonia, posicionamento dos espíritas frente às questões sociais, incentivo do que fazer e do que não fazer nos Centros. Outras pessoas também deviam procurar por ele na busca desses aconselhamentos.

²²¹ Centro Espírita Fé, Amor e Caridade – Jornal A Nação de 06 de agosto de 1952.

3.2.4 A FEC

A Federação Espírita Catarinense foi fundada no dia 24 de abril de 1945²²². Segundo consta no site da Federação Espírita Catarinense, ela surgiu dos anseios da busca pela unificação no Estado, pois já havia cerca de 20 instituições espíritas, sendo dez delas em Florianópolis. Já existiam federações em outros estados brasileiros.

Os seus objetivos seriam os de centralizar a difusão e organização do espiritismo em Santa Catarina, mantendo uma coerência doutrinária, de forma que os princípios fossem os mesmos seguidos em cada Centro Espírita federado. Inicialmente, a sede da FEC funcionou nas dependências do Centro Espírita Amor e Humildade do Apóstolo, Centro esse que era presidido por Osvaldo Melo. Em 1945, quando da fundação da FEC, ele contava 51 anos de idade.

Antes da criação da FEC, Osvaldo Melo e outros espíritas catarinenses participaram de eventos no Paraná. Lá Osvaldo Melo conheceu Lins de Vasconcelos, que havia sido presidente da Federação Espírita do Paraná (FEP). Pouco tempo depois, foi criada a FEC. A primeira reunião aconteceu na sede do CEAHA, presidida por Osvaldo Melo. Espíritas de Florianópolis e outras cidades participaram dessa reunião, em 24 de abril de 1945. Esse encontro, que serviu de fundação da Federação Espírita Catarinense (FEC), foi convocado por Osvaldo Melo. A ata de fundação da FEC dá mais detalhes:

Presentes as diretorias dos Centros e elevado número de pessoas, o confrade Osvaldo Melo, assoma a tribuna e assumindo a direção dos trabalhos preliminares, declara aberta a sessão e convida a tomar assento à mesa, por especial deferência, o confrade João Ghignone, presidente da Federação Espírita do Paraná (...)

A seguir, faz o confrade Osvaldo Melo, uma saudação aos presentes, e aproveita o ensejo para

²²² Em 1916, na cidade de Florianópolis, foi fundada uma instituição chamada Federação Espírita Catarinense. Porém, alguns anos depois, ela mudou o nome para Associação Espírita Amor e Caridade, que existe até hoje. A Federação Espírita Catarinense analisada nesta parte da dissertação é a de 1945 e se mantém até hoje com esse nome.

em ligeiras palavras nomear algumas das finalidades de uma Federação.²²³

Em seguida, Osvaldo Melo pede para o secretário da reunião, Jobel Cardoso, ler os diversos telegramas de presidentes ou representantes de Centros Espíritas de Florianópolis e de outras cidades do Estado. Cidades como Biguaçu, Papanduva, Laguna, Lages, Mafra, Itaiópolis, Joaçaba, Itajaí e Criciúma encaminharam seus telegramas, avisando da impossibilidade de se fazerem presentes na reunião, mas que apoiavam a criação de uma entidade federativa para os espíritas de Santa Catarina.

Após, o secretário Jobel Cardoso faz a chamada das pessoas ali presentes. Representando o Centro Espírita Amor, Fé e Caridade, de Laguna, o secretário Francisco Coelho; pelo Centro Espírita Seara de Amor, do Estreito, o presidente Manoel Pedro Alves; pelo Centro Espírita Luz e Caridade, da Trindade, o presidente Antônio Sebastião Pereira; representando o Centro Espírita Juvêncio de Araújo Figueiredo, o presidente em exercício Sebastião de Carvalho Lima; pelo Centro Espírita Esperança e Caridade de Jesus, da cidade de Florianópolis, o vice-presidente Teodoro Costa; Pelo Centro Espírita José de Nazaré, o presidente em exercício José Maria Pacheco; representando a Associação Espírita Fé e Caridade, de Florianópolis, o presidente João dos Passos Xavier; pelo Centro Espírita Paulo de Tarso, do Estreito, o presidente João Damásio da Rosa; representando o Centro Espírita Amor e Humildade do Apóstolo (CEAHA), o presidente Osvaldo Melo; e representando o Centro Espírita Humildade e Fé, de Passa Vinte – Palhoça, o senhor Jobel Sampaio Cardoso, totalizando dez pessoas, ou dez centros espíritas representados. Os únicos Centros que não enviaram representantes ou telegramas foram o Centro Espírita Caridade de Jesus, de São Francisco do Sul, e o Centro Espírita Fé, Amor e Caridade (CEFAC), de Blumenau. Mas o presidente do Centro Espírita Caridade de Jesus havia, naquele mesmo mês, demonstrado seu apoio para a criação da FEC. E o fato do CEFAC de Blumenau não ter se manifestado pode ser creditado a algum problema dos correios²²⁴.

²²³ Ata de Fundação da Federação Espírita Catarinense, de 24 de abril de 1945. Arquivo da FEC.

²²⁴ Ata de Fundação da Federação Espírita Catarinense, de 24 de abril de 1945. Acervo da FEC.

Reconhecidos os poderes desses delegados, submeteu, o irmão presidente, a apreciação e discussão à idéia da fundação da “Federação Espírita Catarinense”, a qual por unanimidade foi aprovada, ficando assim fundada, nesta cidade de Florianópolis, no dia vinte e quatro de abril de mil novecentos e quarenta e cinco, às dezenove horas e trinta minutos, a “Federação Espírita Catarinense”, por resolução unânime dos delegados presentes, em número de nove, os quais subscrevem a presente ata e são considerados seus fundadores, e bem assim, pelo parecer favorável dos presidentes dos trezes Centros existentes no interior do Estado, que também são tidos como fundadores.²²⁵

Como passo seguinte ao de criação da FEC, Osvaldo Melo solicitou que fosse feita a eleição para uma diretoria provisória. Ele propôs que os Centros Espíritas representados nessa reunião fizessem parte da diretoria provisória, orientação aceita por todos. Realizada a eleição, foi “(...) por aclamação geral eleita e incontinentemente empossada”, a seguinte diretoria provisória:

Presidente – Osvaldo Melo, presidente do Centro Espírita Amor e Humildade do Apóstolo; 1º Vice-Presidente: João dos Passos Xavier – presidente da Associação Espírita Fé e Caridade; 2º Vice-Presidente: Sebastião de Carvalho Lima – Presidente em exercício do Centro Espírita Juvêncio de Araújo Figueiredo; Secretário Geral: Jobel Sampaio Cardoso – 1º Secretário do Centro Espírita Amor e Humildade do Apóstolo; 1º Secretário: Anacleto Damiani – Tesoureiro do Centro Espírita José de Nazaré; 2º Secretário: Teodoro Costa – Vice-Presidente do Centro Espírita Fé, Esperança e Caridade de Jesus; 1º Tesoureiro: Manoel Pedro Alves – Presidente do Centro Espírita Seara de Amor; 2º Tesoureiro: João Damásio da Rosa – Presidente do Centro Espírita Paulo de Tarso; e 3º Tesoureiro: Antônio

²²⁵ Ibidem.

S. Ferreira – Presidente do Centro Espírita Luz e Caridade.²²⁶

Outros assuntos foram debatidos, como a criação dos estatutos da FEC. Para esse fim, foram sugeridos os nomes de Gustavo Neves, Aníbal Climaco Filho e Waldemiro Dias, incumbidos de preparar os estatutos. Um membro do Centro Espírita Amor, Fé e Caridade de Laguna fez uso da palavra, sugerindo alguns itens para o futuro estatuto e fazendo perguntas, as quais foram respondidas em sua totalidade, embora a ata não dê conta de quais perguntas foram essas. O agora eleito Presidente da FEC, Osvaldo Melo, também fez uso da palavra, colocando à disposição da Federação a sede do Centro Espírita Amor e Humildade do Apóstolo como sede provisória enquanto a construção da sede própria não estivesse concluída. Esse oferecimento foi aceito por todos os presentes. Pediu que o representante da Federação Espírita do Paraná (FEP) e “sócio benemérito” do Amor e Humildade do Apóstolo, João Ghignone, tivesse seu nome constado na ata como presença na reunião.

Prosseguindo, o confrade Osvaldo Melo, faz uma vibrante alocução referente àquela solenidade, e acaba congratulando-se agradecendo a comparência e colaboração dos presentes, numa viva demonstração de solidariedade, e por fim, solicita ao confrade João Ghignone, para fazer a prece de encerramento, que por todos foi acompanhado.

Concluída a prece, o irmão presidente, declara encerrada a sessão e manda, que eu, Jobel Sampaio Cardoso, secretário geral, lavre a presente ata, que depois de lida a achada conforme, vai por todos assinada.²²⁷

Com o fim dessa solenidade, Osvaldo Melo tornou-se presidente da FEC, além de acumular a presidência do CEAHA. Um momento de consagração para ele, mas em boa medida, apenas uma formalização de

²²⁶ Ata de Fundação da Federação Espírita Catarinense, de 24 de abril de 1945. Acervo da FEC.

²²⁷ Ata de Fundação da Federação Espírita Catarinense, de 24 de abril de 1945. Acervo da FEC.

algo que já acontecia – a sua relação com outros Centros Espíritas e sua proximidade com trabalhadores dessas Casas, além de um fortalecimento institucional para o espiritismo em Santa Catarina, mas principalmente em Florianópolis, sede da nova Federação. O nome a ser escolhido cairia “naturalmente” a ele, pois, desde a década de 1920, ocupava posições destacadas dentro do espiritismo na Capital, seja como escritor, médium, orador e depois presidente do CEAHA. Porém, o que se percebe é que não houve nada de “natural” nisso. Foram uma série de investimentos em capitais simbólicos dentro e fora do espiritismo, começando pelo de sua própria família, da qual tomaram parte seu pai e seu sogro.

As atas da FEC nos meses seguintes e os anos de 1940 mostram assuntos diversos. Os estatutos da Federação, um pedido de Osvaldo Melo feito na primeira reunião em 24 de abril de 1945, levaram três reuniões para ficarem prontos, entre leitura dos pontos, emendas feitas pelos membros da diretoria até a aprovação, que se deu em março de 1946. Após a aprovação dos Estatutos, ficou definida a data de 31 de março de 1946 para a instalação definitiva da FEC. Escolheu-se a data de 31 de março por ser o aniversário de falecimento de Allan Kardec, em 1869. Nessa reunião, foram lidos telegramas vindos do CEFAC de Blumenau, do Caridade de Jesus e da Federação Espírita do Paraná, congratulando a FEC pela sua instalação. Depois, alguns delegados de Centros Espíritas presentes fizeram uso da palavra, também elogiando o ensejo da Federação. Em seguida, Osvaldo Melo, na condição de presidente, fez uso da palavra.

O irmão Osvaldo Melo agradeceu o comparecimento de todas as entidades espíritas filiadas à Federação, que naquela solenidade justificava o espírito de harmonia e colaboração para uma ação conjunta e construtiva da família espírita catarinense, pelo bem e pelo progresso de todos confrades que a queriam vê-la próspera e feliz, terminando sua inspirada oração com as preces ao estilo.²²⁸

Osvaldo Melo solicitou que os membros presentes na reunião, representantes das casas espíritas federadas, tomassem assento na mesa diretora, em um ato simbólico de união. A diretoria da FEC ficou

²²⁸ Ata da reunião de instalação da Federação Espírita Catarinense, em 31 de março de 1946. Acervo da FEC.

definitivamente constituída como: Presidente – Osvaldo Melo; Vice-Presidente – João dos Passos Xavier; 1º Secretário – Thiago Vieira de Castro; 2º Secretário – Anacleto Vicente Damiani; 1º Tesoureiro – Manoel Pedro Alves e 2º Tesoureiro – João Damásio da Rosa, os quais tomaram posse dos seus cargos.

Um dos assuntos que se debateu em reuniões feitas pela FEC foi a comemoração dos 89 anos da publicação de O Livro dos Espíritos, em abril de 1946. Osvaldo Melo explicou que a comemoração de aniversário da primeira obra espírita de Allan Kardec era um pedido da Liga Espírita do Brasil e ele, Osvaldo Melo, como representante catarinense dessa Liga, informou que os espíritas realizavam essas comemorações em todo o país, e solicitou que Gustavo Neves fizesse uma preleção sobre a vida de Allan Kardec.

Desde abril de 1945, quando a FEC foi criada, até fevereiro de 1952, ela funcionou provisoriamente nas dependências do CEAHA, que em 1945 também era presidido por Osvaldo Melo, o que demonstra a sua influência. Em 1952, a FEC se instalou na Avenida Mauro Ramos, 305. A solenidade contou com a presença de um representante do governador de Santa Catarina, do prefeito de Florianópolis, de Lins de Vasconcelos, de um representante da Federação Espírita Brasileira (FEB) e do presidente da Federação Espírita do Paraná, João Ghignone, membros de centros espíritas de Florianópolis e algumas cidades de Santa Catarina, membros da maçonaria e demais trabalhadores e frequentadores espíritas. A nova sede estava cheia de espectadores, inclusive do lado de fora do prédio. Osvaldo Melo saudou a todos os presentes. Havia uma cortina tampando a entrada do salão. Quando ela foi descerrada, o público presente viu uma mesa adornada de flores. No centro, com flores brancas lia-se a sigla da FEC. Várias pessoas fizeram uso da palavra, dentre elas Lins de Vasconcelos. Foi tocado o hino da FEC, cuja letra e música era de autoria de Osvaldo Melo Filho. Outras dependências da sede nova, no andar inferior, foram igualmente inauguradas, como a biblioteca e o espaço da juventude²²⁹.

3.2.5 O Pacto Áureo de 1949

O Pacto Áureo foi assim chamado porque reuniu, em 1949, os representantes espíritas dos estados brasileiros na cidade do Rio de Janeiro, com o intuito de reorganizar a Federação Espírita Brasileira

²²⁹ Ata de inauguração da sede da Federação Espírita Catarinense, de 15 de fevereiro de 1952. Acervo da FEC.

(FEB). Em 2009, aconteceu ampla comemoração por parte das federativas estaduais, sendo que a FEC e a FEP lançaram livros para homenagear os 60 anos de assinatura do Pacto Áureo²³⁰.

No livro “Sobrevivência e Comunicação dos Espíritos”, editado em conjunto pela FEC e FEB, há uma nota da editora intitulada “A Obra dos Áureos 60 Anos”. Nessas páginas, Osvaldo Melo é homenageado como “(...) um dos signatários do Acordo de União e de Unificação dos espíritas brasileiros²³¹”. Há ainda um *fac-símile* da ata do Pacto Áureo, no qual aparecem as assinaturas dos espíritas representantes de seus estados e que estiveram reunidos no Rio de Janeiro em 05 de outubro de 1949, com destaque para a assinatura de Osvaldo Melo. O texto traz outras explicações:

Há seis décadas, o então presidente da Federação Espírita Catarinense – juntamente com companheiros de outras Entidades Federativas – procurou a FEB e selou-se o “Pacto Áureo”. Neste ínterim, o Conselho Federativo Nacional – órgão da Unificação e da Organização Federativa da FEB -, criado com base no histórico Acordo citado, cumpriu uma profícua trajetória de estímulo à união dos espíritas e de unificação do Movimento Espírita de nosso país, num contínuo processo de interação com as Entidades Federativas Estaduais, tendo por objetivo maior a difusão da Doutrina Espírita.²³²

Aqui uma figura central é Lins de Vasconcelos, que teve tanto uma participação na criação da FEC, em 1945, como também um importante papel para esse evento chamado de Pacto Áureo pelos espíritas. No livro “Pacto Áureo: A Vitória da Fraternidade”, de autoria da FEP, tem-se algumas informações biográficas sobre ele. Nascido na Paraíba em 1891, ingressou na FEP em 1912, ocupando sua presidência

²³⁰ A FEC lançou o livro Sobrevivência e Comunicação dos Espíritos, obra de Osvaldo Melo, porque ele foi o secretário e escreveu a ata do Pacto Áureo em 1949. Um dos representantes juntamente com Lins de Vasconcelos do Paraná, por isso que a FEP lançou o livro Pacto Áureo: A Vitória da Fraternidade. Como a FEP teve influência na organização da FEC, esses dois livros foram analisados para compreender, do ponto de vista do espiritismo, esse evento.

²³¹ MELO, 2009, p. 11.

²³² MELO, 2009, p. 11.

durante quatro mandatos entre 1916 e 1929. Transferiu-se para o Rio de Janeiro, mas continuou como membro honorário da FEP. O livro cita ainda um Congresso Brasileiro de Unificação Espírita, realizado em São Paulo em 1948, que teria servido como base dos princípios e normas que norteariam o Pacto Áureo. Em 05 de outubro de 1949, ele foi um dos seus signatários, representando a Liga Espírita do Brasil, instituição que Osvaldo Melo também fazia parte.

Industrial e comerciante, às custas de seu trabalho honesto e cansativo, acumulou impressionante fortuna sem qualquer propósito egoísta. Ajudava necessitados e instituições de diversos credos. Vitimado pela angina pectoris e sentindo próximo o seu fim carnal, doou quase todos os seus bens para as obras da educação da Federação Espírita do Paraná, nomeando João Ghignone e Abibe Isfer seus administradores.

A terrível e dolorosa doença o levaria à desencarnação em 21 e março de 1952.²³³

Como seria de se esperar, o livro preparado pela FEP enfoca a atuação de Lins de Vasconcelos, enquanto o livro editado pela FEC e FEB destaca Osvaldo Melo. A respeito do Pacto Áureo e porque ele virou um símbolo para o espiritismo, a FEB já existia desde 1884, coordenando as publicações espíritas de Allan Kardec e outros autores, bem como fazendo os trabalhos de caridade, chamados de Auxílio aos Necessitados, a partir de 1895. Mas não tinha muito controle sobre as casas espíritas brasileiras, pois muitos estados também não estavam organizados. A FEP foi criada em 1902, mas a FEC somente em 1945.

O acordo celebrado entre a Federação Espírita Brasileira e as instituições representativas dos Estados, denominado PACTO ÁUREO, assinado no Rio de Janeiro em 05 de outubro de 1949, modificara o rumo do Movimento Espírita no Brasil, imprimindo-lhe seguras diretrizes.

Após os esforços de líderes notáveis, imbuídos do ideal espírita, deu-se a vitória da fraternidade sobre os interesses mundanos de alguns e as

²³³ FEDERAÇÃO Espírita Paranaense. **Pacto Áureo: A Vitória da Fraternidade**. Curitiba: FEP, 2009, p. 82.

intenções desagregadoras de outros, prevalecendo o bom senso de todos.

Pacientemente, elevados benfeitores, instruídos pela misericórdia do Cristo (...) orientaram as almas para a grandiosa sementeira dos grãos abençoados da Fé Renovadora.²³⁴

Entretanto, o chamado Pacto Áureo não aconteceu de maneira ordeira e tranquila como a FEB e a FEC defendem. O historiador Pedro Paulo Amorim, em sua tese de doutorado em História, coloca que essas federações, enquanto entidades oficiais do espiritismo no Brasil, queriam deter o monopólio da representatividade, no subcampo religioso espírita. Muitos intelectuais espíritas não concordaram com o Pacto Áureo e houve dissidentes.²³⁵

O que significou para Osvaldo Melo participar desse evento no Rio de Janeiro? Ele possuía uma influência em Santa Catarina e em 1949, tinha quatro anos exercendo a posição de Presidente da FEC. Fez parte de um grupo de espíritas, dentre eles, Lins de Vasconcelos, que tiveram uma participação nacional dentro do espiritismo. Osvaldo Melo foi o secretário, função que já exercera em diversas outras entidades espíritas e não espíritas, desde o começo da década de 1920. Na condição de secretário, não era ele o líder do grupo, nem o mais destacado, mas fazia parte da tomada de decisões e estava a par dos acontecimentos envolvendo o Pacto Áureo. No ano de 1950, um grupo de espíritas que participou da assinatura do Pacto Áureo viajou durante alguns meses pelos estados do norte e do nordeste do Brasil, que ainda não tinham federativas estaduais, com o intuito de organizar essas instituições, para elas ficarem de acordo com a FEB sediada no Rio de Janeiro²³⁶.

²³⁴ Ibidem. p. 7.

²³⁵ AMORIM, 2017.

²³⁶ O livro Pacto Áureo: a Vitória da Fraternidade detalha essa viagem, que recebeu o nome de Caravana da Fraternidade e ocorreu durante alguns meses no ano de 1950, atingindo estados brasileiros da região norte e nordeste.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No primeiro capítulo, mostrou-se que a trajetória de Osvaldo Melo começou com as aspirações de sua família, que o matriculou no Colégio Catarinense. Sua presença nesse ambiente escolar, desde 1906, quando começaram suas aulas, fez parte de uma série de estratégias familiares para adquirir novos capitais culturais e simbólicos na Florianópolis no começo do século. A cidade passava por uma série de transformações, visando ao embelezamento e a busca de um ideal de modernidade, agora que o país era uma República. Os católicos se reinventaram e buscaram na educação uma maneira de manter e firmar os seus valores para os filhos das elites. Osvaldo Melo beneficiou-se desse ambiente na capital, que deixava de ser provinciana e aspirava à modernidade. Osvaldo Melo, ele, filho de um funcionário público e músico, recebeu, dentro do Colégio Catarinense, uma série de valores que foram incorporados no seu capital, no seu *habitus*, e passou a fazer parte da classe média letrada. Além disso, conheceu vários estudantes, também eles filhos da elite, que se destacaram nos anos seguintes dentro do intelectualismo da capital, no jornalismo e no funcionalismo público.

As amizades e a participação na imprensa, advindos após os estudos no Colégio Catarinense, permitiram-lhe entrar na recém-fundada Academia Catarinense de Letras e depois fazer parte da Associação Catarinense de Imprensa. O Colégio Catarinense, A ACL e a Alesc fizeram parte dos capitais simbólicos que permitiram Osvaldo Melo ser alçado líder do espiritismo em Santa Catarina.

Dentro do espiritismo, Osvaldo Melo se tornou um espírita atuante, participando de sessões familiares, frequentando o CEAHA, e a partir de 1926/1927, tornando-se presidente desse Centro. Escreveu também sua primeira obra espírita, “O Heroísmo da Humildade”. Isso sem prescindir desse movimento intelectual que participava, pois ele frequentava do movimento político e intelectual de Florianópolis, dentro de partidos políticos, em jantares, em discursos no Palácio Cruz e Sousa, representando autoridades. Também como secretário em diversas instituições e grupos, fazia parte da tomada de decisões, dialogava com os intelectuais e líderes. Não seria possível a trajetória de Osvaldo Melo dentro do espiritismo se não acontecesse essa sua participação no campo cultural e social de Florianópolis.

No segundo capítulo, apresentou-se Osvaldo Melo e sua atuação na doutrina espírita. A partir da década de 1920, ele se torna um orador, participa de sessões mediúnicas, realiza homeopantias e começa a escrever. Passa a ser um intelectual espírita, mostrando, em seus

escritos, amplo domínio de conhecimento dos postulados da referida doutrina. Na década de 1930, tem uma participação mais envolvente na política, tomando parte na Liga Catarinense Pró-Estado Leigo e escrevendo seus outros dois livros, o que demonstram seus conhecimentos e seu engajamento. Além de ser um intelectual espírita, ele torna-se uma voz autorizada dentro do movimento espírita, inicialmente em Florianópolis, depois em outras cidades do estado. No caso da Liga Catarinense Pró-Estado Leigo, ele se tornou uma voz autorizada diante de situações envolvendo o estado, defendendo a liberdade de crença. E se torna uma voz autorizada dos espíritas auxiliando na organização dos núcleos espíritas, passando a representar o espiritismo em outros estados brasileiros, e com a criação da FEC em 1945 e o Pacto Áureo em 1949, transformando-se um defensor dos interesses espíritas em Santa Catarina. No fim de sua vida, quando alcançou a terceira idade, ele permaneceu com sua atuação na imprensa espírita e não espírita e na oratória, defendendo e manutenção da organização dentro do movimento espírita.

Com tudo isso, esta dissertação desmistifica a ideia de alguém predestinado a se tornar um líder, alguém preparado desde o berço para tomar um lugar de destaque, conforme os conceitos de Pierre Bourdieu em “A Ilusão Biográfica”. Osvaldo Melo fez uso dos seus capitais simbólicos e culturais adquiridos com sua família e no Colégio, para construir uma carreira dentro do funcionalismo público e na imprensa, ao mesmo tempo que adquiria espaço dentro do subcampo religioso espírita. Sua trajetória dentro do espiritismo contou com várias especificidades (oratória, escrita, imprensa, homeopatia, atender as pessoas de manhã cedo no CEAHA antes de ir para o seu trabalho na Alesc, a mediunidade, artigos na imprensa). Os capitais combinados (sociais, simbólicos e culturais) de Osvaldo Melo permitiram que ele adquirisse essa posição no subcampo. A sua posição como intelectual espírita e porta-voz autorizado dentro do subcampo foi possível com essa combinação de capitais, de diversos campos (literário, Ginásio Catarinense, funcionalismo público). Esta dissertação mostrou a atuação de outros espíritas que auxiliaram para que isso acontecesse. Alguns desses espíritas também faziam parte do movimento intelectual da capital.

Fica claro também, diferente da posição oficial da Federação Espírita Catarinense, que o objetivo maior de Osvaldo Melo não foi a criação da FEC. Essa instituição foi mais uma das ações possíveis de serem realizadas por ele dentro do subcampo, com os capitais que ele detinha e a sua posição. Inclusive, é possível perceber que o CEAHA já

exercia uma função de polarizador dos interesses espíritas catarinenses (basta ver que ele se apresentou como presidente do CEAHA na inauguração do CEFAC de Blumenau em 1934). Aliás, com esta dissertação, que analisou a trajetória de Osvaldo Melo, ficou demonstrado que o subcampo espírita catarinense estava em desenvolvimento. A maioria dos centros espíritas estava no litoral (Florianópolis, Laguna, São Francisco do Sul). Somente na década de 1940, quando outros centros espíritas foram inaugurados no interior do estado, é que tornou-se possível organizar dentro do subcampo a ideia de uma Federação.

Osvaldo Melo foi mostrado, nesta dissertação, ligado ao Ginásio Catarinense, à Academia Catarinense de Letras, à Imprensa de Florianópolis, ao Instituto Histórico e Geográfico Catarinense e à Assembleia Legislativa do Estado de Santa Catarina. Entretanto, uma faceta não foi abordada: a de fazer parte da maçonaria. Na pesquisa para este trabalho, foi identificado que ele fazia parte de uma loja maçônica, porém, por causa das poucas informações levantadas e com o temor de não dar conta desta faceta para a dissertação, optou-se em não abordar a ligação de Osvaldo Melo com a maçonaria. O que se pode imaginar, entretanto, é que muitos dos homens que conviveram com ele nas funções públicas, literárias e na imprensa, também fizeram parte da maçonaria. É certamente um caminho possível para a continuidade desta pesquisa. Analisar a trajetória de Osvaldo Melo não somente dentro do subcampo espírita catarinense, mas sim sua trajetória dentro da maçonaria e quais as relações disso com o subcampo espírita. Há, também, os seus artigos de jornal publicados ao longo de décadas na imprensa de Florianópolis e que não foram analisados dentro desta dissertação, os quais certamente renderiam desdobramentos para a pesquisa ou outros olhares. Da mesma maneira, os artigos publicados em jornais e revistas espíritas, como o A Revelação, órgão da FEC, e O Reformador, órgão da FEB. Outro possível caminho para continuidade desta pesquisa é analisar sua relação dentro do subcampo espírita em relação aos outros espíritas, posto que ele é um espaço de tensões e conflitos. Será que não teriam outros líderes, outros espíritas influentes durante as décadas de 1920 e 1930, quando Osvaldo Melo adquiriu uma projeção dentro do subcampo? Como ele fez para lidar com estas tensões? Nesse sentido, existem outros documentos dentro da FEC e do CEAHA que podem ser consultados para analisar essa questão. Trata-se de outro ponto a ser investigado. Enfim, Osvaldo Melo esteve envolvido em diversos espaços e há muito a escrever sobre ele e sua trajetória.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Márcia. **Entre a Folia e a Sacristia: As (Re) Significações e Intervenções da Elite Clerical e Civil na Festa do Divino em Florianópolis (1896-1925)**. 1999. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, UFSC, Florianópolis, 1999.

ALVES, Yara Lentz. Entrevista concedida a Luiz Cláudio São Thiago de Melo Altenburg. Florianópolis, nov. 2017.

AMORIM, Pedro Paulo. **Renovação Cristã: de Kardec a Lutero**. O papel do livro na cisão do Movimento Espírita Brasileiro (1949-2010). Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Florianópolis, UFSC, 2011.

_____. **As Tensões no Campo Espírita Brasileiro em Tempos de Afirmação** (Primeira Metade do Século XX). 2017. Tese (Doutorado em História) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Florianópolis, UFSC, 2017.

ARAÚJO, Hermetes Reis de. **A Invenção do Litoral: reformas urbanas e reajustamento social em Florianópolis na Primeira República**. 1989. Dissertação (Mestrado em História), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1989.

_____. Medicalização e Controle Social: reformas urbanas em Florianópolis na Primeira República. Florianópolis: **Anais eletrônicos do 15º Seminário Nacional de História da Ciência e da Tecnologia**, 2016.

ARRIBAS, Célia da Graça. **Afinal, Espiritismo é religião?** A doutrina espírita na formação da diversidade religiosa brasileira. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

AZAMBUJA, Rodrigo Cavalcanti de. **Caravanas de Divulgação: Histórias de Espiritismo Familiar**. Porto Alegre: Francisco Spinelli, 2011.

BARROS, Guilherme Sauerbronn de; HOLDERBAUM, Flora Ferreira. “Pequena Arte da Expressão do Violino” e Considerações sobre a

Música de Salão em Desterro e São José. **DAPesquisa, periódico eletrônico do Centro de Artes** (CEART) da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). n. 8, p. 418-435, 2011.

BICA, Alessandro Carvalho; TAMBARA, Elomar. **O Ensino religioso em Pelotas na perspectiva do jornal Estandarte Cristão (1925-1935)**. III Congresso Brasileiro de História da Educação, Curitiba PR, v. 02, 2004.

BOURDIEU, Pierre. **A Distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2007.

_____. **A Economia das Trocas Simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2013.

_____. **Escritos de Educação**. NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (org.). Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

_____. A Ilusão Biográfica. In. FERREIRA, Marieta de Moraes. AMADO, Janaína. **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

_____. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero. 1983.

CENTRO ESPÍRITA FÉ AMOR E CARIDADE (CEFAC) – atas de fundação da instituição.

CORRÊA, Carlos Humberto Pederneiras. **Lições de Política e Cultura: A Academia Catarinense de Letras, sua criação e relações com o poder**. Florianópolis: Coleção ACL, Vol.8, 1996.

CORRÊA, Carlos Humberto Pederneiras. **História da Cultura Catarinense**. Vol.1 O Estado e as Ideias. Florianópolis: Editora da UFSC: Diário Catarinense, 1997.

COSTA, Gláucia Dias da. **Vida noturna e cultura urbana em Florianópolis** (Décadas de 50, 60 e 70 do século XX). Florianópolis: UFSC. (Dissertação de Mestrado em História), 2005.

DALLABRIDA, Norberto. **A Fabricação Escolar das Elites. O Ginásio Catarinense na Primeira República.** Florianópolis: Cidade Futura, 2001.

ELIAS, Norbert. **Mozart:** Sociologia de um Gênio. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995.

FEDERAÇÃO ESPÍRITA CATARINENSE (FEC) – atas de fundação e dos primeiros anos (década de 1940).

FEDERAÇÃO ESPÍRITA PARANAENSE. **Pacto Áureo:** A Vitória da Fraternidade. Curitiba: FEP, 2009.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa.** 5ª Ed. Curitiba: Positivo, 2010.

GIUMBELLI, Emerson. Caridade, Assistência Social, política e cidadania: práticas e reflexões no espiritismo. In: LANDIM, Leilah (org). **Ações em Caridade:** militância, caridade, assistência etc. Rio de Janeiro: NAU, 1998.

_____. **O Cuidado dos Mortos:** uma história da condenação e legitimação do espiritismo. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1997.

_____. Heresia, doença, crime ou religião: o Espiritismo no discurso de médicos e cientistas sociais. **Revista de Antropologia**, São Paulo, V.40, n. 2, 1997, p. 31-82.

GOMES, Adriana. **A Criminalização do Espiritismo no Código Penal de 1890:** As Discussões nos Periódicos do Rio de Janeiro. Revista Ágora, Vitória, n. 17, 2013, p.62-76.

ISAIA, Artur César. O Campo Religioso Brasileiro e suas Transformações Históricas. **Revista Brasileira de História das Religiões**, Ano I, n. 3, Jan. 2009, p. 95-105.

ISAIA, Artur César. A República e a Teleologia Histórica do Espiritismo. In: ISAIA, Artur César; MANOEL, Ivan Aparecido (orgs.). **Espiritismo e Religiões Afro-Brasileiras.** SP: Ed. Unesp, 2012, p. 5-32.

KARDEC, Allan. **A Gênese**. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2002.

_____. **O Evangelho Segundo o Espiritismo**. Brasília: Federação Espírita Brasileira, 2013.

_____. **O Livro dos Espíritos**. Brasília: Federação Espírita Brasileira, 2013.

_____. **O Livro dos Médiuns**. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2000.

KLUG, João. **Consciência Germânica e Luteranismo na Comunidade Alemã de Florianópolis (1868-1938)**. 1991. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, UFSC, Florianópolis, 1991.

LEWGOY, Bernardo. Representações de ciência e religião no espiritismo kardecista: antigas e novas configurações. **Civitas**, Porto Alegre, v.6, n.2, jul./dez. 2006, p. 151-167.

_____. A Transnacionalização do Espiritismo Kardecista Brasileiro: uma Discussão Inicial. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 28, n. 1, p. 84-104, 2008.

LUZ, Alexandre Rosa. **Entre a Cruz e a Espada: A Liga Eleitoral Católica e a Liga Catarinense Pró Estado Leigo no início da década de 1930 em Florianópolis**. 2002. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História), UDESC, Florianópolis, 2002.

MATOS, Felipe. **Armazém de Província: vida literária e sociabilidades intelectuais em Florianópolis na Primeira República**. 2014. Tese (Doutorado em História) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, UFSC, Florianópolis, 2014.

MATSUMOTO, Madalena. Entrevista concedida a Luiz Cláudio São Thiago de Melo Altenburg. Blumenau, nov. 2017.

MELO, Osvaldo. **A Verdade Revelada**. Florianópolis: Typografia da Livraria Moderna, 1922.

_____. **O Heroísmo da Humildade**. Florianópolis: Imprensa Oficial, 1926.

_____. **Sobrevivência e Comunicação dos Espíritos**. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2009.

_____. **Epístolas aos Espíritas**. Florianópolis: Federação Espírita Catarinense, 2013.

MICELI, Sérgio. *A Elite Escolástica Brasileira*. 1985. Tese (Livre Docência em Sociologia). Universidade de Campinas, São Paulo, 1985.

MONTAGNER, Miguel Ângelo. Trajetórias e biografias: notas para uma análise Bourdieusiana. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 9, nº 17, jan./jun. 2007, p. 240-264.

NOVO TESTAMENTO – Traduzido em português por João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada no Brasil. 2ª Ed. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2011.

PIAZZA, Walter Fernando. **Dicionário Político Catarinense**. Florianópolis: edição da Assembleia Legislativa do Estado de Santa Catarina, 1985.

RAMOS, Denize. LUDVIG, Irineu Celso. **CEAHA 100 Anos 1910-2010**. Florianópolis: Gráfica Natal. 2010.

REIBNITZ, Cecília de Sousa. **A Literatura Catarinense a partir da Revista Terra**: canonização, crítica literária e sociabilidades. 2016. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, UFSC, Florianópolis, 2016.

ROCHA, Sandra Vieira. **O presbiterianismo Independente em Santa Catarina**. 1995. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, UFSC, Florianópolis, 1995.

ROMANELLI, Geraldo. Famílias de camadas médias e escolarização superior dos filhos. In: NOGUEIRA, Maria Alice; ROMANELLI, Geraldo; ZAGO, Nadir (orgs.). **Família e Escola**: trajetórias de

escolarização em camadas médias e populares. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

ROSA, Maristela da; DALLABRIDA, Norberto. Uma mulher de vanguarda: trajetória social de Eglê Malheiros. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 22, n. 2: 429-447, maio-agosto/2014.

S. THIAGO, Arnaldo Claro. **Centro Espírita Caridade de Jesus:** Homenagem ao Guia Dr. Leocádio José Corrêa na data do 1º centenário do seu nascimento. Florianópolis: Escola Industrial de Florianópolis, 1948.

SERPA, ÉlioCantalício. **Igreja e Poder em Santa Catarina.** Florianópolis: Editora da UFSC, 1997.

SILVA, Fábio Luiz da. A Utopia Espírita: A Cidade Espiritual Nosso Lar. In: ISAIA, Artur César; MANOEL, Ivan Aparecido (orgs.). **Espiritismo e Religiões Afro-Brasileiras.** SP: Ed. Unesp, 2012, p. 5-32.

SOUZA, Rogério Luiz de. Desejos de Civilidade e Ser Moderno: Uma História sobre o nascimento da Diocese de Florianópolis. In: SOUZA, Rogério Luiz de; OTTO, Clarícia. **Faces do Catolicismo.** Florianópolis: Insular, 2008.

SOUZA, Rogério Luiz de. **Uma história inacabada:** Cem anos do Colégio Catarinense. São Leopoldo: Editora UNISINOS, 2005.

STOLL, Sandra Jacqueline. **Espiritismo à Brasileira.** 1999. Tese (Doutorado em Antropologia) – Centro de Filosofia, Letras e Ciências Sociais, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

TÁPIA, José Eliachim Barros. Algumas pedras, uma moeda: tensões entre presbiterianos e católicos em Florianópolis. 2001. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História). UDESC, Florianópolis, 2001.

WANTUIL, Zêus, THIESEN, Francisco. **Allan Kardec:** o educador e o codificador. Vol.1. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2004.

WANTUIL, Zêus; THIESEN, Francisco. **Allan Kardec**: o educador e o codificador. Vol.2. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2004.